

REVISTA DA SEMANA

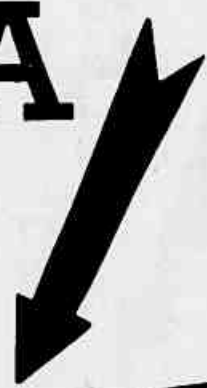
Ano XLV — N.º 11 — 11 de Março de 1944 — Cr\$ 2,50 na Capital — Cr\$ 3,00 nos Estados



NO TEXTO: **"SEMPRE ESTIVE COM A ACADEMIA DE LETRAS"**
ENTREVISTA COM O ESCRITOR JORGE DE LIMA
E UM NOVO MAPA DA GUERRA

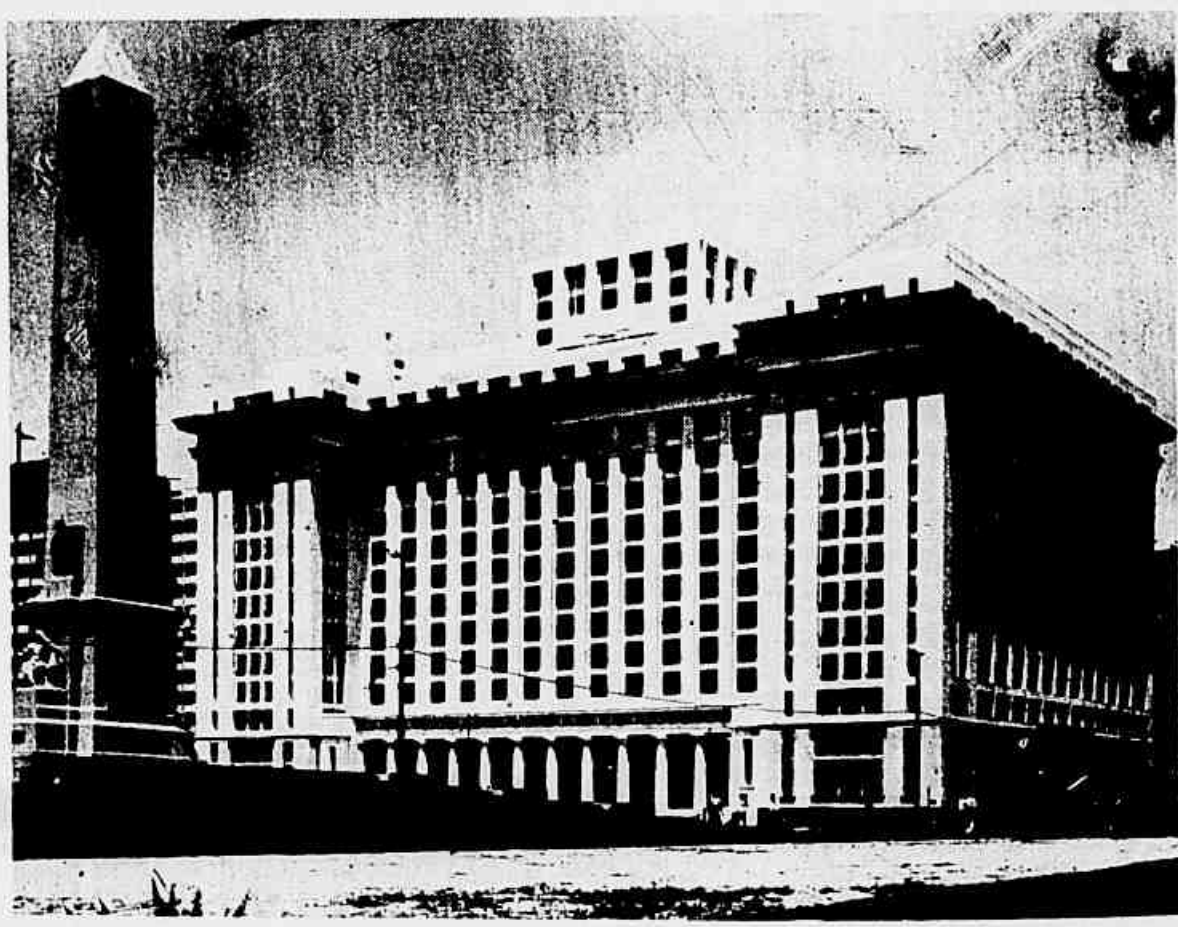
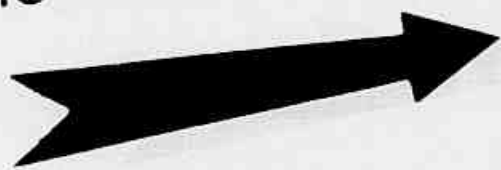
UMA NOVA AGÊNCIA

para melhor servir



AGORA

na Esplanada do Castelo, no novo
edifício do Ministério da Fazenda.



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

DO RIO DE JANEIRO

A Caixa Econômica vai ao seu encontro. Em cada
bairro há uma agência para a sua comodidade.

O TEMPO PASSOU...

Esteve três dias no Rio, em trânsito para Montevideo, o chefe da missão diplomática da Rússia no Uruguai. Com sua senhora e suas filhas, recebeu os jornalistas, conversou, conseguiu uma simpatia unânime. Os visitantes, que talvez chegassem assustados, partiram seduzidos. Um deles, diante do riso claro da senhorita Ludmila Orlov, não se pôde conter e perguntou:

— Na U.R.S.S. tôdas as môças são alegres e bonitas assim?

Ela respondeu:

— Na U.R.S.S. tôdas as môças são alegres. Si são bonitas... isso depende dos senhores...

Há treze anos, uma revista de Paris mandou um representante ao país dos Soviets. Antes de embarcar, amigos aflitos lhe disseram:

— Sabe-se quando se vai, não se sabe quando se volta.

— E como você se arranjará para comer e dormir?

— Essa viagem é um suicídio! Pense na sua família!

Não houve nada... O homem voltou. A revista fez o número, que foi proibido de circular na Itália, na Alemanha, na Polônia, na Hungria e nos et ceteras. Então, a moda era gritar:

"Trágico regime que ameaça nos invadir!"

"Não se admitirá numa terra civilizada um modo de vida próprio para selvagens."

"Defendamo-nos das feras!"

Uma senhora quis saber:

— Na U.R.S.S. não existem mais pessoas muito ricas, existem?

Um cronista mundano:

— Todos se vestem iguais, não é?

Um político:

— Qual! Tôdas as formas de govêrno se assemelham. Não me convencerá de que os dirigentes vivem como o povo. Governar é aproveitar...

Um anti-semita:

— Viu fuzilamentos nas ruas? Si não viu, não viu nada!

Alguns pediam que lhes contasse a Rússia em duas palavras.

Alguns indagavam si lá se usava chapéu:

— Não? E' curioso. Que povo engraçado!

Alguns exclamavam:

— Não me fale de tais bárbaros! Um país onde as mulheres são livres!

Entendidos:

— Eles escapam da fome pelos abortos em massa.

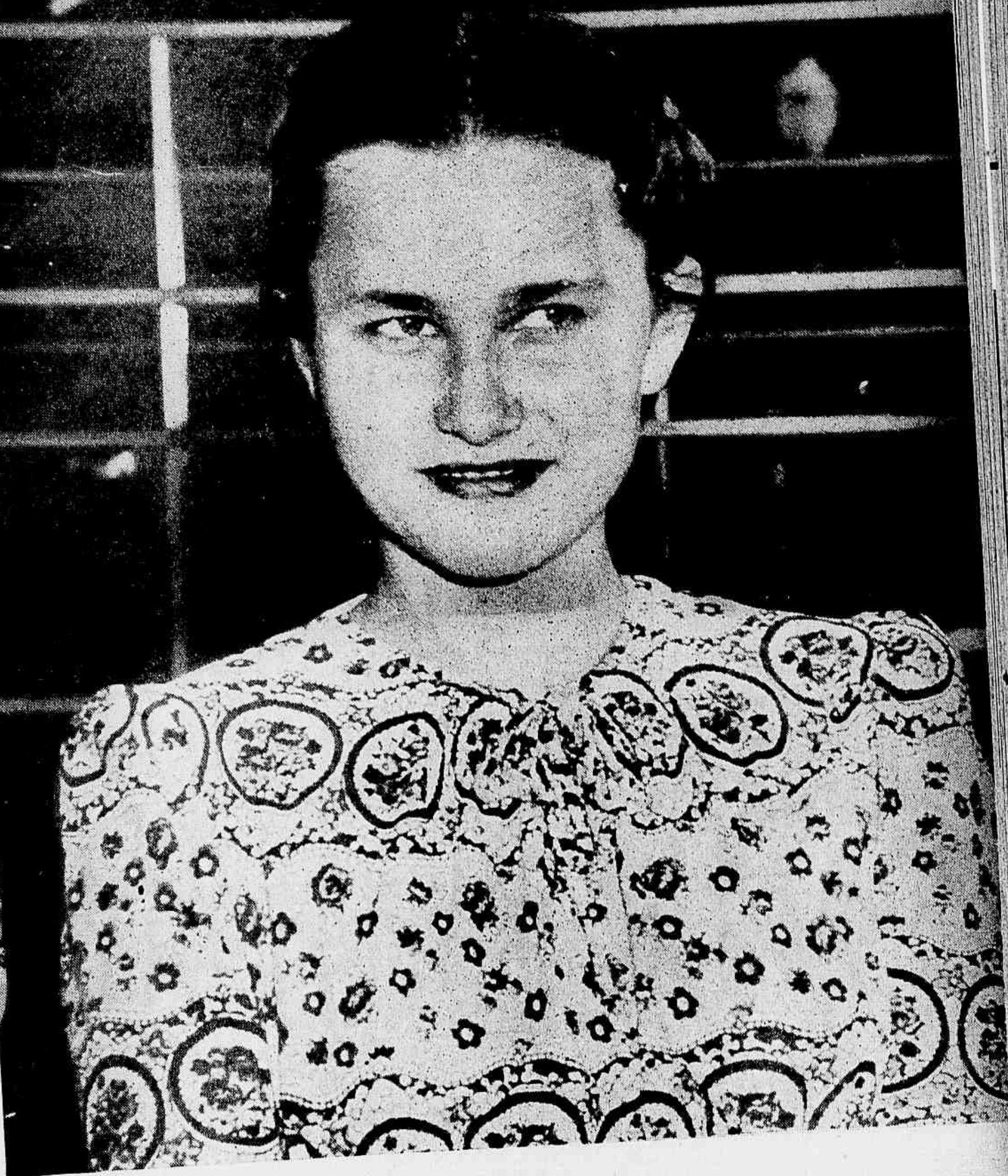
Um industrial:

— Muito prazer em encontrá-lo. Desejo que me informe sobre tudo o que viu na U. R. S. S. Mas fique sabendo desde já que não mudarei de opinião.

Um, dado à economia:

— Preços baratos! Claro. Os operários não são pagos!

Em geral, na frente:



A Sta. Ludmila Orlov
(Foto gentilmente cedida por "O Globo").

— O que espanta é que voltasse!

Em geral, nas costas:

— Voltou da Rússia! E elogiando?... Foi pago por Stalin...

Si não foi, é um idiota...

Com adubos do mesmo gênero, se espalhou pelo planeta o horror da Rússia, e em cima dêle o fascismo, em formas variadas, cresceu, poluiu, descompôs a vida. Os que não se lembravam em voz alta da inquisição, erguiam a bandeira da civilização cristã. Os indiferentes aos pormenores pensavam apenas nos seus negócios. A concorrência da Rússia nos mercados internacionais... aí é que ela era perigosa... Olhos abertos encheram os olhos fechados, de cataratas... Quando os olhos fechados tentaram se abrir, só viram sombras... trevas... Guerra da Abissínia... Guerra da Espanha... A Austria sumida na Alemanha... A Albânia sumida na Itália... Stdetos... Munique... A grande guerra, enfim!

Enfim, a verdade! Mussolini, "p'ra cucúia"! Hitler batendo com o cérebro na cerca... O Japão à procura de pérolas no fundo do mar... E os govêrnos da Argentina, que correm uns atrás dos outros, para tomar o último trem de Berlim...

Velho Marinetti, apesar de triste, entrego os pontos a você:

— "A guerra é a higiene dos povos"...

A L V A R O M O R E Y R A



Peço a palavra, meus senhores!

A oratória é uma das mais velhas artes humanas, talvez a mais antiga de todas. Os primeiros discursos pronunciados neste mundo perdem-se na longa noite dos tempos. Basta dizer que, muito antes do nascimento de Cristo, a eloquência e a retórica já haviam chegado aos seus modelos mais perfeitos, às suas obras-primas insuperáveis, com o gênio grego de Esquines, Demóstenes e tantos outros. Logo depois, a Roma Republicana seguiu o exemplo de Atenas, surgindo então os oradores maravilhosos, como Cícero, Catão, Catilina, o próprio Júlio César.

Dentre todos esses vultos o que mais se destaca é, incontestavelmente, Demóstenes... O incomparável Demóstenes, palavra de fogo, resplendendo em frases inesquecíveis.

No entanto, era gago! E gago desses que têm crises terríveis de atrapalhamento verbal, arroxando-se de raiva ao empancar no meio da conversa!

Para vencer o defeito e realizar a sua vocação de tribuno, Demóstenes submeteu-se aos maiores sacrifícios. Conta-se que passava dias e dias, passeando pelas praias do Pireu, com uma pequena pedra dentro da boca... e berando, berrando... Queria ver se assim curava a gagueira...

E curou mesmo! Num verdadeiro milagre, esse homem de língua presa tornou-se a voz mais vibrante, mais estridente e mais inspiradora que o mundo antigo conheceu... Foi ele quem primeiro elevou a eloquência à posição

A EXEMPLO DO QUE FIZEMOS EM NOSSA EDIÇÃO ANTERIOR, OFERECEMOS AOS LEITORES UMA NOVA CRÔNICA DA SÉRIE "BIBLIOTÉCA DO AR", QUE A RADIO MAYRINK VEIGA APRESENTA SEMANALMENTE, SOB A ORIENTAÇÃO DE GENOLINO AMADO E CUJA REPRODUÇÃO ESTÁ DEVIDAMENTE AUTORIZADA. (FOTOS GENTILMENTE POSADAS PELO ATOR PINTO FILHO)

de uma arte magnífica, apreciada em todos os tempos...

Mas, se a oratória sempre teve apreciadores apaixonados, também nunca deixou de ter inimigos ferozes...

Um deles foi Gilbert Chesterton, o grande escritor e humorista inglês. Era um adversário inconciliável de todos os discursos. E daí resultou mesmo uma das suas melhores pilherias na vida.

O caso passou-se assim: Chesterton comparecera a um banquete, oferecido em sua honra. Mas, à sobremesa, os amigos insistiram para que ele falasse... O humorista protestou, esquivou-se quanto pôde... Teimaram os outros. Afinal, Chesterton viu-se obrigado a atendê-los.

Mas que exquisites discurso o que proferiu! Consistiu num apólogo. O autor de "A Espada e a Cruz" narrava uma fábula, acontecida no tempo de Nero. Passava-se a história no circo romano. Mártires cristãos foram lançados às feras e quando se abriram os portais e entraram os tigres para devorar as pobres vítimas do paganismo, eis que acontece uma coisa maravilhosa. É que um velhinho conseguira salvar-

se da sanguinolenta morte e salvara-se de um modo misterioso, surpreendente. Quando uma fera avançava para devorá-lo, o velho murmurava baixinho algumas palavras ao ouvido do tigre. E esse fazia uma cara feia e retirava-se. O caso produziu enorme sensação, como não poderia deixar de ser. Nero morrendo de curiosidade prometeu garantir a vida do velho se este confessasse o que dissesse aos tigres. E sabem o que foi? — perguntou Chesterton aos companheiros. Foi apenas o seguinte: quando uma fera se aproximava, o velho dizia-lhe calmamente: — Veja bem, tigre... Você vai se banquetear à minha custa. Mas não se esqueça disto: depois de um banquete, vem sempre discurso...

E diante dessa ameaça de discursaria, os tigres desistiam!

A's vezes, um orador passa por momentos horríveis. Basta ver o que aconteceu com Mark Twain, o mais engraçado, risonho e irônico dos escritores americanos. A fama do seu "humour" dominava os Estados Unidos e por causa disso, o escritor conheceu uma experiência arrepiante. Foi assim:

Mark Twain tinha ido a Chicago

para fazer uma conferência humorística. Desde cedo o teatro se encheu. E embora o preço do ingresso fosse caríssimo, toda gente pagou com prazer os seus dolares para gozar a delícia de ouvir as novas piadas do genial fabricante de histórias e anedotas.

Mark Twain começou a ler a sua conferência. O sucesso era enorme. A cada frase, o público rompia em gargalhadas. Mas num determinado momento, o empresario entra no palco e entrega um telegrama ao conferencista, avisando-lhe que era assunto urgente e importantíssimo. Mark Twain pede licença ao auditório para ler e despacha. E o público, que já pensava tratar-se de um novo "truc" para despertar o riso, ia se preparando para saborear a pilheria nova do humorista.

Mas o escritor leu o telegrama e ficou profundamente abalado. Era uma notícia dolorosíssima. Tão dolorosa que ele não podia continuar a conferência. Tremulo de emoção, mal contendo as lágrimas que lhe queriam saltar dos olhos, explicou à assistência que era obrigado a parar a palestra, pois recebera uma informação penosíssima, que o deixava inteiramente sem jeito para continuar fazendo graças.

Ora, mal fez essa declaração, o humorista ouviu espantado o ribombo de uma imensa, de uma gigantesca e formidável gargalhada. É que o povo não acreditava na seriedade da afirmação. Entendia que tudo não passava de uma brincadeira de Mark Twain.

Um pouco desorientado, o humorista insistiu... Explicou que tinha mor-

rido a pessoa a quem mais amava no mundo. Eis a razão porque tinha de suspender a conferência.

Novas gargalhadas! Um riso geral. Vozes a exclamar: — "Esse Mark Twain é mesmo um colosso! Inventa cada coisa inesperada para divertir a gente!"

Foi em vão que o humorista chorou no palco. O público ainda não acreditava. Por fim, já alucinado, Mark Twain retirou-se de cena, fugiu. Assim mesmo, o auditório ainda ria, julgando que o conferencista ia reaparecer dentro de alguns segundos para soltar então uma pilheria engatilhada. Mas quem apareceu no palco foi o empresário, que leu para a plateia o telegrama deixado sobre a mesa pelo escritor. E o despacho anunciava a morte do pai de Mark Twain! Era por isso que ele não podia mais falar naquele momento. E para cúmulo da sua aflição, o público imaginava que ele fazia graça no mesmo instante em que padecia a dor mais profunda da sua vida.

Também a oratória brasileira apresenta lances impressionantes, assim como episódios divertidíssimos.

Veja-se, por exemplo, a figura de Fausto Cardoso, admirável tribuno sergipano da primeira fase da República. Era famoso, principalmente pelos seus arrancos repentinos de eloquência, pelas suas tiradas subitas, a que não faltavam sempre farpas aguçadíssimas de ironia...

Certa vez, Fausto Cardoso falava na Câmara contra um dos maiores vultos da cultura brasileira. Discutia



E' assim que eles falam...

a sua obra com respeito, mas também numa crítica severa. Podia fazê-lo, pois tinha inteligência bastante para isso.

Mas, lá pelas tantas, um deputado, admirador fervoroso da personalidade atacada, saiu-se com esta frase, a primeira vista esmagadora, irresponsável:

— V. Ex. não pode atacar esse grande homem. V. Ex. é apenas um pingão d'água, enquanto o vulto a que se

refere é um verdadeiro oceano de conhecimentos...

A Câmara estremeceu. Que poderia responder Fausto Cardoso diante disso? Enguliria o desaforo? Aceitaria a opinião? E se não a aceitasse, como rebatê-la com firmeza e vantagem?

Tudo isso passou num relampago, em alguns segundos apenas. Sem hesitar, o orador sergipano balançou

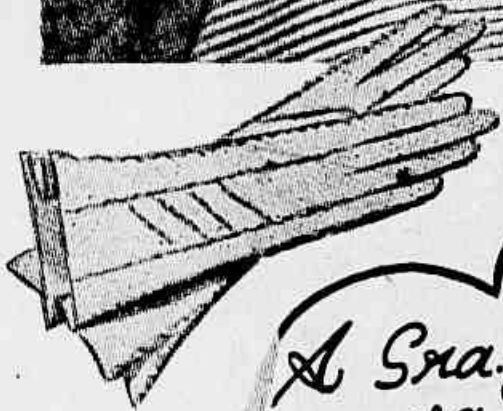
a cabeça orgulhosa e replicou em sua voz quente, sonora, de timbre cristalino:

— Sim, reconheço que o meu adversário é um oceano... Mas um oceano, senhores, que eu estou acostumado a atravessar com água pelos joelhos!

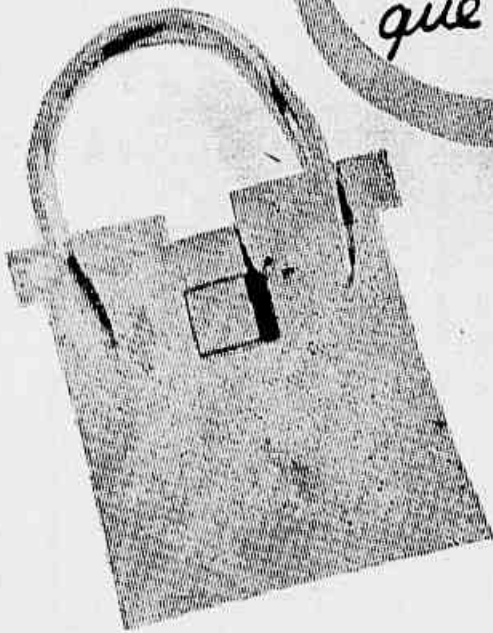
E o recinto quase veio abaixo, de tantas palmas entusiásticas...



E' assim que eles escutam...



*A Sra. já conhece
a nova Seção de
Modas no Sub-
Solo da Casa Lú?
Visite-a e veja o
lindo sortimento
que oferecemos.*



VESTIDOS — CHAPÉOS
COSTUMES — LINGERIE
"SPORT" E PRAIA
BOLSAS — LUVAS
MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú
Modas
Assembléia esq. Gonçalves Dias

NOTICIÁRIO ELEGANTE



MODAS DE DIAMANTE DO CASAL BENJAMIN FERREIRA GUIMARÃES - D. MARIA AMBROSINA MOURÃO GUIMARÃES — O casal Benjamin Ferreira Guimarães D. Maria Ambrosina Mourão Guimarães vem de comemorar a passagem de suas bodas de diamante, acontecimento brilhantemente comemorado pela sociedade de Belo Horizonte, onde o Sr. Benjamin Ferreira Guimarães, quer pelo seu valor de financista eminente, quer pelas suas invulgaras qualidades de filantropo, se tornou credor da admiração de todos. Vê-se na foto o ilustre casal cercado por seus filhos, netos e bisnetos.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

12 — Senhoras: D. Maria Alves de Oliveira, poetisa Gilka Machado. Senhorita Maria José Barroso Barros; ex-Senador Pedro da Costa Rego, Dr. Ugo Pinheiro Guimarães, Dr. Manoel Bastos Tigre, Sr. Carlos Marques de Oliveira, Dr. Ribeiro Couto.

13 — Senhoras: D. Odete Vandek da Cunha, D. Rosa Pereira do Lago, D. Anelaide de Oliveira; Senhorita Jana Cathalá Loureiro. Senhores: Dr. Mauro de Freitas, tenente-coronel Manoel Maria de Castro Nunes, Dr. Sabino Riteli de Almeida, Dr. Zeferino Bastos, Dr. Tancredo Tostes, Sr. Edgard A. Binas, Dr. José Julio da Costa, Dr. Artur de Sá Earp, jornalista Honorio Machado.

14 — Senhoras: D. Josephina Paiva de Oliveira Freitas, D. Lourdes Moreira Romariz, viúva Irineu Marinho, D. Hilda Viana Pacheco. Senhores: Desembargador Antonio Alranio da Costa, capitão de fragata João Duarte, Dr. Paulo Mac-Dowel, Dr. Cesar da Fonseca, Sr. José D. Castanheira, Dr. Helio Bastos Tornaghi.

15 — Senhoras: D. Maria Luiza de

Negreiros Fleiuss, D. Lygia Pimentel, D. Maria Romero, D. Raquel Balthazar da Silveira Velho Tito; Senhores: Dr. Fernando Mello Viana, Sr. Mario Henrique da Cruz, Dr. Antonio Maia Santos, general Mario José Pinto Guedes, capitão de mar e guerra Juvenal Greenhlg Ferreira Lima, Dr. Fernando R. G. B. glia, major Faria Lemos.

16 — Senhores: Dr. Agripino Azevedo, Dr. Samuel Ramos de Oliveira, Sr. Eurico Figueira de Almeida.

17 — Sra. D. Adelaide Olga Nobrega. Meninas: Regina Dulce Monteiro, Marita Mendonça. Senhores: Dr. Gabriel Passos, Dr. Manoel Clementino do Monte, Dr. Heitor Gurgel do Amaral, Dr. Francisco Solano Carneiro da Cunha.

18 — Senhoras: D. Abigail Soares de Souza; Senhorita Doris B. Vilhena; Senhores: Dr. Gabriel Ozorio Vasconcellos, Dr. Ruy Pinheiro Guimarães, Sr. Renato Estellita, Sr. Euclides Pinaud, Dr. Leonam Mello, tenente coronel Carlos G. mmack Possolo, Sr. Edson Souto Maior.



O menino Roberto Emir, filho do sr. Wiligforts de Mattos, diretor de Seção da Prefeitura do Distrito Federal, tendo à sua direita a jovem Maria Lydia (Lali) e à esquerda a pequena Maria Amalia (Néca), ambas suas primas e filhas do dr. Menelick de Mattos, advogado em São Paulo. Roberto Emir, Maria Lydia e Maria Amalia são sobrinhos do dr. M. Paulo Filho, diretor do Correio da Manhã.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 e qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Subscrever em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL. REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 11-3-1944 --- N. 11

sumário:

L I T E R A T U R A

O Tempo Passou.....(Alvaro Moreyra).....	3
Peço a palavra, meus senhores!.....(Escagnolle Dcir).....	4
Coisas não ditas.....(Escagnolle Dcir).....	8
Livros Novos.....(Charles Duff).....	12
A Biografia na Literatura Inglesa.....(Charles Duff).....	14
O Disco da Morte — Conto de Mark Twain.....	15
Código n.º 2 — Novela.....	23
A Supremacia Penuncia — Conto de Cleonor Lima.....	35

R E P O R T A G E N S

Por que se candidatou á Academia? — Entrevista com Jorge de Lima.....	9
Onde está o primeiro carrilhão do Brasil?.....	25

F O T O R R A F I C A S

A densa, poeima das atitudes.....	16
Jeckey Clube.....	2

C I N E M A

Outro casamento em Hilloywood — e outros assuntos a começar da pg.....	29
--	----

F E M I N I N A S

Nos Bastidores Femininos — e outros assuntos a começar da pg.....	37
---	----

A V U L S A S

Noticiário Elegante.....	28
A Semana e a Guerra.....	36

C A R I C A T U R A S

De Bom Humor.....	18
"Charge" de Raul.....	50

NO SUPLEMENTO (ANEXO)

DOIS MAPAS DA GUERRA — "E A GUERRA CONTINUA", fotos.



REVISTA DA SEMANA



"SEMPRE ESTIVE COM A ACADEMIA DE LETRAS"

EM NOVO MAPA DA GUERRA

O ete no feminino, porque seja eterno, não sófre nenhum abalo em seus elices. A guerra, as metamorfoses sociais que em consequência desta se vão operando no mundo inteiro, as transições que a Humanidade e a natureza, neste momento, nada influem junto à Mulher. Ela pode evoluir também, recebendo diretamente os reflexos desta transição prenunciada, mas seu predomínio á face da terra não se modifica. Os homens pensam e lutam, ágem e avançam no terreno das idéas, mas as mulheres continuam sendo, le que sempre foram: o ponto de referência para todas essas lutas e transições. A elegancia feminina, por sua vez, segue o seu curso normal em meio a todas as evoluções que á estão. Paris sofreu um colapso no seu predomínio da Moda? Nova-York lá está para preencher a lacuna, com o recurso poderoso o cinema. Ha as mulheres de "overall", nos ma. Ha as mulheres para a Vitória mais labôes quotidianos para a Vitória mais rápida, mas ha sempre, também, as mulheres de "toilettes", vistosas e caras. Não raro, o "overall" do dia de trabalho cede lugar, á noite, ao modelo último foto de Hollywood. E um motivo fotográfico desse ambiente que se vê na capa deste número.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado. Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

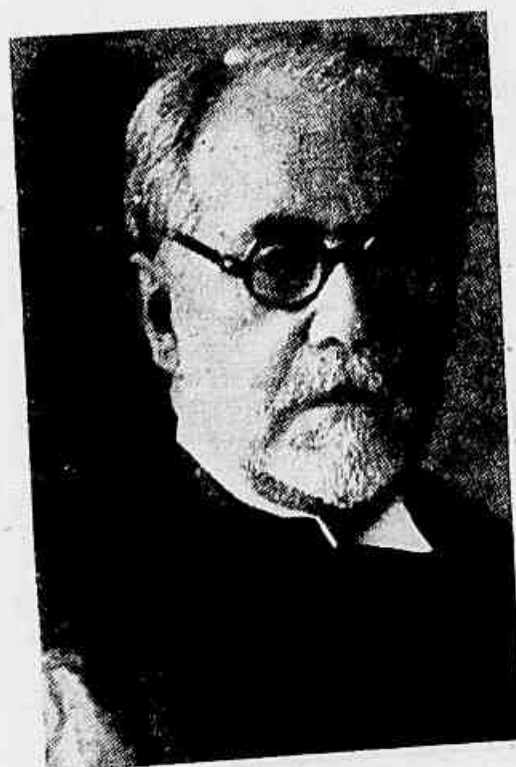
* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

RODRIGO OCTAVIO

As letras jurídicas e a literatura brasileiras acabam de perder uma das suas figuras mais brilhantes e expressivas. Em ambos os setores e ilustre jurisculto e homem de letras muito se destacou, deixando uma bagagem literária que lhe garante a perpetuação da memória e um lugar de destaque entre os nomes que a posteridade reverenciara.

Rodrigo Octavio Langard de Menezes nasceu a 11 de Outubro de 1866



Rodrigo Octavio

na cidade de Campinas, Província de São Paulo e fez seu curso de preparatórios no Rio de Janeiro, matriculando-se mais tarde na Faculdade de Direito de São Paulo, onde, com vinte anos, recebia o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Sua carreira foi das mais brilhantes: Juiz, secretário da presidência da Republica no governo de Prudente de Moraes, consultor geral da Republica,

cargo em que se manteve até entrar para o Supremo Tribunal Federal, exerceu ainda as funções de sub-secretário de Estado das Relações Exteriores até 28 de fevereiro de 1921. Preenchendo a vaga ocorrida com o falecimento de Heitor de Souza, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal. Foi ainda Rodrigo Octavio o delegado plenipotenciário do Brasil em diversas Conferências Internacionais, como as de Haia, Bruxelas, Científica Pan-Americana de Washington, da Paz, de Paris, tendo assinado o Tratado de Versalhes; representante do Brasil na Primeira Assembléa da Liga das Nações, em 1920, onde exerceu o cargo de um de seus vice-presidentes. Reunido a Comissão Internacional de Jurisconsultos Americanos, no Rio de Janeiro, foi ele membro e presidente da Seção de Direito Internacional Privado. Desde 1896 foi professor da Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro e doutor Honoris Causa das Universidades do México, La Plata, Buenos Aires, Lima, Arequipa e Havana. Foi árbitro dos Tribunais Internacionais de Reclamações entre o México e os EE. UU., México e França, México e Alemanha, e membro das Comissões Arbitrais Permanentes entre Chile e Suécia, Itália e Chile, Itália e Colômbia. No Brasil, foi diversas vezes presidente do Instituto de Ordem dos Advogados e da Academia de Letras, presidente da Sociedade Brasileira de Direito Internacional e do Instituto Argentino Brasileiro de Cultura.

Sua inteligência e cultura são atestadas pelas diversas obras sobre Direito Internacional, Direito Marítimo, Direito Comercial e Direito Cambial, além de versos, novelas e dramas, como "Pampanos", "Aristo", "Poemas e Idílios". A "Estrada", "Águas Passadas" e inúmeros outros.

Seu falecimento deu-se no dia 28 de fevereiro último, realizando-se o enterro no dia imediato, no cemitério de São João Batista, saído da residência da família do ilustre extinto, á rua das Palmeiras 28.

A MISSA DOS PRESOS

Só Deus é grande! exclamou Bossuet, em oração fúnebre obra prima, a de Henriqueta de França, rainha da Inglaterra, por esposa de Carlos I, o decapitado de Cromwell. Nunca a Águia de Meaux sobrepairou tanto no sublime e sobreolhou o mundo como ao prantear da Cadeira da Verdade a filha de Henrique IV e Maria de Médicis.

Na dô, na doença, nesta no entre vida e morte; quantos imprecam o Eterno dele esperando o estupendo do milagre, o balsamo do consôlo, a simples atenuação do padecimento agudo.

Por culpas próprias, por outras do descaso social pelos deserdados da sorte, muitos estavam em 1814 lançados na Cadeira do Rio de Janeiro.

Em segregação de semelhantes, à mercê de carcereiros e de sentenças, os presos de 1814 lembraram-se de minorar o triste de seus dias, pedito a quem podia dar soberanamente e sem detença.

Ainda em liberdade ou já no carcere lhe haviam chegado aos ouvidos notícias da longanimidade do Príncipe Regente, transmigrado cujo bôta-lôra Junot não alcançou a tempo, em 1807 o Príncipe Regente saindo de Lisboa à francesa.

D. João nada esquivava aos pequenos, comprazia-se na companhia deles, com maioria de razão sendo de esperar que atendessem malventurados.

Concertando-se os presos da Cadeira resolveram apelar para o Príncipe Regente chegado à fé católica que tanto recomenda a misericórdia na terra para obtê-la no céu.

Na época o direito divino de reinar já era bastante negado, mas o Príncipe Regente ainda beneficiado de um resto daquele direito. De posse dele no querer e mandar absoluto, o Príncipe recebeu petição, dos presos da Cadeira. Posta depois em segredos de arquivo, e muitos são os deles, aqui imeditamente aparece o documento:

"Senhor

Dizem os abaixo assignados presos na Cadêa desta Corte que achando-se neste lugar de penas e misérias onde além de sua desgraça os serca continuamente o terror, a indigência e a enfermidade, agravando-se todos os seus males pela nudez, de que se peijão, e pela fome que os desfinha, maiormente o não terem entre as vistas o Sacramento da Missa, e tendo ali mesmo repetidas e frequentissimas noticias da Piedade e Clemencia com que V. A. R. se compadece dos infelizes suavizando-lhes a sua sorte, mostrando-se sempre para com todos Soberano e Pay, animão-se por entre os ferros e ao som delles a dirigir até os Reais Pés de V. A. R. as suas humildes e respeitosas supplicas implorando que dignando-se lançar umas vistas de compaixão dos suppes, que ainda por serem desventurosos não perderão a qualidade de filhos e vassallos de V. A. R. Haja por bem diminuir de algum modo os tormentos que os Affligem da necessidade que ha por não se celebrar a Missa aos Domingos e Dias Santos, havendo para este fim um Oratorio suficiente aonde sempre se fez celebrar assim como se pratica nas mais Cadêas, o que não tem acontecido à melhor de 5 annos desta parte, o que ignoram os suppes a causa porque se não faz celebrar, e por isso seja indispensavel recorrer à Alta Clemencia de V. A. R. para que se digne fazer-lhes a graça e esmola aos menos aos Domingos e Dias Santificados esta obra de Mizericórdia que sendo para elles de um grande alivio he quasi de nenhum momento ao respeito da Real Grandeza e Piedade com que V. A. R. e todos os seus Augustos Predecessores tem sempre olhado para os encarcerados que ainda quando sejam realte criminosos são sempre recomendaveis.

Pedem a V. A. R. que pela sua Vida e Graça a ismola de lhes deferir na forma que humildemente imploram.

E. R. M.

Tais os termos do requerimento no qual os requerentes presos e protetores de si mesmos pediram Deus ao Príncipe bragantino.

ESCRAGNOLLE DORIA

COISAS
NÃO DITAS

D. JOÃO VI
(1767-1826)

27º. REI DE PORTUGAL, AOS 25 ANOS PRINCEPE
REGENTE, REI AOS 47, PARA REINADO PROPRIO
DE 10 ANOS.

O autor da petição pode ter sido tanto algum detento mais letrado como alguém de lóra da cadeia, nela vigente o sistema penitenciário rudimentar da época no planeta inteiro, achatado nos pólos para que os seus habitantes não inchassem na basofia própria a principiar na perfeita rotundidade do globo.

Em 1814 longe estavam, reformas penitenciárias, que por excesso de concessões visando saliveis regenerações levam muitos a preferir prisão sem necessidade de ganhar a vida, sobretudo lutando contra repulsa social e negação consequente de trabalho.

Os presos de 1814, moradores entre grades, alegaram nudez e fome. Realidade ou precisão de exagerar para obter de piedade?

Sem elementos para responder à interrogação o essencial no caso dos presos de 1814 é saber o destino de sua supplica, tão de baixo para o alto.

Foi deferida e logo diga-se-o a bem da memoria

de D. João VI, cousa comum removê-lo sem atenção à justiça e a qualidades contrabalançadoras de defeitos.

O intendente geral da policia, Paulo Fernandes Vianna, recebeu ordem do providenciar, tratando de cumpri-la à risca. Começaram os presos da Cadeira a ouvir missa dominical e nos dias santos de guarda, dias não poucos no calendario catolico em 1814. E menos desditosos se podiam julgar quando no final do santo sacrificio voltava-se o oficiante para lhes lançar bênção devolutiva ao Príncipe Regente.

ESTILOS

Por sua natureza e seus fins, as antigas Casas da Moeda sempre tiveram de lidar com ouro, prata e cobre, parentes proximos na dura familia mineralogica de alguns membros bem cobiçados.

Em 1810 a Casa da Moeda do Rio de Janeiro recebeu ordem de executar trabalho particular com destino especial.

A transmigração de 1807 não cortou relações entre o Rio de Janeiro e Lisboa, a despeito da invasão de Junot, o general outrora Sargento Tempestade, nos procelosos tempos da Revolução guilhotinadora.

Colegas de responsabilidades no ministerio do Príncipe Regente no Brasil, o conde de Aguiar e o conde de Linhares estavam de continuo em troca de officios a bem da governação do Estado, por jogar bastante comparada as náos.

Em Março de 1810, Linhares se dirigia a Aguiar por meio do seguinte officio original por não expedido com frequencia.

Para o Conde de Aguiar.

Illmo Exmo Snr. — Havendo-se retirado de Portugal o Ministro de S. M. B. M. Vilhers, e fazendo-se necessario o Presente ao costume, rogo a V. Exa. queira mandar apromptar na Casa da Moeda dez barras do valor de duzentos mil reis cada huma e remete-las a esta Secretaria de Estado, para daqui serem dirigidas para a Corte de Londres na forma dos estillos.

Deos guarde a V. Exa.

Palacio do Rio de Janeiro em 5 de Março de 1810.

Conde de Aguiar.

Mesmo fora de casa, por mudança de ares politicos, o Príncipe Regente presenteava a ouro diplomatas em fim de missão.

Em 1812 a Casa da Moeda do Rio de Janeiro recebia nova encomenda: Avisavam-a que "como S. A. R. o Príncipe Regente costumava dar, um presente a Ministros quando se retiravam para a Côrte a que pertenciam mandasse a Moeda dez barras de ouro do valor de duzentos mil reis cada huma para pela Secretaria dos Negocios da Guerra e dos Estrangeiros serem entregues ao Marquez de Casa Irujo, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. Catholica na forma do estillo sempre praticado".

Na forma do "estillo", de *persona grata* em adeuses passava cada diplomata a pessoa agradecida. Junto ao Príncipe Regente os representantes do impalpavel Direito das Gentes, levavam da torna viagem "estillos" bem sólidos.

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

OUVINDO JORGE DE LIMA, CANDIDATO À VAGA DE PEREIRA DA SILVA — A ACADEMIA, "CENTRO DE AGLUTINAÇÃO CULTURAL" — OS INIMIGOS DE VINTE ANOS SÃO, AOS TRINTA, CANDIDATOS, E AOS QUARENTA... ELEITOS — NOSSA SENHORA, MADRINHA DO ROMANCISTA DE "CALUNGA" — UMA VELHA MALUCA, UM COMETA, LIVROS DE MÁGICA E... "SASSAFRAZ"! — O POETA, O ROMANCISTA E O MÉDICO — SUA OBRA DIFUNDIDA NOS CONTINENTES AMERICANOS — O BRASIL E OS PROBLEMAS BRASILEIROS NA CONCEPÇÃO DO AUTOR DE "NÊGA FULÔ"

É estranho como, apesar de estarmos geograficamente próximos, conservamo-nos tão distantes intelectualmente dos países sul americanos. Sempre estivemos muito mais ao par da literatura e dos escritores franceses que dos poetas e escritores hispano-americanos. Entretanto, é bem rica e interessante sua literatura. Poucos entre nós conhecem os versos admiráveis de Gabriela Mistral, Juana Ibarburu, Rubén Darío, Amado Nervo, Santos Chocano, para falar apenas nos poetas, tão bons quanto os melhores da literatura europeia. A verdade é que também somos muito pouco conhecidos dos nossos irmãos continentais. Diversas circunstâncias contribuem para esse distanciamento intelectual. Agora que estão sendo envidados todos os esforços para uma aproximação maior entre os povos das Américas, é justo que destaquemos os nomes daqueles que concorrem para este intercâmbio. Entre os que mais têm feito neste sentido está Jorge de Lima.

Sabendo da sua candidatura a Academia Brasileira de Letras, para a vaga de Pereira da Silva, fomos procurar o poeta que tomou de assalto uma posição eminente na nossa literatura modernista com "Essa Nêga Fulô", abandonando o Parnasianismo que dantes o caracterizava. Em versos dolentes, lembrando a toada, pela simplicidade de recursos rítmicos, ele cantou a imensa dor do negro.

É um dos poetas que melhor cantou a raça negra no Brasil. Ou então, abordando temas mais largamente humanos, revoltou-se contra a escravização do homem pela máquina e pugna por um retorno às coisas simples e puras. Crítico, ensaísta e romancista, sendo mesmo um pesquisador de novas correntes do romance moderno, Jorge de Lima é, um digno continuador de Pedrinho da Silva. Profundamente existencialista, preferindo antes de mais nada sentir e interpretar a vida, viu-se traído pelo arrebatamento espanhol, pelo estilo vibrante dos que escrevem o que o coração lhes dita, despojados do frio racionalismo.

Tem conquistado brilhantes laureas em sua carreira de homem de letras. Em 1934, alcançou, com seu romance "O Anjo", o prêmio da Fundação Graça Aranha em 1940, a Academia Brasileira de Letras conferiu seu Grande Prêmio de Poesia ao seu livro "A Tunica Inconsueta", prêmio este que pela primeira vez era concedido.

Mas a obra de Jorge de Lima é por demais conhecida entre nós para que insistamos no seu comentário.

Preferimos mostrar a sua influência além das nossas fronteiras, possivelmente ignorada por muitos dos seus admiradores. A poesia de Jorge de Lima já se vulgarizou fora do país. São numerosos os estudos feitos no Chile, sobre a sua personalidade e sua obra. Assim é que Antonio Undurraga descobriu ultimamente tão grande influência do poeta brasileiro que mais parece por vezes plágio. A propósito deste fato, o escritor chileno fez um estudo que ocupa toda uma página de "La Nación" de 9 de Agosto de 1942, e se intitula "Des antologías y tres poetas".

Nos países de língua espanhola varios críticos tem analisado a poesia de Jorge de Lima, entre estes: Tito L. Bancescu, L. Guidino Cramer, Ramón Prieto, Luis Albano, J. Prado Rodriguez, G. Gonçalves Contreras, Héctor Pedro Blomberg, Francisco Aguilera, Octavio Ramírez, Alberto Guillén, Ildefonso Pereda Valdez, Raul Navarro, e muitos outros, em jornais e revistas, como Crítica, La Nación, Constancia, Vida Comercial, El Auto Uruguayo, El Eitoral, Fray Junipero, etc., etc. Em França lembrariamos o grande estudo de Daniel Rops em "La Vie Intellectuelle" de 15 de Maio de 1940. Além de varios artigos anteriores de Marcel Brion em "Les Nouvelles Littéraires".

Em Portugal, além de José Osório de Oliveira, Adolfo Casais Monteiro, Gaspar Simões, Luiz Forjaz Trigueiros, Pierre Hourcade, Camara Reys, João de Barros e muitos outros.

Nos Estados Unidos, Samuel Putman por varias vezes tem estudado a obra de Jorge de Lima.

A "Hispanic Society of America", levantando um cadastro de 7 séculos de poetas desde o ano de 1223 até nossos dias, inclui nesta antologia o nome do poeta. Recentemente a "Antology of Contemporary Latin American Poetry", editada e organizada por Dudley Fitts, inclui entre os poetas escolhidos o nome de Jorge de Lima com vinte paginas de poemas. Varios de seus poemas tem sido musicados e incluídos em grandes programas dos melhores teatros dos Estados Unidos. Citamos "Brazilian Psalm" e "Hear the Singing", musicados por Berger e cantados pelo "Westminster Chorus" em quatro vozes e grande coro. Uma sociedade "Secular Choral Music" incluiu mesmo em seus programas permanentes os poemas de Jorge de Lima. Lewis Bertrand apresentará em breve os poemas de Jorge de Lima ao lado de "Calunga", a obra poética vertida para o inglês, do mesmo modo que a "Americalee", de Buenos Aires, publicou em primorosa edição aquele romance do renomado escritor.

Trêcho do estudo de Jayme Cortesão, a sair como prefácio a um volume de poemas a ser publicado em Portugal:

"Médico e Poeta", por exemplo, focaliza os dois polos opostos deste ser — oposição talvez mais aparente que real. A dor humana, em que o médico afunda as mãos quotidianamente, influir nas suas imagens e evasões poéticas. Diríamos até que para compreender o médico se torna necessario entrar em contato com o poeta. Acreditamos mesmo que os seus diagnósticos são, com frequência, fruto mais de adivinhação intuitiva que do exame e análise pacientes".



O AUTOR DE "CALUNGA" AOS OITO ANOS DE IDADE.



ALÉM DE ESCRITOR, JORGE DE LIMA TAMBÉM SE DEDICA A PINTURA E ESCULTURA. NA ANTE-SALA DE SEU CONSULTÓRIO DA PRAÇA FLORIANO, ENCONTRAM-SE ALGUNS TRABALHOS DE SUA AUTORIA.



AOS DEZOITO ANOS DE IDADE, O ROMANCISTA ERA PROFESSOR EM UMA ESCOLA DO ESTADO DE ALAGÓIS, ONDE FOI FEITO O GRUPO ACIMA. JORGE DE LIMA ESTÁ RODEADO DE SEUS DISCÍPULOS, ALGUNS QUASI DA MESMA IDADE.

Mas falando de poesia, tão pouco o pintor é para desatender. Tivemos ocasião de apreciar alguns quadros de Jorge de Lima. Entre eles chamou-nos a atenção um representando uma jarra alta e enlaçada, d'onde saem grandes flôres solares, misturadas com aves exóticas. Ao lado, as pétalas duma flôr rodopiam e começam a transformar-se em asas. Da flôr evolue a ave.

E tudo isto: flôres que erguem vôo, aves que querem ser exalação de aroma, embriões vivos da criação, multiplicada pelo caos, mergulha e se incorpora um turbilhão de pinceladas e cores violentas de sangue e fogo.

Parece-nos inegável que este painel seja um comentário pictural à sua poesia. E não supomos andar longe da verdade, se afirmarmos que a poesia explica as demais atividades artísticas de Jorge de Lima. Essa a sua linguagem específica e profunda. Poderíamos dizer até a sua linguagem materna: a que ele bebeu com o leite materno e aprendeu com a terra brasileira. Junte dessa as suas expressões plásticas afiguram-se-nos excelentes dons de poliglota. Quando mais tarde os críticos se abalancaram a um juízo sobre a arte de Jorge de Lima irão buscar o paradigma à poesia.

Estamos pois em presença de um verdadeiro poeta, cujo nome, atravessando as fronteiras patrias, vai elevar o conceito da literatura brasileira.

Temos aqui um cartão do Ministro do Brasil em Guatemala, junto ao recorte de um diário de El Salvador, com a poesia "San Cristobal Colon" de autoria do nosso poeta.

Tendo em vista a candidatura do nosso entrevistado à Academia Brasileira de Letras, queríamos saber algo da sua vida e da sua obra. Pedimos a Jorge de Lima que nos falasse da sua personalidade. Ele acedeu prontamente:

JORGE DE LIMA E O SASSAFRAZ

— Nasci no dia de São Jorge — 23 de Abril. Meu pai achou fácil escolher um nome na folhinha. Os padrinhos foi coisa difícil: a madrinha só podia ser Nossa Senhora, o padrinho — um pobre homem recém liberto de Fernando Noronha. Haviam-me comprometido com um destino místico.

Atras da casa em que nasci avista-se a poucos quilômetros a Serra da Barriga onde Zumbi organizou sua república. Em frente há uma praça bem vasta e no extremo desta praça a Igreja de Santa Maria Madalena. Santa Maria Madalena é uma santa raramente venerada, mas é a padroeira de "Cerca-riol-dos-macacos". Imperatriz depois, hoje — União. A ceste da praça há uma rua compridíssima, que é interceptada por outra ainda mais comprida, em ladeira, subindo, subindo até o cemitério, para os defuntos ficarem mais perto do céu. Os mortos concedem assim aos acompanhamentos uma sensação de bem estar, de desafogo, de alegria mesmo, quando livres dos ataludes descem o caminho íngreme ajudados por todos os santos. Outras reminiscências: a escola primária, o rio Mundahú, os campos floridos de lírio que brotavam milagrosamente depois das trovoadas. Com as trovoadas apareciam pequenos cágados sobre as pedras do rio. Depois o rio enchia, enchia e se podia nas ruas mais próximas andar de canôa ou de jangada. As águas cobriam o leito da Great Western of Brazil Railway. O trem não passava. Esse trem me levou um dia a Macaio, para um colégio de Maristas. Conheci o mar. O mar me levou à Bahia. Conheci a Bahia e da Bahia vim estudar medicina no Rio. Mas o que me acompanhou em todos estes caminhos foi a asma e o paludismo. As noites insones, vendo o quarto de dormir, a escuridão so-

A REVISTA DA SEMANA INICIOU, EM SEU NÚMERO PASSADO, UMA OPORTUNA "ENQUÊTE" JUNTO A ALGUNS DOS CANDIDATOS A'S DUAS VAGAS EXISTENTES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — A DE PEREIRA DA SILVA E A DE FERNANDO MAGALHÃES — CUJAS ELEIÇÕES PARA OS SUBSTITUTOS TERÃO LUGAR DIA 18 DE MAIO. DEMOS ENTÃO A PALAVRA A UM HUMORISTA, BASTOS TIGRE, HOJE, CEDEMOS A TRIBUNA A UM POETA E ROMANCISTA: JORGE DE LIMA. OUTRAS FIGURAS DE INCONTESTÁVEL RELEVÔ CONTINUARÃO DESFILANDO PELAS NOSSAS PAGINAS EM NÚMEROS VINDOUROS. SERVINDO ASSIM, AS VAGAS DA ACADEMIA, DE UM EXCELENTE PRETEXTO PARA FOCALISARMOS UMA PLEIADE DE ESCRITORES REPRESENTANTES DA MAIS ALTA EXPRESSÃO DE NOSSAS LETRAS.

ESTA SEMANA, VERIFICOU-SE MAIS UMA VAGA COM O DESAPARECIMENTO DE RODRIGO OCTAVIO, MAS ATÉ AGORA NÃO SE APRESENTOU NENHUM CANDIDATO, EMBORA ALGUNS NOMES JÁ ESTEJAM CITADOS PARA PREENCHÊ-LA.

NO PROXIMO NÚMERO: LUIZ EDMUNDO.

litaria me obrigavam desde a minha infância a povoar aquele silêncio largado. A febre me dera um delírio danado e depois um torpor de asceta. Lembro-me também do naufrágio da barcaça Lindinalva em que eu ia para Porto Calvo. Era perto da praia e mestre Rogaciano nos salvou a mim e a Manuel Ferreira Lopes — apelidado Eustaquio. Ha tres dias que em direção de Porto de Pedras aparecia um cometa. E' preciso confessar que a minha meninice esteve sempre tão enlilhada com a história infantil dos meus outros companheiros que é mais uma história coletiva difícil de contar, demasiado comprida. Nós todos conhecemos por exemplo a Baronesa de Anadia — uma velha maluca senhora do Engenho Agua Fria que nos trocava os nomes. Passei durante muitos meses a ser chamado por ela de Cristiano e meu amigo Amancio Portela era Elesbão. A Baronesa tinha livros ilustrados de magia de que nós gostávamos muito devido às gravuras.

Um dia — Julio Godinho leu que raízes de sassafráz serviam para produzir magias si fossem encontradas à meia-noite por uma menina de cabelos compridos. Abigail verdadeiramente tinha cabelos compridos, era linda, mas não quis aderir às experiências. Depois a Baronesa nos disse que não havia sassafráz no lugar, nem no Brasil. Durante trinta anos não ouvi mais esta palavra sassafráz até que o ano passado, pelo Carnaval, tendo me enganado na estrada que vai a S. Paulo já me achava a caminho de Santos, quando vi um japonês com uma gaiola de passaro. Procurei tomar informações com o homem, a respeito da estrada, mas este apontou-me a gaiola. E ouvi distintamente: — "sassafráz", mas não sei si o japonês se referia ao pau da gaiola ou ao passaro. Enfim, a minha vida temido muitos equívocos e coisas que nunca encontrei, o que não me impede de procurar poesia. E aí está a vida começada e nunca terminada. Porque aos 17 anos publicando o soneto "Acendedor de lampêdes" que Osório Duque Estrada achava ótimo, julguei ter feito poesia, e não era. E coisas que se popularizaram como

"Negra Fuô" eram anedotas. E afinal não achei sassafráz.

A ACADEMIA, "CENTRO DE AGLUTINAÇÃO CULTURAL"

— Quaes foram os motivos que o levaram a candidatar-se à Academia?

— Outro dia disse em conversa com um amigo que me vinha também entrevistar: os motivos são os mesmos que levaram muitos da minha geração a procurar a Academia: Alceu Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Mucio Leão, Pedro Calmon, Mancel Bandeira, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia...estes os que estão lá. Inúmeros outros não conseguiram entrar. Mas, asseguro-lhe que a maioria não desdenha deste centro de aglutinação cultural. Não só a minha geração, mas as gerações que nos sucedem hão de procurá-la, porque ela representa uma tradição, uma continuidade, uma fundação que dispõe das maiores garantias de perpetuidade.

— De sorte que os seus vaticínios sobre a Academia são otimistas?

— São. Ouça bem que nos países novos do tipo Brasil, tudo o que se sedimenta com aparência de tradicionalismo, de realidade histórica e social, deve ser conservado, acatado. A Academia já conseguiu passar do período de simples representação ornamental para o da finalidade social, histórica, para o do interesse humano e não simplesmente nacional. E' o nosso maior núcleo intelectual digno de receber as sumidades do panorama mundial de esquerda ou de direita. E o tem feito e de sua catedral já ouvimos um Maritain, um Serafim Leite, e mesmo este Waldo Frank, por exemplo. Mas o seu sentido dentro da realidade brasileira apenas começa. Em 1934, se não me engano, um de seus mais preclaros líderes — o Senhor Afranio Peixoto dizia que quando ela houver passado não apenas de 40 anos, mas de 400, será uma força moral, e a ética deverá forçosamente aperfeiçoar a estética, tornando-se, repito a sentença daquela autoridade, uma instituição secular, capaz de influir profundamente na vida literária da nação. O Senhor Afranio confessa que ela não é sem defeitos, hoje: perdê-los-á, com a juventude, impaciente e injusta. Será digna do Brasil de então, como temos defeitos do Brasil de agora. Será, pois, conclue o preclaro acadêmico — sempre brasileiro.

— E os ataques que amiude a Academia recebe, mesmo o ridículo com que muitos pretendem envolvê-la?

— Permita-me que responda sua pergunta ainda com uma frase do romancista de Maria Bonita: felizmente os seus inimigos de vinte anos são, aos trinta, candidatos e, aos quarenta, acadêmicos.

— Consideradas as academias, núcleos de reação e de conservantismo, de que modo se comporta a Casa de Machado de Assis com relação aos novos, aos modernos?

— A Academia Brasileira acolheu os modernos, quer dizer que a Academia legionaria, intransigente e radical que poderia ser in totum, do tipo de espírito acadêmico francês, para não brigar com a realidade brasileira, para não romper com a tolerância-realidade-nacional nem com o democratismo ingênito de nossa índole, sempre recebeu os seus eleitos sem preconceitos de cor, de posição, de região, de credo, de classe, nem de escol. Aliás esta atitude democratizante data de seus primeiros dias, de seu patrono que por questões raciais não seria decerto recebido pela Academia Francesa, muito menos pela Academia Real de Londres, sendo indesejável à Academia da Prússia. Entretanto, no Brasil, Machado de Assis seu primeiro presidente, já velho é quem deixa a senha para os moços. No seu discurso de instalação ele diz em breve oração, que é preciso definir a nóvel instituição. E declara que o cenáculo iniciado por um moço, aceito e completado por moços, nasce com a alma nova. Concluindo, o grande humorista do Bras Cubas abre a sessão com um pensamento sereno que vou resumir: Passai, diz ele, aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam às novas gerações que nos substituirem.

— E este pensamento do mestre, sempre foi por acaso observado?

— Sempre, desde o início. O seu primeiro secretário geral Joaquim Nabuco assegurava: Uma censura não nos hão de fazer: a de sermos um gabinete de antigalhas. Concluia que a Academia começava bem, repartida entre velhos sem velhice e os novos, mas estes ao seu ver predominavam. Não há como alguém propala, nenhuma animadversão contra os modernos. Poeta moderno é o seu Presidente o Sr. Mucio Leão e seus secretários são respectivamente Pedro Calmon e Manuel Bandeira, gente de minha geração.

— Individualmente, quaes as suas relações com a Academia?

— O'timas. Vou repetir o que outro dia declarei a um reporter. O meu primeiro livro de poesia ainda publicado na adolescência foi dedicado a Afranio Peixoto que incentivou a sua publicação. O meu segundo livro "A Comédia dos Erros", livro de ensaios, foi dedicado em curto prefácio a João Ribeiro. Deste eminente mestre mereci uns 6 ou 7 de seus rodapés. Por esse tempo a "Revista do Brasil" (Março de 1923) então dirigida por Paulo Prado e Monteiro Lobato, estampava uma excelente crítica a respeito da vernaculidade do livro. Muitos de meus versos parnasianos foram citados por Osório Duque Estrada, sendo, que um soneto-chave-de-ouro mereceu dele um rodapé inteiro no "Jornal do Brasil". Depois, Medeiros e Albuquerque e Humberto de Campos, Mucio Leão, Alceu Amoroso Lima, varias vezes, com elogios, aliás, dedicaram os seus folhetins semanais a varios de meus livros da fase modernista. Possuo cartas, cartões, telegramas, com as melhores referências de Afonso Celso, Ademar Tavares,

Rodrigo Otavio, Afonso Taunay, Alcantara Machado, Antonio Austregesio, Paulo Setubal, Helio Lobo, Afonso Peixoto, Laudelino Freire, Pereira da Silva, Góti-
 lart de Andrade, Felix Pacheco, Ribeiro Couto, Xavier
 Marques, Manoel Bandeira, Viriato Corrêa, Alceu
 Amoroso Lima, Carlos Magalhães de Azeredo, Luiz
 Guimarães, Clovis Bevilacqua, Graça Aranha, Alberto
 de Oliveira e outros, que me acompanharam princi-
 palmente durante minha fase modernista. Ainda neste
 período de vida "espiritual" a Academia premiou meu
 livro "A Túnica Inconsueta" concedendo-me o primeiro
 Grande Prêmio de Poesia. O discurso que por esta oca-
 são proferiu o eminente Levi Carneiro muito me des-
 vaneceu.

— Por que preferiu candidatar-se à vaga de Pe-
 reira da Silva?

— Porque tinha grandes afinidades com ele. Basta
 lembrar que varias vezes ocupou a tribuna da Aca-
 demia para se referir às minhas obras. A história do
 último livro de Pereira da Silva, "Alta Noite", é bem
 significativa. Pereira da Silva retirou esse título do
 título de um dos meus poemas de "A Túnica Incon-
 sueta", havendo-me dedicado o dito volume.

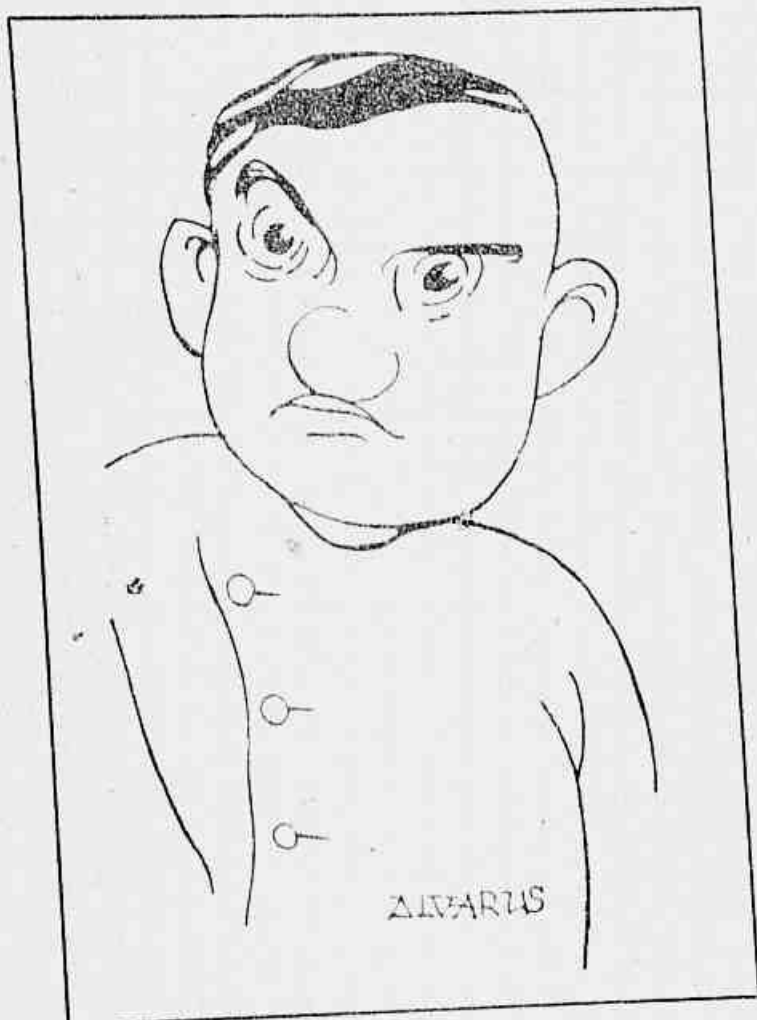
A OBRA E O AUTOR

— Com quantas obras e com que títulos se apre-
 senta à vaga de Pereira da Silva?

— Com dez livros de poesia: "XIV alexandrines",
 "Poemas", "Novos Poemas", "Banguê e Negra Fulô",
 "Poemas Escolhidos", "Tempo e Eternidade", "A Tú-
 nica Inconsueta", "Poesias completas", com prefacio
 de Joaze Cortesão, "Miraceli", com prefacio de Gil-
 berto Freyre, "Poemas Negros", com prefacio de Gil-
 berto Freyre, "Poemas", com prefacio de Georges
 Bernanos. Além da poesia publiquei sete livros de en-
 saio, quatro romances, dois livros para crianças, um
 livro de contos, duas traduções de Maritain, Claudel
 e Rops, ao todo vinte e seis obras.

— De suas obras de literatura qual delas julga
 mais humana e de mais influência?

— Uma que não citei: a do magistério de litera-
 tura brasileira de que fui professor catedrático no Gi-
 násio de minha terra, durante muitos anos, e aqui no
 Rio de Janeiro, na extinta Universidade do Distrito
 Federal e na atual Faculdade de Filosofia da Univer-
 sidade do Brasil. Ainda durante o ano findo fui hon-
 rado com a frequência de professores estrangeiros,
 entre os quais destaco a personalidade simpática do
 chileno Uribe.



Jorge de Lima — por Alvarus

— Qual a repercussão de sua obra no estrangeiro?
 Quem a tem estudado lá fora?

— Os nomes que me acodem à memória neste
 momento são os de: João de Barros, Marcel Brion, Da-
 niel Rops, João Gaspar Simões, José Régio, Alberto
 de Serpa, José Osório de Oliveira, Adolfo Casais Men-
 teiro, Antonio Pedro, Camara Reys, Manuel Anselmo,
 Samuel Putman, Antonio Undurraga, Paulo Ronan,
 Ludwig Schwennhagen, Alfred Ehrenstein, Wilhelm
 Leonhard, Gaston Figueira, Hefonso Pereira Valdes,
 Robert Garrio, Luis Fariar Trigueiros, Castro Soro

ESTE É O MÉDICO — DR. JORGE DE LIMA,
 NO EXERCÍCIO DE SUAS FUNÇÕES.

menho, Carlos Dorado Chopitea, Raul Navarro, Mi-
 guel Alfredo d'Elia, Hector F. Miri, Hector Pedro
 Blomberg, Octavio Ramirez, Luis Albano, Serafin
 J. Garcia e outros.

— Qual a mais recente crítica publicada no es-
 trangeiro a seu respeito?

(Jorge de Lima puxa uma gaveta de sua escriva-
 ninha de onde retira um número recente de "La Na-
 ción" de Buenos Aires):

— Veio-me hontem por avião. É um bellissimo
 estudo de Gilberto Freyre publicado em castelhano.

(Observamos que em lugar de destaque na pagi-
 na dominical do importante órgão da imprensa por-
 tugal, se lêem as palavras do renomeado autor de "Casa
 Grande e Senzala": "Este poeta que hoy en dia Amé-
 rica toda siente como propio...").

— A propósito: a sua obra tão divulgada em toda
 a América, consta, por acaso, de antologias publica-
 das em outros países do continente?

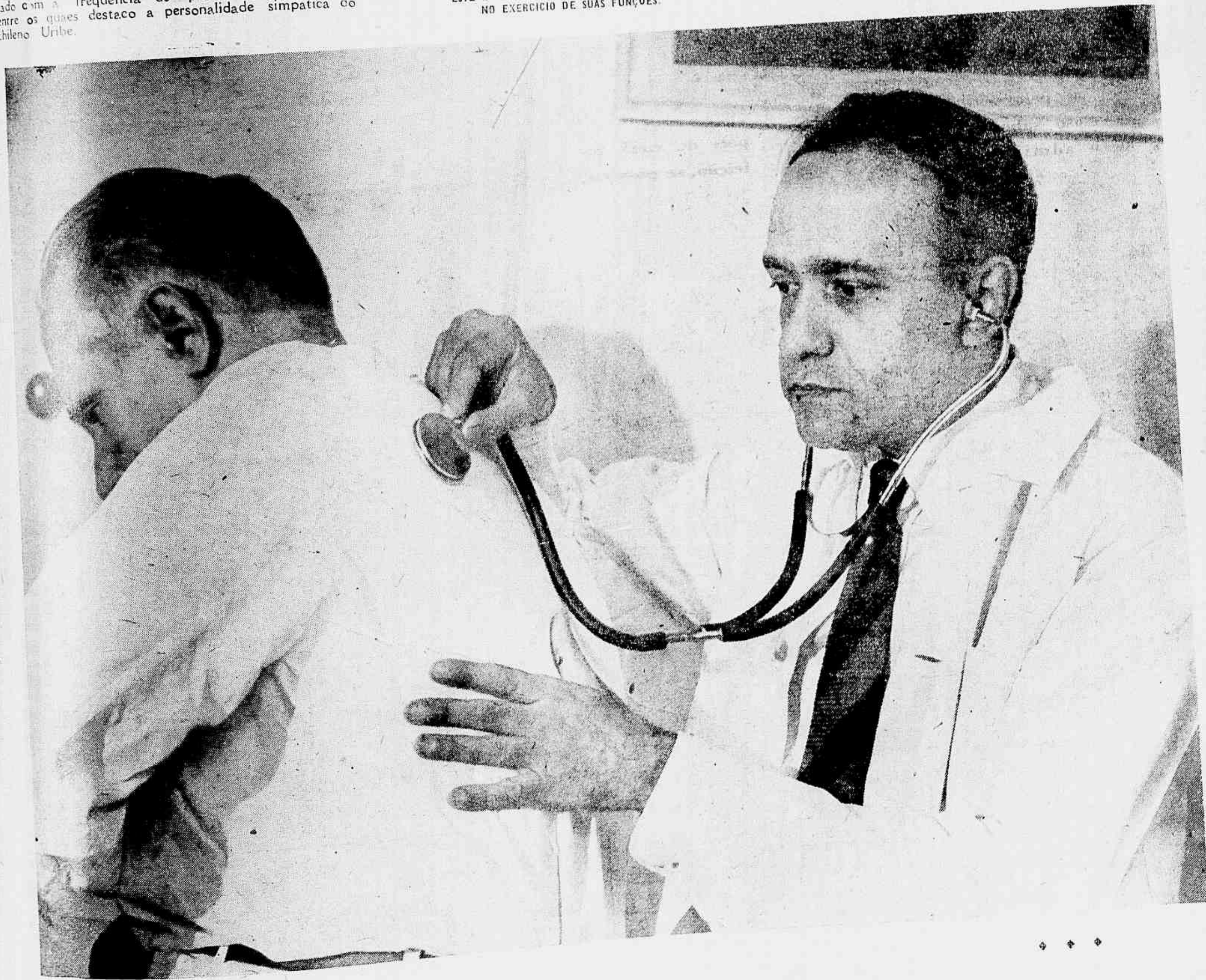
— Do que me lembra neste momento: "Antolo-
 gia de Poetas Jovens de América", de Alberto Guil-
 lén, "An Anthology of Contemporary Latin American
 Poetry" de Dudley Fitts, "Secular Choral Musics" de
 G. S. Shirmer, "Hispanic Notes and Monographs En-
 says" studies, and Brief biographies issued by the His-
 panic Society of America "Poems of war", "Sur"
 Homenaje al Brasil, etc.

— Mudando de tema, queira dar-me sua opinião
 sobre outros assuntos que não sejam a sua personali-
 dade já tão estudada aqui e no estrangeiro.

— Qual lhe parece que deva ser o ideal dos homens
 de inteligência no Brasil?

— Os homens de inteligência do Brasil? Você
 quando olha para a nossa gente, vê uma formidável
 complexidade, um choque imenso de fatores adver-
 sos e contradições, de sentimentalismos, de negações,
 de afirmações, de indiferenças que fazem do brasileiro
 uma personalidade composta susceptível às imita-
 ções do que se faz na terra dos outros. Inteligência em
 que se misturam muitas ideias sem direção, sem coerên-
 cia, duvidando de si própria, cética, descrente, por vezes
 arrebatada por um otimismo fácil, vê as soluções na
 dificuldade removida e no fato liquidado dos povos
 mais diferentes do nosso povo e da nossa raça. O ideal
 dos nossos homens de inteligência deveria depender
 da realidade brasileira, da melhor compreensão das
 nossas fraquezas, da nossa psique, da nossa verdade
 nacional, do misterioso sub-solo da nossa raça. Feito

(Continua na pag. 33)





Hábitos criados agora DURARÃO TÔDA A VIDA

Faça ver ao seu filho, desde logo, para a sua aparência e saúde, a importância da higiene bucal e dos dentes limpos. Escolha com o máximo cuidado o dentífrico que ele deverá usar: puro, eficaz e de sabor muito agradável. Ele gostará do Creme Dental Squibb pelo seu delicioso sabor e pela admirável sensação de frescor que deixa na

boca! É tão puro que jamais poderá acarretar-lhe qualquer inconveniente. Não estragará o esmalte dos dentes nem irritará as gengivas, porque não contém nenhuma substância raspante ou adstringente. Acostume-o a usar este delicioso e seguro

dentífrico depois de cada refeição, se possível, ou pelo menos, duas vezes ao dia.



CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA EFICÁCIA E PUREZA

424



*Pratos variados
a toda hora*

MINGAU de manhã... sopa ao almoço e jantar... bolinhos para o chá, tudo feito com a deliciosa Quaker Oats. Como são gostosos e como fazem bem! Quaker Oats contém os verdadeiros e necessários elementos para ganhar-se saúde e vigor. Fortifica o organismo, acalma os nervos, dá energia. Tome Quaker Oats todos os dias. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 grs. em cada lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Livros

NOTAS DE UM DIÁRIO DE CRÍTICA — Alvaro Lins — Rio.

Indiscutivelmente o Sr. Alvaro Lins já conquistou a posição de um dos nossos melhores críticos literários. Possuidor de vasta cultura, formada nos mais diversos quadros do espírito, senhor de um estilo vivo e impressivo, tem a valorizar todo esse patrimônio mental duas características sem as quais é impossível haver um bom crítico: orientação doutrinária e bom gosto. Sua orientação doutrinária faz com que tenha uma noção bastante elevada e digna da crítica, forma híbrida e difícil de literatura partilhando um pouco da esfera artística, pelo que nela existe de subjetivo, e da esfera científica, pelo cuidado e a objetividade com que deve encarar a obra literária. Seu bom gosto obriga-o a combater e a repudiar tôdas as falsas manifestações da arte de escrever que pululam no nosso século. Inimigo declarado da "sub-literatura", produto indireto da ascensão das massas na nossa época, resultado de uma corrupção do bom gosto e da contaminação que sofreu a verdadeira literatura com a proximidade de gêneros inferiores, o Sr. Alvaro Lins não perde uma oportunidade para condená-la, nas páginas deste livro.

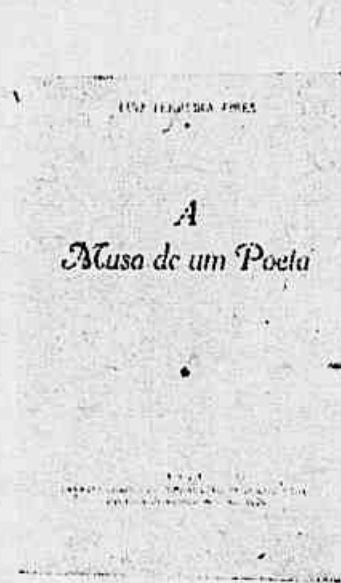


E' esta uma obra que lembra um pouco o *Journal* de Goncourt, não no tamanho é claro, mas no atrair das notas que contem. Devemos dizer — e não se zangue com isso o Sr. Alvaro Lins — que há na obra um certo caráter póstumo que impressiona mal, vinda como vem de um escritor na força da vida e da produção. Acharmos que publicação é um tanto prematura. Essas notas mais parecem fazer parte do espólio de um escritor falecido do que de um crítico que, sob muitos pontos de vista, é uma promessa — e uma bela promessa, por sinal. O Sr. Alvaro Lins devia desenvolver muitas dessas notas em ensaios e não publicá-las em forma bruta como o fez. Que belas páginas não nos daria se profundasse a posição e o dever do artista, na hora presente, ou se pesquisasse mais intimamente as relações entre a lógica e a literatura, ou, ainda, se desenvolvesse suas impressões de leitura? Assim como está, o livro parece ter nascido da preguiça do Sr. Alvaro Lins, ou da ansia de publicar, tiliação que, em qualquer dos casos, não o recomenda muito.

Salva-o, porém, o grande prazer que nos proporciona: o de conversar com o Sr. Alvaro Lins. Encarando-o como uma palestra e nada mais do que isso — teremos uma idéia justa a seu respeito. E' tal qual uma conversa de esquina. Quando a gente vai tomando gosto num determinado tema, surge o imprevisto, à hora marcada, a obrigação que deixa tudo pela metade. E' um livro inteligente, no entanto, como tudo que sai da pena do grande crítico. Seu autor não é homem que viva a reproduzir slogans do momento ou opiniões de panelinhas. E' um crítico com toda a dignidade que esta palavra encerra. Os problemas que agita são os mais importantes da arte moderna: a posição do artista, questão da forma, o modernismo, o isolamento do escritor... Tudo isso estuda com superioridade e elevação.

Além disso, o livro contém ainda anedotas. Não são más. Estranhemos, apenas, que seus protagonistas sejam citados unicamente pelas iniciais, o que em nada lhes oculta os verdadeiros nomes. Por que o autor não os escreveu com tôdas as letras?

A MUSA DE UM POETA — Luiz Ferreira Pires. — S. Paulo.



Este romance vem provar que o romantismo não é um movimento morto e esquecido, como muitos pensam. O romantismo está aí vivinho, na carne e na alma de muita gente. O Sr. Luiz Ferreira Pires é um romântico legítimo, do tempo de Castro Alves, das declamações á lua e das cabeleiras compridas. Sua obra chegou atrasada com anos. Si tivesse sido publicada em 1830 seria apreciabilíssima. Hoje seu efeito é bem menor. Em todo caso tem qualidades e esse romantismo mesmo talvez seja apenas a sequência da mocidade do autor. Propõe-se este resuscitar a vida de um poeta de Paulicéia antiga, sem no entanto confessar-lhe o nome. Não foi biografia o que se propôs a fazer, e sim romance. Talvez o contrário despertasse maior interesse.

Ainda precisamos de quem vivifique a biografia dos nossos poetas. E que belos livros não dariam um Fagundes Varela ou um Gonçalves Dias? Experimente o Sr. Ferreira Pires o gênero biográfico. Com a indiscutível capacidade de construção, de estudo psicológico que possui, quem sabe se não será mais feliz?

GASPAR SILVEIRA MARTINS — Paulino Jacques — Rio.



Silveira Martins, uma das figuras mais interessantes da história do Brasil, mereceu do Sr. Paulino Jacques uma biografia honesta e sincera, que não é uma mera apologia. O livro encerra primorosas ilustrações de caricaturistas da época. Vê-se que o autor fundamentou seu relato em documentos irrefragáveis e procurou traçar um retrato quanto possível verdadeiro do homem que segundo ele próprio foi o "paladino da unidade republicana da pátria."

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr.\$ 1.50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na própria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

Novos

EL PERU EN MARCHA. — Ensayo de Geografía Económica. Publicado por el Banco de Crédito del Perú. — Lima.

EL PERU
EN MARCHA

O Peru é um dos mais encantadores países da América. Região de planície e de montanha, com uma costa bastante extensa, ele oferece ao geógrafo e ao sociólogo matéria para proveitosíssimos estudos. Sua população, da qual é parte importante o elemento indígena, tem provado sua resistência na luta incessante contra uma natureza nem sempre idílica. O Peru é o país dos grandes vulcões e dos terremotos avassaladores. Centro de civilização, desde a era colonial, Lima, a capital, foi uma cidade universitária, de letras e artistas, de igrejas suntuosas, onde se estudavam, já no século XVIII, as ciências físicas e onde se falavam o grego e o latim.

E' a realidade peruana que resume magnificamente esse livro editado pelo Banco de Crédito do Peru. Após sintetizar a geografia e a história peruanas, a obra entra numa cerrada apreciação das possibilidades econômicas da nação visinha que deixam entrever um grande futuro.

O Peru tem diversos pontos de contacto conosco. A leitura deste livro é proveitosa sob diversos aspectos. Enfrentando problemas idênticos aos nossos, o homem peruano soube vencê-los por vezes, com uma inteligência e um senso das realidades locais que honram sua raça. Lêr esta síntese magnífica é compreender que no dia em que os países da América latina se resolverem a solucionar seus problemas em conjunto um grande passo será dado na civilização continental.

INTER AMERICAN INTELLECTUAL INTERCHANGE. — Texas. — 1943.

Inter American
Intellectual
Interchange

A Universidade do Texas, empreendendo uma obra meritória de aproximação continental, reuniu diversos trabalhos de professores norte-americanos e mexicanos sobre história, arte e filosofia no nosso continente. Temos a destacar nesta publicação o estudo do professor Risieri Frondizi intitulado *Tendencias in Contemporary Latin American Philosophy* que proporciona um panorama geral do pensamento filosófico na América Espanhola. Interessantíssimo também é o estudo de Manuel Toussaint sobre o Barroco. E' uma publicação que mereceria maior divulgação entre nós, sobretudo entre o nosso magistério.

A VIDA BOÊMIA DE PAULA NEI. — Raimundo de Menezes — S. Paulo.



O Sr. Raimundo de Menezes localizou a vida agitada e divertida do príncipe da nossa boêmia literária num livro de agradável leitura. Não satisfeito em evocar os principais acontecimentos dessa existência movimentada, o Sr. Raimundo de Menezes procura reviver uma das épocas mais brilhantes de nossa literatura, onde se encontraram e compreenderam poderosas individualidades. Os dias agitados da Abolição e da República, as rodas boêmias do tempo, tudo isso é bem evocado e maravilhosamente descrito.

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 4-7866

ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO



PRINCE
DE GALES
UM PRODUTO
COSTA PENNA

MODELO 1944!



ESTOFAMENTO
DESMONTAVEL

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

DURMA
MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CONDE CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



DÔRES /
de CABEÇA

TRANSPIROL



Lytton Strachey

A literatura inglesa tem a sorte de possuir uma coleção sem rival de biografias, á qual muitas novidades se têm acrescentado ultimamente. Além disso, nunca houve um período em que se tenham feito tantas experiências neste gênero literário como as realizadas na época em que vivemos. A mudança nos métodos de escrever biografia tem sido tão grande que podemos chamá-la revolucionária. Para explicar o que entendo por isto, será necessário considerar os elementos essenciais de boa biografia, voltar um pouco a vista para trás, folhear em seguida, nem que seja por momentos, algumas biografias importantes de nosso tempo e, finalmente, analisar com brevidade um exemplar destacado.

Antes de tudo, que é biografia? Uma definição conveniente é esta: "Biografia é a história das vidas dos indivíduos como um ramo da literatura". Ai temos, e nisso devemos insistir, os três elementos essenciais: "História", "Indivíduo", "Literatura". É escusado dizer que o relato tem de ser verídico. Deve ser planejado e composto de modo a que resulte uma obra de arte, e isto torna difícil a tarefa, mais difícil em certo sentido que a novela, porque na biografia há um limite além do qual é ilegítimo, para o biógrafo, especular ou confiar em sua imaginação, enquanto que, na novela, raramente existe tal limite. O estilo do bom biógrafo está sujeito á necessidade de ater-se aos fatos estabelecidos. Caso se afaste desses fatos — e a tentação de fazê-lo é grande — pôde fracassar sua obra por não resistir á prova filosófica. Devido á existência de numerosos fatos relacionados com as pessoas notáveis e a agradável perspectiva de compôr seus retratos, unidas ao deleite de preencher "lacunas" por meio da imaginação, há escassês de biógrafos. Mas na maioria fracassam, ainda quando capazes de produzir livros aceitáveis, porque os resultados de seus esforços raramente passam airesamente pelas provas da boa biografia — as provas de verdade: perspectiva e arte. Demasiadas impurezas nela deslizam, e a boa biografia, como o bom vinho e a boa manteiga, deve ser pura.

Nos primeiros dias da biografia — estou pensando em Plutarco e Suetônio — as principais impurezas eram devidas ao desejo de celebrar a morte ou usar a vida da pessoa como referência, como ilustração de alguma teoria ou concepção estranha. Em toda biografia, uma fonte constante de impurezas reside na subjetividade excessiva da parte do biógrafo, mostrada, a meu ver, na intromissão indevida de sua personalidade. Leva-se isto tão longe em certas ocasiões que a biografia de uma pessoa se converte irremediavelmente na autobiografia do autor, com a única exceção de que não são dêste os nomes, datas e lugares, os quais pertencem á pessoa cuja vida tem o autor o propósito de escrever. Outra causa de impureza é o desejo que tem os biógrafos de incluir a todo custo um número de boas anedotas, e isto conduz a um labirinto de frequentes digressões inteiramente injustificáveis. Seria possível formar uma longa lista

de impurezas, mas é suficiente o que acima dissemos para dar uma idéia do significado da palavra. Com respeito aos escritos o estilo e a mente do biógrafo devem ter capacidade para tratar de todo fato e situação, quer físico quer psicológico da vida de seu biografado. A obra deve ser construída de tal maneira que, ao ser lida, proporcione ao leitor não um simples panorama de fatos, mas "uma experiência". O leitor deve experimentar a sensação de que passou através da vida de outro, a vida do biografado. Esta, a meu entender, deve ser a prova final de uma biografia.

Julgados segundo os padrões modernos, todos, com exceção de muito poucos biógrafos clássicos e medievais, fracassam lamentavelmente em seu propósito de satisfazer ao leitor. O inglês James Boswell, na sua enorme *Life of Samuel Johnson*, foi quem assentou as regras para todos os futuros ensaístas dêste gênero literário. Foi o primeiro a reconhecer completamente que a biografia é uma mistura artística de outras formas da literatura — história, novela, epopéia, sermão, epístola e simples dizquedizque. Foi ele também quem se deu conta de que o biógrafo, para alcançar êxito, deve possuir uma imaginação capaz, a um tempo, de modéstia e de auto-afirmação, convicção e amplitude de critério. Manifestou isso ao pintar o retrato perfeito de Samuel Johnson (decano das letras de sua época e personalidade eminente). O Johnson de Boswell está hoje onde esteve — quer dizer: é ainda a maior biografia que jamais se escreveu. Recorre-se a ela ainda, uma vez por outra, para informação, divertimento e inspiração. É estimada igualmente pelos intelectuais e pelo leitor comum.

Não obstante o progresso da psicologia moderna, não se notam sintomas de que essa obra seja superada. É uma montanha cuja situação impressionante ganha á medida que mais nos afastamos dela.

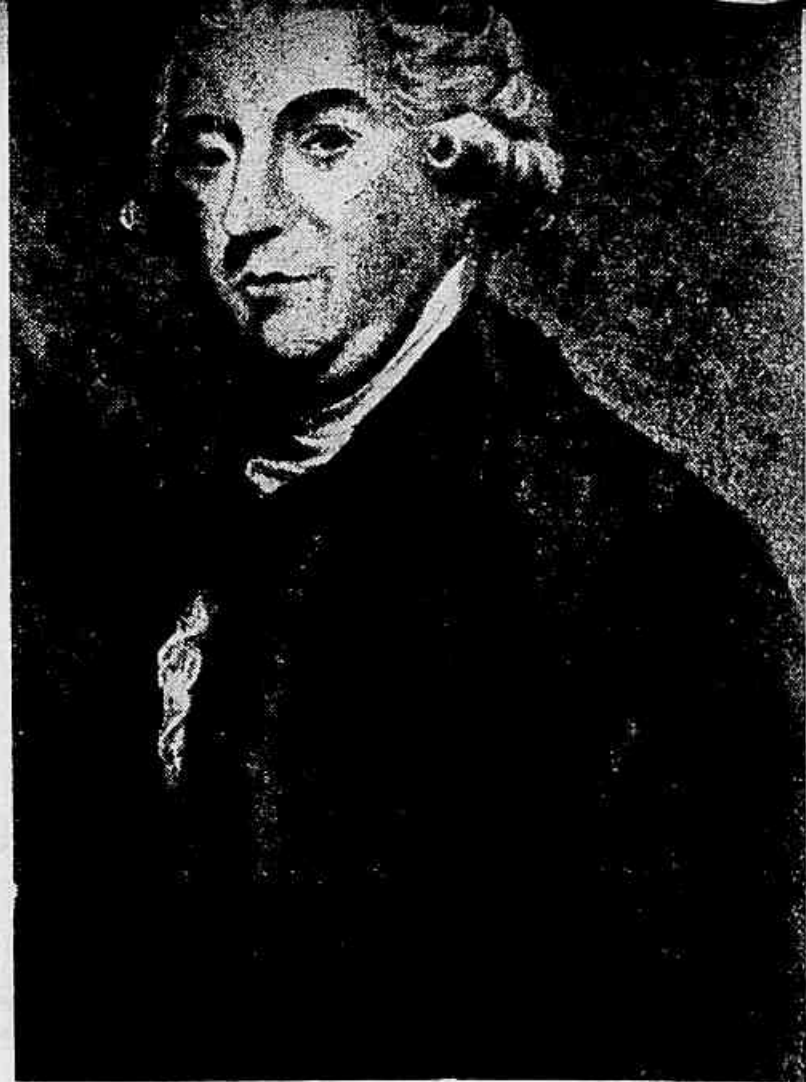
Desde Boswell até o século XX, existe um vácuo na boa biografia na Inglaterra, e neste vácuo se encontra um monte de tolices em forma de livros que nos oferecem a *Vida e as Caras* dêste ou daquele homem famoso. Era costume, na época vitoriana, não mostrar os aspectos desagradáveis do assunto. A biografia degenerou

A BIOGRAFIA NA LITERATURA INGLÊSA de Charles Duff

assim em uma perfeita irrealdade. Os biografados, quaisquer que pudessem ser seus defeitos, eram pintados como criaturas perfeitas, quasi isentas de humanidade. Todos os defeitos de seus caracteres eram removidos. Não se mostravam as manchas. Esta desonestidade exerceu, inevitavelmente, seu efeito sobre o estilo literário (com frequência tenho insistido em que a sinceridade é a metade na batalha pelo estilo) e em nenhuma das biografias vitorianas se encontra habilidade ou graça digna de menção. Há nelas pouca verdade, e em nenhuma existe individualidade nem arte.

A biografia, com efeito, parece que foi uma arte perdida até o ano de 1918, no qual Lytton Strachey infundiu-lhe vida nova com *Eminent Victorians*.

Lytton Strachey publicou depois *Queen Victoria*, aumentando com isto a reputação ganha com seu primeiro livro. Ambas as obras são admiráveis e ambas tratam daquele período do vitorianismo que durou os oitenta e um anos do reinado da rainha. A tarefa realizada por Strachey havia desconcertado e vencido a todo aquele que tentou ocupar-se dêste opulento período da história inglesa, abundante em acontecimentos, todos os quais estavam relacionados com as vidas das eminentes pessoas que ele desejou retratar e, especialmente, com a rainha Vitória figura central de todas elas. Teve que encarar a revolução industrial e social, os grandes movimentos constitucionais na psicologia nacional. Não pôde esquecer que as diferenças que tiveram lugar na Inglaterra, naqueles oitenta anos, alteraram a estrutura do mundo civilizado. Lytton Strachey resolveu fazer uma relação abreviada de tudo isto em adição a todo



James Boswell

feito essencial da vida da rainha, em um livro que intitulou *Queen Victoria*.

Não sei quantos anos empregou em preparar-se para esta tarefa, porém, ao que parece, não esqueceu nada de importância. Sobretudo, resolveu dizer a verdade completa e não acovardar-se ante considerações de hipocrisia ao pintar a rainha. Onde constasse haver ver rugas havia que pô-las ás claras. Quando aparecer o livro, causou sensação na Inglaterra, não só entre os leitores comuns, muitos dos quais se sentiram ofendidos pelo que consideraram crueldade e sinceridade excessiva, como também entre os escritores profissionais, os quais se encontraram diante de uma experiência artística de assombrosa eficiência. Lytton Strachey não mostrou apenas um pleno domínio do seu material, mas nele vasou os mais altos dons de inteligência e imaginação. Produziu uma nova obra de arte, uma obra que chegou a ser o modelo século XX para os biógrafos. Foi uma revolução completa na arte de escrever biografias. Sua única falta é que, por vezes, se arroga, muito conscientemente, a tarefa de beliscar a ampola da credulidade, complacência e amor próprio vitorianos. Sua própria rebelião pessoal contra os aspectos desagradáveis do século XIX se intromete indêbitamente na narração e a miúdo, toma a forma de um tratamento altamente intelectual e crônico de acontecimentos e personalidades. Sem duvida é esta a maior impureza em tôdas as biografias de Strachey. Mas está tão bem feita, tão deliciosamente escrita, é tão divertida e recreativa, numa palavra, está tão artisticamente misturada com o corpo principal da obra, por outro lado puro, que lhe perdoamos. Perdoam-se tôdas as faltas menores numa grande obra de arte, mas é permitido o malicioso deleite de assinalá-las. Quando se leu *Queen Victoria* de Strachey, viu-se que o autor resolveu um grande problema psicológico. A soberba maneira por que o fez é que dá ao livro sua unidade e nos faz viver através de sua leitura uma notável experiência.

Desde então não se passa um mez na Inglaterra sem que tenham aparecido várias obras de biografia e do mesmo modo que a influência de Joyce dilatou o campo da novela, a influência de Strachey dilatou o campo da biografia. O propósito agora é invariavelmente intelectual, e se está fazendo quasi sempre a tentativa de abordar o problema psicológico. Nada do que se relaciona com a vida do sujeito fica oculto pela única consideração de que resulte desagradável. Mas, aí, poucos escritores dos que seguem o método de Strachey têm sequer a metade de sua habilidade ou são capazes de prosseguir e dirigir a prova pela razão pura. A maioria das biografias escritas por autores ingleses versam sobre compatriotas ou sobre norte-americanos e é muito raro que atuem se aventure no campo da biografia estrangeira. Não obstante já se notam algumas tentativas nesse sentido e que veem a enriquecer consideravelmente o gênero biográfico na literatura inglesa.



O DISCO DA MORTE

de MARK TWAIN
(Ilustração de Goulart)

O episódio que vou relatar passou-se em uma das épocas mais brilhantes da história britânica: no tempo em que a Inglaterra estava sob o domínio de Oliverio Cromwell.

Oliverio Cromwell era tão hábil quanto ambicioso e, antes de ser senhor absoluto do poder, não vacilou um instante diante dos mais cruéis castigos para punir aqueles que ousaram opor-lhe a menor resistência.

O coronel Mayfair era o mais jovem oficial de sua guarda, no exército da República. Com trinta anos apenas, já havia assistido a numerosos combates. Sua coragem e bravura fizeram-no alvo de admiração geral. Devia ser muito feliz... e, no entanto, porque este ar tão triste e desanimado?

Era uma noite de inverno; fora reinava a escuridão e o barulho da tormenta; dentro, silêncio fúnebre.

O coronel e a esposa, depois de esgotarem o assunto de seu grande desgosto, permaneceram sentados, de mãos dadas, diante da lareira. Já tinham orado juntos e agora não lhes faltava sinão uma coisa — esperar. E, naturalmente, por pouco tempo. A esposa tremia pensando nisto...

Possuam uma única filha, Abby, de sete anos, a quem adoravam. Era a hora em que devia vir, como sempre, abraçá-los antes de dormir. O coronel, rompendo o silêncio, disse à mulher:

— Enxuguemos nossas lágrimas, por amor de nossa filha, para que ela nada note de extraordinário.

Uma linda criança, loura, de cabelos encaracolados, sorridente, porém com um arzinho enérgico, apareceu em camisa de dormir na soleira da porta e, radiante, ao ver os pais, entrou a correr e foi trepar nos joelhos do coronel, que, apertando-a contra o peito, abraçou-a profundamente.

— Papá, papá, não me aperte tanto assim; está me machucando e desmanchando meu penteado.

— Ia descer; o pai, porém, prendendo-a nos braços, disse:

— Não vás, filhinha, fica em meus joelhos. Si fui mau, perdoa-me. Qual é o castigo que mereço?

Um sorriso de alegria mudou num instante a fisionomia da criança que, apoiando sua face na do pai, pediu-lhe uma história.

Ouviram-se passos.

Os pais mantiveram a respiração suspensa para melhor escutarem.

Apesar do zunido do vento, ouviam-se ainda passos. Primeiramente, longe; ao se aproximarem, mais pesados; depois, mais pesados ainda, até que se afastaram de todo.

Então o casal respirou longamente, como si tivesse acabado de escapar de um perigo. E, tranqüilamente, o coronel continuou:

— Abby, certamente queres uma história alegre, não é?

— Não, papai, conte-me uma história triste, muito triste mesmo, que nos faça tremer, como si fôsse de verdade. Mamãe, fique pertinho de mim, e dê-me a sua mão. Agora, papai, pode começar.

— Era uma vez três coroneis, que numa batalha cometeram certa indisciplina. Tinham-lhes ordenado simular um ataque sobre uma forte posição, afim de atrair o inimigo e dar tempo ao exército da República de bater em retirada. Entusiasmados, porém, os três coroneis travaram verdadeiro combate e ganharam. O general em chefe deu-lhes cumprimentos, porém, aborrecido com a desobediência, ordenou-lhes que viessem a Londres para ser julgados.

— Papai, o grande general não é Cromwell?

— É.

— Conheço-o bem. Costumo vê-lo passar, montado no seu enorme cavalo, à frente dos soldados. Parece que todo o mundo o teme, mas eu, não. Olha-me com tanta bondade...

— Tagarelazinha querida! Os coroneis estão afinal em Londres, prêsoes sob palavra. Permittam-lhes ver suas famílias pela última vez.

— Ouça, são passos!

Puseram-se a escutar em silêncio. Os passos, porém, ainda uma vez se afastaram e a mãe encostou a cabeça no ombro do marido para esconder a palidez.

O pai continuou:

— Foi esta manhã que eles chegaram.

Os olhos de Abby se arregalaram.

— Mas, papai, é então uma história verdadeira?

— Sim, querida.

— Oh, paizinho, como adoro você! Continue. Mamãe está chorando; por que será? Diga, onde...

— Por nada, meu bem, pensava neles e nas pobres famílias.

— Ora, mamãe, não chore mais, a história vai acabar bem, você há de ver. Vamos, papai. Ao chegarem, foram para onde?

— Primeiramente, antes de lhes permitirem ver as famílias, levaram-nos para a Torre. Aí os juizes, ao fazerem o interrogatório, acharam-nos culpados e foram os três condenados à morte.

— Que crueldade! Mas a mamãezinha chora ainda. Não é preciso. Não morrerão.

Aposto. Ande papai, depressa, conte logo o fim...

— Estou pensando...

— Não é preciso, você sabe muito bem a história. Conheço os três coroneis?

— Sim, filhinha.

— Que vontade tinha também de conhecê-los! Adoro os coroneis... Diga-me, papai: será que gostariam que eu os abraçasse?

— Sim, principalmente um, mais que os outros. Dá-me um abraço, como si fôsse para ele.

— Está bem, e depois darei também para os outros dois. Si eu os pudesse ver, dir-lhes-ia: meu pai é um bravo, como você, e teria feito o mesmo; por isso não têm de que se envergonhar.

— Ouçam, ouçam.

— Desta vez não é o vento...

— Em nome do Lord General, abram a porta!

— Papá, são soldados, larguem-me, deixem-me, vou recebê-los.

Abby, correndo com vivacidade para a porta, escancarou-a, gritando:

— Entrem, entrem! Papai, papai, são os granadeiros.

Os soldados entraram armados. O oficial fez continência e o coronel, de pé, respondeu à saudação.

A mulher, pálida, ao seu lado, procurava esconder seu desgosto.

A criança olhava, espantada.

O pai abraçou longamente a esposa e depois a filha.

— Para a Torre, siga-me.

O coronel deixou o lar, e seguiu à frente dos soldados.

— Oh, mamãe, como papai é belo, como marcha bem! Então ele vai à Torre? Vai vê-los?

— Pobre filhinha, vem cá em meus braços, vem, querida.

No dia seguinte, a infeliz senhora não conseguiu sair do leito.

A pequenina Abby, tendo recebido ordem de ir brincar no portão, afim de não incomodar a mãe, achou que seria melhor avisar o pai do que se passava em casa, durante sua ausência.

A corte marcial estava reunida em presença do Lord General.

— Pedimos-lhe, disse um dos juizes, apontar o que deve morrer, mas recusam.

O semblante de Cromwell mudou de aspecto:

— Não morrerão todos, tira-se então a sorte. Tragam-nos, coloquem-nos neste aposento, lado a lado, com os rostos virados para a parede e as mãos para trás. Quando estiver tudo pronto chamem-me.

Permanecendo só, parecia absorto em tristes reflexões; depois, chamando um bedel, disse:

(Continua na pág. 45)



A DANSA

poema de atitudes e ginástica da beleza

COMEÇOU como manifestação de alegria, depois passou a fazer parte de um ritual sagrado, bárbaro e selvagem. Era, em seus primórdios, a imitação dos saltos e passos de animais, tinha a mimica decalcada na dos símios; saiu, pois, do reino da natureza e se foi polindo ao contacto da cultura e civilização humanas. Na Grécia atingiu o zenite; foi graça, leveza, agilidade, forma, cor, ritmo, beleza na essência quasi divina da sua paganidade. Do Olimpo desceu à terra e começou a sua trajetória humana a formosa *Therpsicore*.





As *saturnais* e as *bacanaís* morreram nos templos gregos, sob as colunas doricas e jonicas engrinaldadas de flores, mas estão sempre ressurgindo imortalizadas por uma divina Duncan, por uma alada Pawlova, porque o seu sentido mitológico lhes infiltrou um germe de imortalidade.

Depois de um período de transições ela resurge vestindo roupagens à moda do século. é o *Minueto* fidalgo, lembrando até hoje os salões dourados rebrilhantes de espelhos e cristais, evocando:

Corpos eris em curvaturas graciosas.
Marquesinhas louras, orgulhosos fidalgos
Finos como galgos,
Deslizam pelos tapetes
Nos passos dos minuetes...

E havia ainda a aristocracia Pavana, de cabeleira empôada e bastão de faiança, dominando os salões senhoriaes durante meio século; surge então a Gavotta com a Res-tauração, e vem do Meio-dia da França, da poetica Provença de Mistral, a enleante, tauração, e vem do Meio-dia da França, da poetica Provença de Mistral, a enleante, a seduzente Valsa que os alemães tomaram para si e que Strauss imortalizou; a valsa que Lord Byron classificou de: deusa impudica e imoral!

Que diria o aventureiro e poeta, filho espiritual da Grecia, da Mazurka e da Polca dos começos do século XX? Que classificação acharia para as dansas modernas, nos modernos dancings, onde duas gerações gingham, pulam, e se contorcem? Sob a regencia

1 - Fred Astaire, é o herdeiro moderno dos Nijinsky da arte classica; não lhe falta talento e "elan", mas Fred votou essas qualidades às dansas da sua época.

2 - Esta é uma atitude classica; ha nela a beleza da flôr que se embala na haste, do passaro que se âla às alturas azues do sonho... da borboleta que num leve adejo mal toca a corola relicario do pólen. Ha na sua atitude a ânsia de subir, do infeliz Icaro da lenda grega.

3 - Três atitudes de uma dansa moderna. A graça e a beleza no gesto dela; o par da esquerda acompanha-o no passo, enquanto o outro parece olhar apenas.

4 - Uma pirâmide, ou o pedestal humano de uma estatua viva?

de uma batura nevrótica, uma raça combalida por duas guerras tremendas, volta à dansa selvagem, ao *Duala Africa*, à imitação do passo de animaes como o Fox, a contorção dos simios como o Swing, e ao passo de urubú malandro de certos sambas de ritmo deturpado. O Tango-argentino e a Valsa — impúdica e imoral — de Byron, são hoje para nós, os remanescentes das atitudes românticas, dos passos elegantes; e o *Tango* também foi recebido com hostilidade pelas gerações passadas, era o: "arrastar insidioso do reptil... A dansa moderna não requer nenhuma aprendizagem, como outrora era necessario; não requer mesmo, nem ouvido musical, nem senso estetico. O cavalheiro segura a dama em posições exóticas e dansa como quer, tanto em passo lento, como

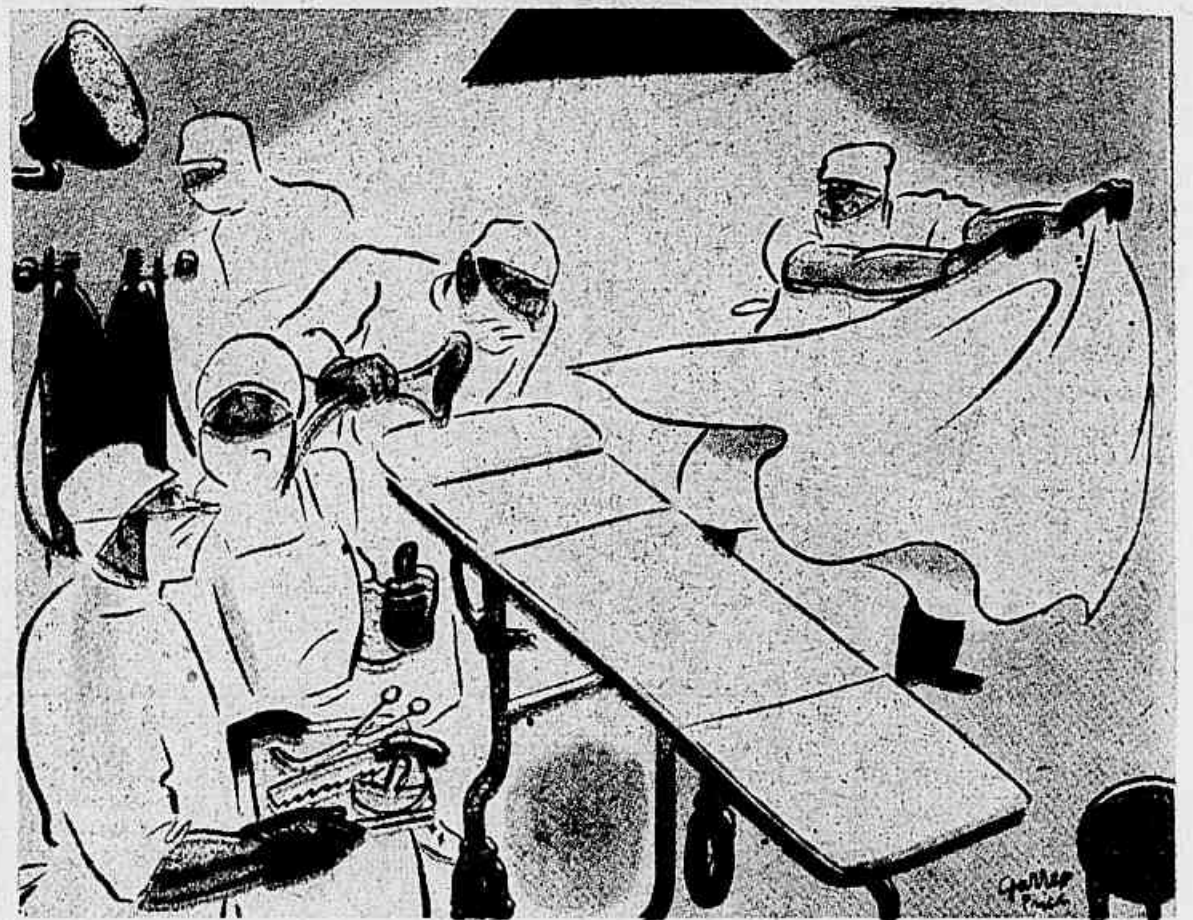
gingando apressadamente, ou em pulinhos, com malabarismos de amator circense.

A dansa academica continua a atravessar as malesas numa imperturbavel ascensão; a bela dansa classica continua a atravessar as malesas numa imperturbavel ascensão; a dansa academica, diria Isadora, do estilo de Nijinsky e da Pawlova, pois ela tentou erguer e exumar a dansa pagã da Grecia de Safo e Anacreonte. E assim a formosa Therpsicore faz a sua trajetoria atravez dos seculos e dos milenios, adaptando-se ao grão de cultura artistica, de gosto estetico, de educação moral e sentido musical de cada povo que surge no ciclo universal da vida humana.



— Você não acha que já é tempo de andar sózinho?

DE BOM HUMOR



— Ele não perde o habito de fazer numeros de magica.



— E' um ótimo empregado. Não deixa nunca um freguez sair sem levar alguma coisa.



— O que me parece é que ele saiu da cama pelo lado errado.



— E' preciso quebrar um pouco a monotonia do trabalho.



— O trabalho que nos dão estes jantares, hein, Marta?

Servix Engenharia Ltda.



Telegr. "SERVIX"
Caixa Postal 1744

Rua Senador Pompeu, 46-60
Tel. 43-2885

RIO DE JANEIRO

KAJ A. SVANHOLM

Materiais para construções
Cellobeton

BLOCOS ♦ STANDARD LAGE
COBERTURAS ♦ TACOS COM
MACHO E FEMEA ♦ PORTAS
E JANELAS "PADRÃO"
EXPANKO

End Telegrafico:
CELLOBETON

Telefone
22-4040

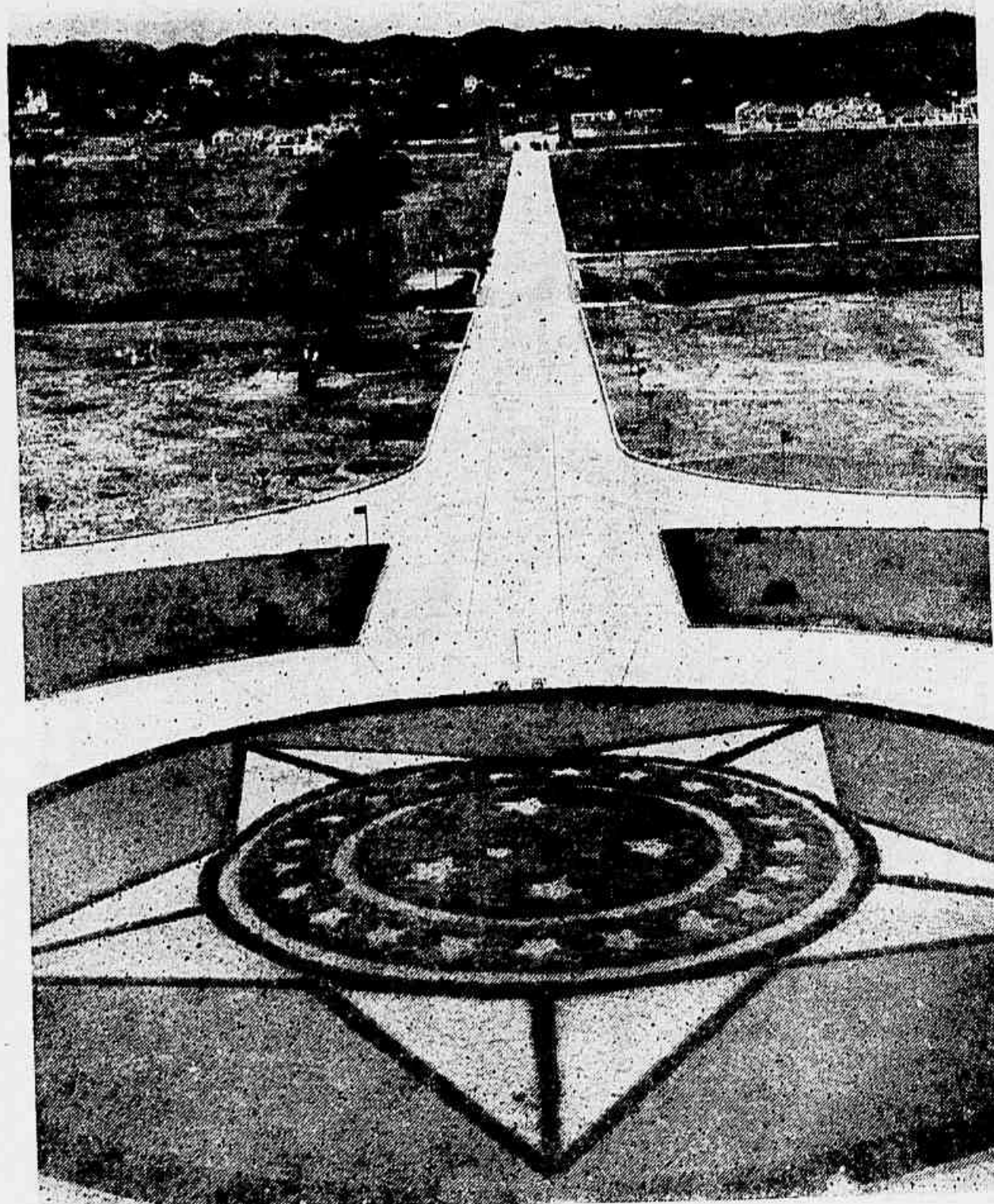
ALVARO ALVIM, 24-10.º and.
EDIFICIO MESBLA - SALA 114
RIO DE JANEIRO

A' Escola Militar de Rezende

homenagem da

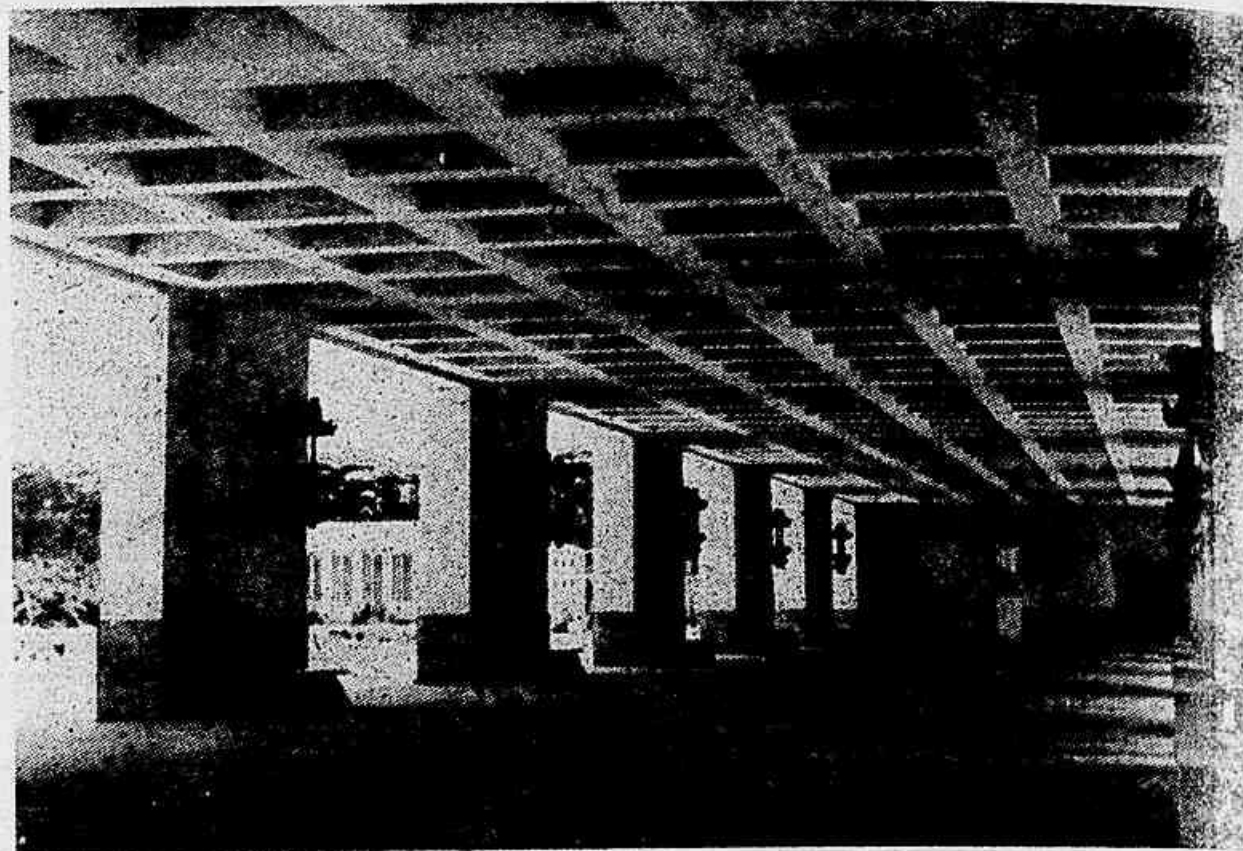
GENERAL  ELECTRIC

UM TRABALHO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE URBANISMO S. A.



As obras de arborização da Nova Escola Militar de Rezende, executadas pela Sociedade Brasileira de Urbanismo S. A., constituem um conjunto magistoso e artístico. Estampamos acima a foto de um dos magníficos detalhes deste maravilhoso trabalho da Sociedade Brasileira de Urbanismo S. A.





A' ESQUERDA: O GENERAL LUIZ DE SA' AFFONSECA, CHEFE DA COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA ESCOLA MILITAR DE REZENDE, FOTOGRAFADO EM SEU GABINETE DE TRABALHO.
A' DIREITA: UMA ESPAÇOSA GALERIA, MAGNÍFICO DETALHE DA MONUMENTAL OBRA DE ENGENHARIA, QUE É A ESCOLA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS.

A Escola Militar das Agulhas Negras

Logo após a vitória da revolução de 30, voltaram-se as atenções do governo federal para o problema da defesa nacional, elaborando programas e criando projetos para o perfeito aparelhamento de um exército, uma armada e uma frota aérea, a que poderia ser entregue confiadamente a missão de sentinelas do território brasileiro.

O desenvolvimento da arte belica, que então começava a evoluir vertiginosamente, revolucionando as bases da estratégia e da tática, até então empregadas, vinha reforçar a teoria de que a força de qualquer máquina militar moderna repousa sobre o alicerce do adextremente perfeito de seus soldados e do preparo técnico dos oficiais.

Daí a necessidade de se dotar o Exército Nacional de uma escola de formação de oficiais à altura de suas tradições, onde, num ambiente adequado às suas atividades e aos estudos, os cadetes pudessem se preparar eficientemente para a sua árdua e nobre missão.

O Governo do Presidente Getúlio Vargas, resolveu em boa hora, atendendo às exigências das circunstâncias, dar início às obras da construção da nova Escola Militar.

Foram então escolhidos os terrenos circunvizinhos à cidade de Rezende, no Estado do Rio, junto às Agulhas Negras, para a localização do futuro centro de formação de oficiais.

Dado início imediatamente à construção da monumental Escola, ergueu-se no local, uma massa arquitetônica de linhas puras e modernas, onde se esmeraram os técnicos encarregados dos diversos detalhes.

A Escola Militar de Rezende, cuja construção vem de ser concluída e que, já no início deste ano letivo receberá os cadetes brasileiros, é um estabelecimento de que se orgulha o país, uma demonstração eloquente do interesse do Exm.º Sr. Getúlio Vargas, em ministrar à mocidade militar uma instrução técnica eficiente, em um ambiente de conforto, próprio à sua formação intelectual e física.

Este grandioso estabelecimento de ensino militar, que em breve entrará em funcionamento, teve sua construção iniciada e terminada durante a gestão do Exm.º Sr. General Eurico Gaspar Dutra no Ministério da Guerra, ao qual se deve em grande parte a perfeita execução dos planos do Presidente Vargas.

Para elaboração dessa magestosa obra de engenharia, concorreram também os esforços, a inteligência e o valor científico e técnico do General Luiz de Sá Affonseca, chefe da Comissão Construtora da Nova Escola Militar de Rezende.

Para dar aos nossos leitores uma ideia do que é este moderno e magnífico estabelecimento de ensino militar, estampamos nestas páginas alguns aspectos fotográficos colhidos pelo nosso fotógrafo em Rezende.

Nessa moderna academia militar, terão os cadetes todo o conforto, tanto em suas horas de folga, quanto durante os trabalhos de instrução e as aulas teóricas.

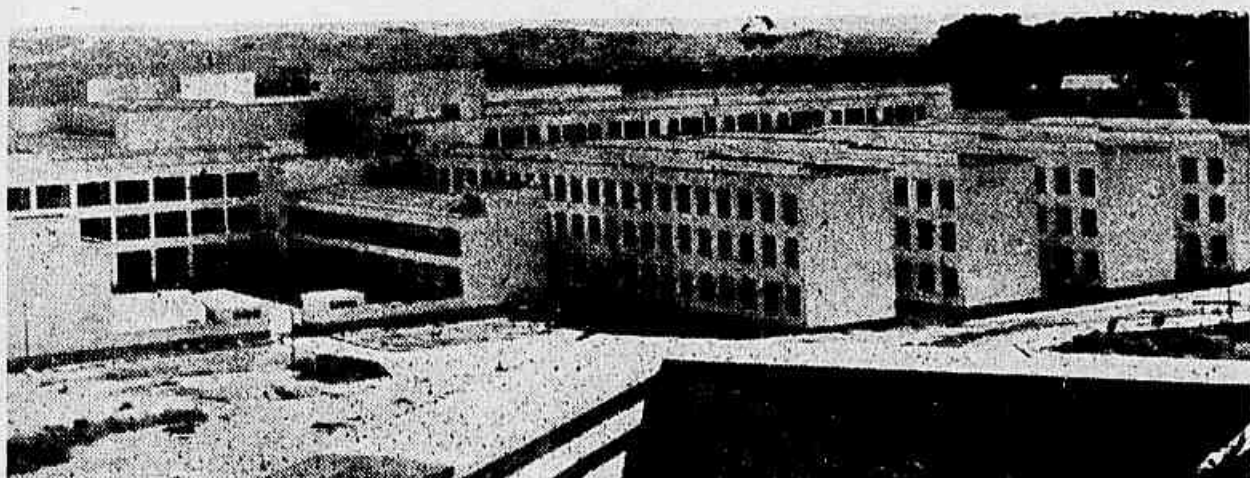
A escola é dotada de salas adequadas às aulas de todas as disciplinas, parques de Infantaria, Engenharia e Cavalaria, ligados estes num conjunto magestoso, cada qual servido por seus pavilhões próprios, onde se localizam salas de aula, mostruários, gabinetes para oficiais, dependências para material de tiro, munições, banhos, boxes e dependências para forragem e arriamento.

Além desse conjunto "Parques das Armas", há um picadeiro e campo de equitação, destinado ao treinamento dos cadetes de todas as armas, na nobre arte de cavalgar.

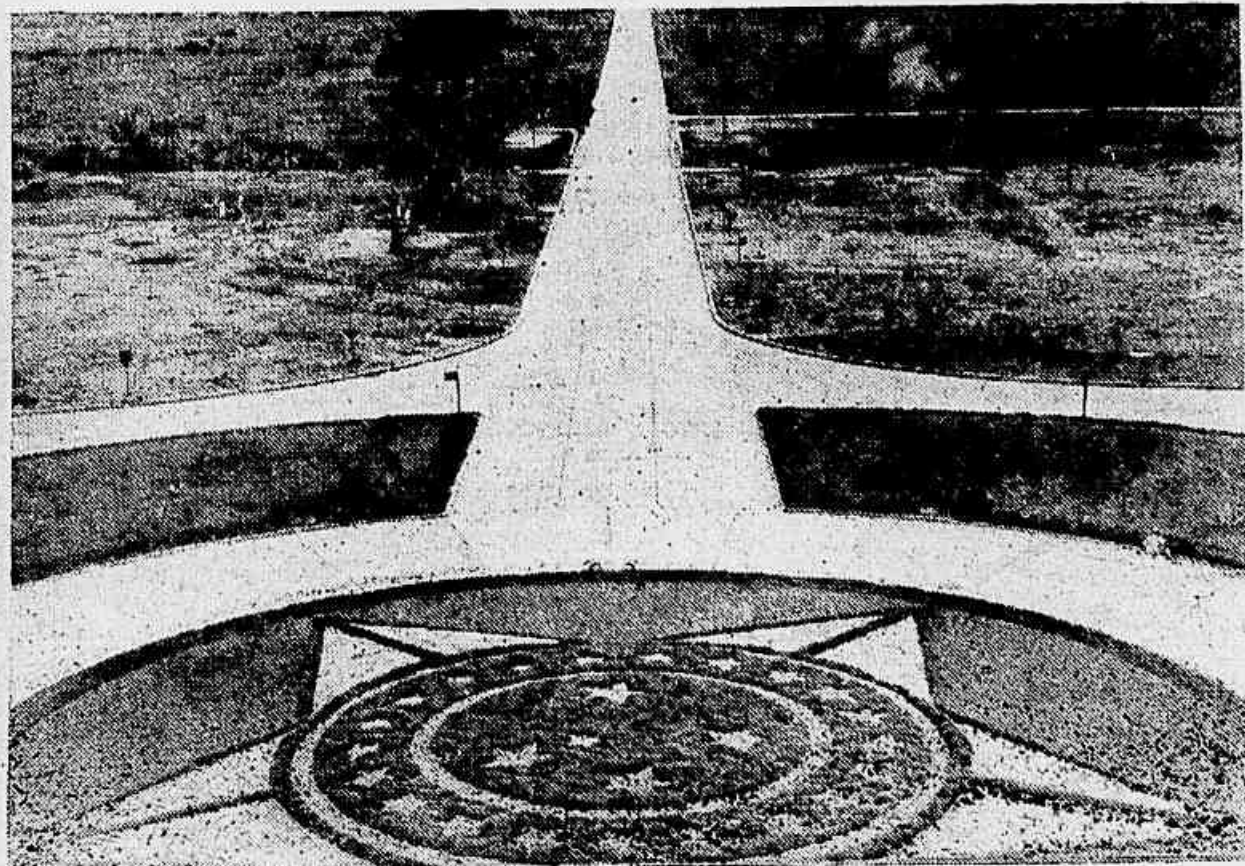
Também não se descuidou nesse grandioso projeto, da construção de um hospital, capacitado ao internamento de oitenta e duas pessoas, contando com todo o aparelhamento moderno e uma praça de esportes à altura da grandiosidade da Escola, provida de uma bela piscina olímpica.

O conjunto arquitetônico principal, onde estão situados os alojamentos, salas de aula, banheiros e instalações sanitárias, anfiteatros para física e química, um grande auditorium, refeitório com capacidade para 1.500 alunos, biblioteca, rouparia e outras instalações, compõe-se de um grupo de edifícios, dividido em várias áreas agrupadas em torno do "patio de revistas", ligadas por passagens abrigadas.

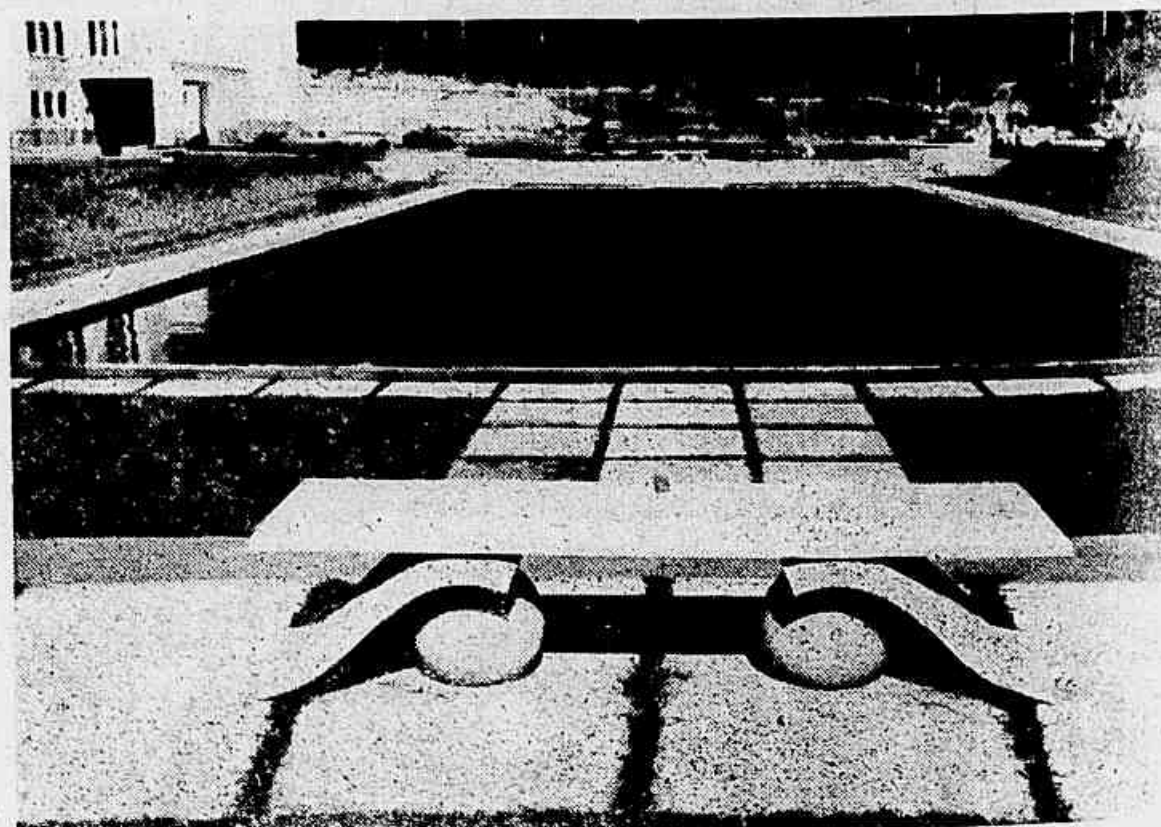
Dá acesso a esse conjunto, o monumental portão de entrada da Escola, ligado ao edifício central por uma passagem ajardinada, de belíssimo efeito.



VISTA DO PRINCIPAL CONJUNTO DE EDIFÍCIOS DA NOVA ESCOLA MILITAR.



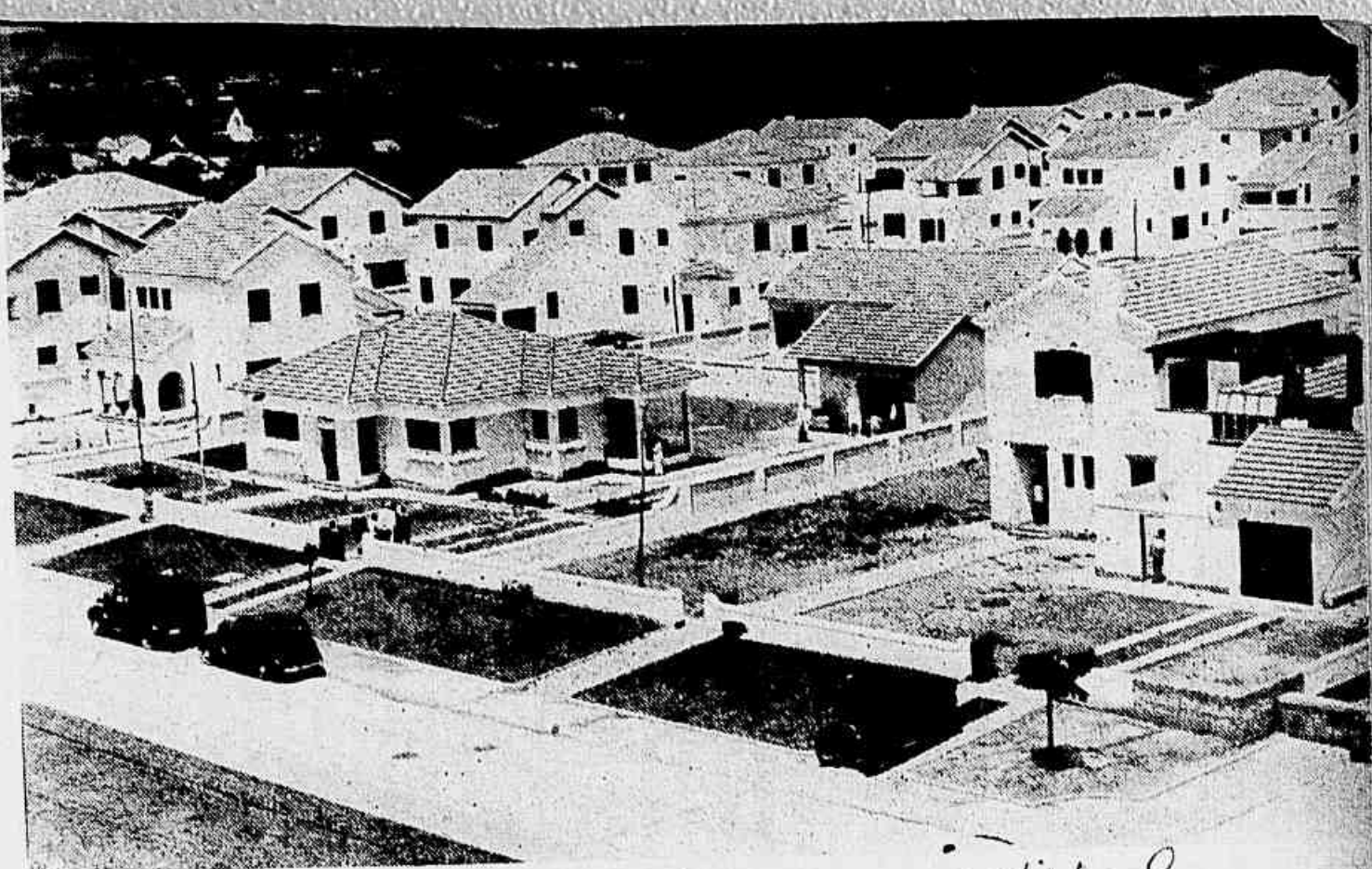
UM DETALHE DO JARDIM DE ENTRADA.



MAGNÍFICA PISCINA QUE FAZ PARTE DA GRANDE PRAÇA DE ESPORTES DA ESCOLA.



A PARTE PRINCIPAL DO
BAIRRO RESIDENCIAL,
CONSTRUIDO PELA FIRMA
TH. MARINHO DE AN-
DRADE, DE SÃO PAULO.



S. EXCIA. O PRESIDENTE
VARGAS COLOCANDO A
PEDRA FUNDAMENTAL DA
ESCOLA.

Em baixo : O PRESIDENTE GETULIO
VARGAS, FALANDO POR OCASIÃO DO
LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMEN-
TAL DA ESCOLA MILITAR DE REZENDE.

Da construção do conjunto
Bairro Residencial e do Portão
Monumental, foi encarregada a
firma Th. Marinho de Andra-
de, de São Paulo.

O bairro se compõe de duas
partes, sendo uma situada em
frente ao portão monumental
e constante de 90 casas para pro-
fessores e oficiais instrutores da
Escola Militar, e outra situada
no morro à esquerda da Escola,
destinada ao pessoal auxiliar des-
se estabelecimento de ensino.
Esse segundo grupo constará
de 370 casas, das quais já estão
prontas 70 e iniciadas as 300.

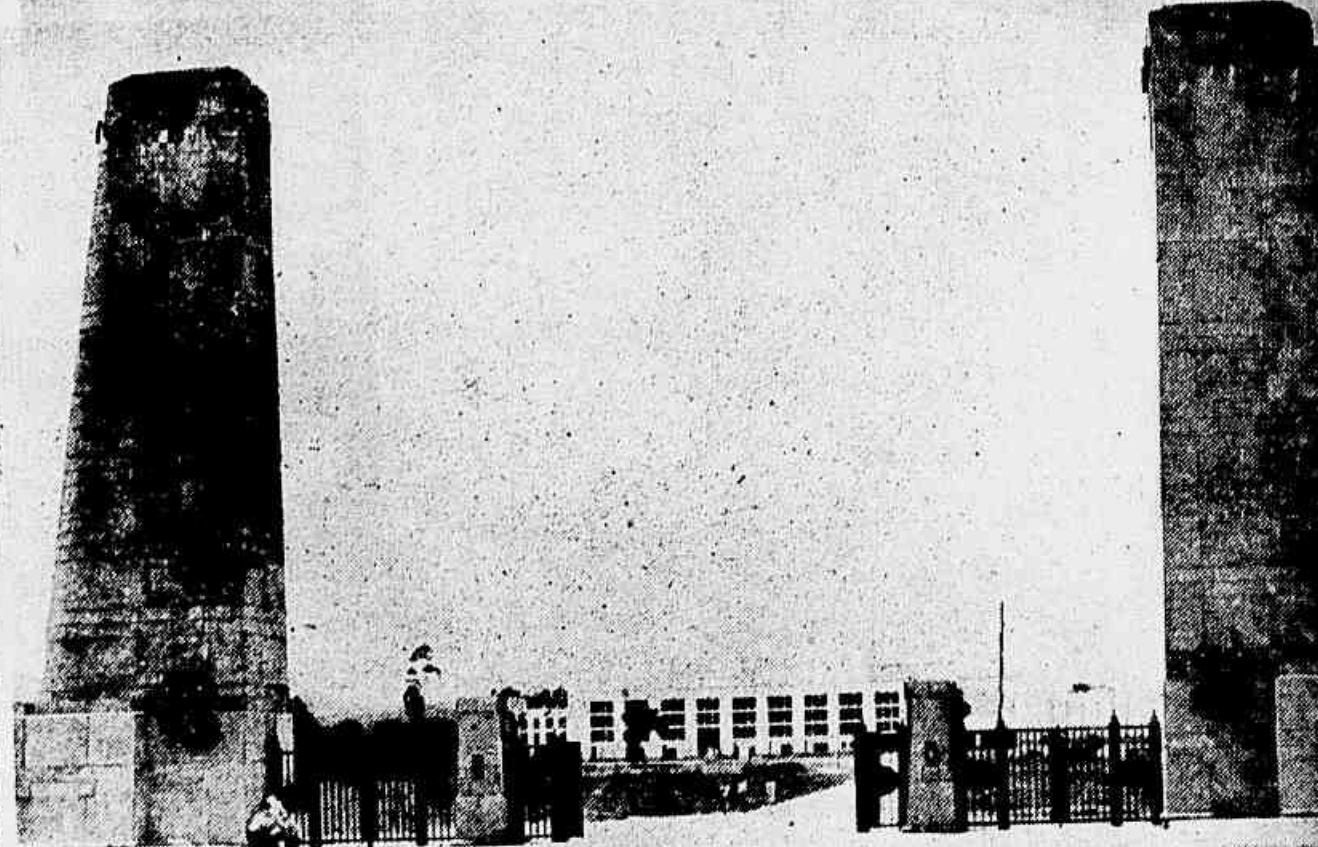
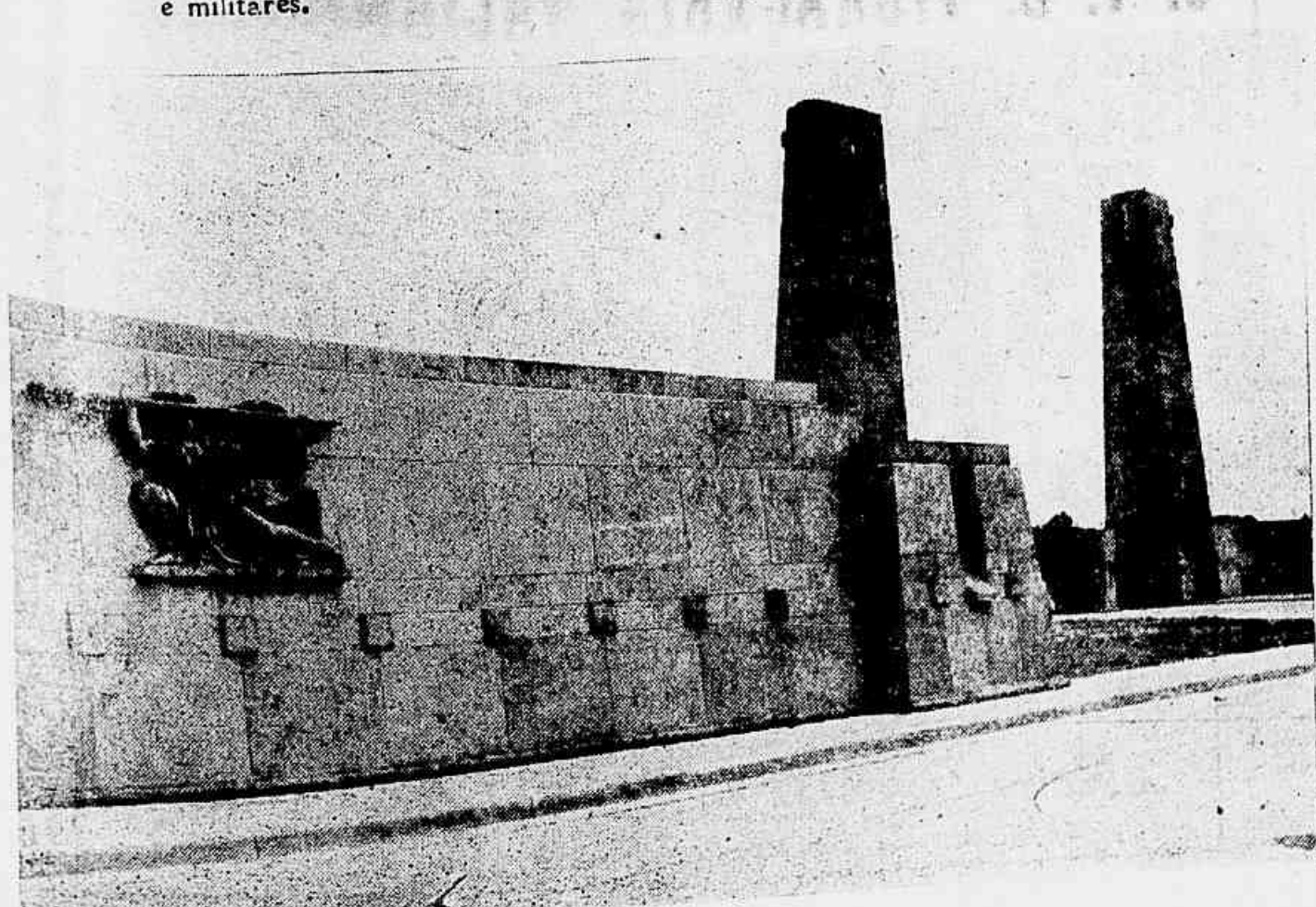
A construção desses bairros
envolveu interessantes proble-
mas de engenharia, quais o aterro
da parte do bairro nobre, afim
de que ficassem as casas a salvo
da maior enchente secular do
rio Paraíba, o estabelecimento da
Rêde de distribuição de águas,
de drenagem, e de esgoto, além
do problema arquitetônico do
conjunto. Esse problema era
tanto mais difícil, quanto o es-
tílo a ser adotado nas casas não
deveria destoar do portão mo-
numental, nem este do do con-
junto principal, da Academia.

Ao ser entregue ao Glorioso
Exército Nacional este grande
estabelecimento de ensino, a RE-
VISTA DA SEMANA relembra aqui,
muito oportunamente, o gran-
de acontecimento marcado pela
solenidade do lançamento da
pedra fundamental da Nova es-
cola Militar de Rezende, arro-
jada obra do Governo do Pre-
sidente Getulio Vargas.

São valiosos documentos fo-
tográficos desse festivo ac-
tecimento as gravuras que aqui
estampamos, nas quais apare-
cem SS. Excias. o Presidente
Vargas, Ministro Eurico Gaspar
Dutra, Interventores Hernani do
Amaral Peixoto e Fernando Costa
e outras altas autoridades civis
e militares.



DOIS ASPECTOS DO MONUMENTAL PORTÃO DE ENTRADA, MAGNIFICA OBRA DE ARQUITETURA, PODENDO-SE VER UMA DAS FIGURAS EM ALTO-RELEVO QUE O ADORNAM.



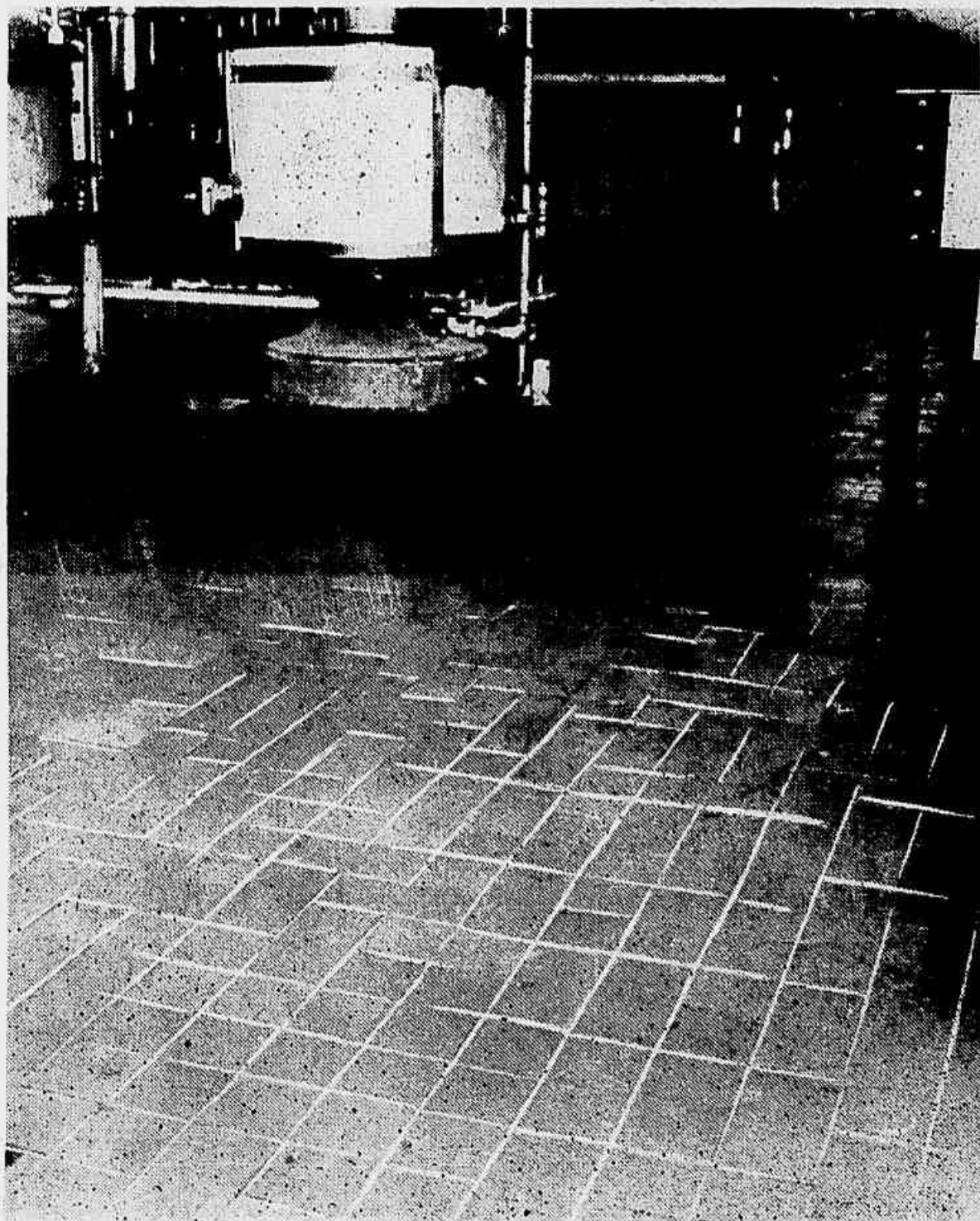
Com o registro que aqui fazemos cumprimos o grato dever de divulgar a grande realização do governo do Presidente Vargas, que, satisfazendo as aspirações do nosso Exército, veio dotá-lo de uma Escola Militar capaz de lhe fornecer oficiais cônscios de sua nobre missão e dignos de suas gloriosas tradições.

As canalizações de água potável foram executadas com Tubos Tetra-cap, de cimento prensado, fornecidos pela

EMPRESA COMERCIAL IMPORTADORA LTDA.

**RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 70 - 8.º
RIO DE JANEIRO**

AS OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO DA ESCOLA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS



Os trabalhos de pavimentação da grandiosa Escola Militar de Rezende foram confiados à Cerâmica São Caetano, de São Paulo, representada no Rio pela Sociedade de Representações Brasileiras "Renac" Ltda. Estampamos acima uma foto onde se pode ver uma bela pavimentação a ladrilhos, serviço executado com perfeição pela referida empresa técnica.

O mobiliário da Escola Militar de Rezende foi executado e fornecido por

P. Kastrup & Cia.

RIO DE JANEIRO

Rua Debret N.º 79 - A

Edifício Santa Catarina (Esplanada do Castelo)

Tels. 42-1736 -- 42-4784

**Vidros planos em geral
lisos e de fantasia
padrões modernos**

**Espelhos de qualidade
molduras e quadros
artigos para vidraceiros**

Peçam orçamentos á

C. V. B. VIDRAÇARIA NACIONAL

Av. Gomes Freire n.ºs 77 e 79

----- ou a -----

C. V. B. CASA SANTOS SEABRA

Av. Marechal Floriano n.ºs 38 e 40

RIO DE JANEIRO

**COMPANHIA COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL
"CVB"**

S. Paulo — Rio de Janeiro — Belo Horizonte — Bahia

Código Número Dois

Novela de EDGAR WALLACE

Tradução especial para a
REVISTA DA SEMANA

Quando se referem ao seu trabalho, os membros do Serviço Secreto jamais usam essa denominação extravagante e melodramática. Dizem, simplesmente: O Departamento. Mas não deixam, por isso, de envolver-se em estranhas aventuras. São, realmente, homens extraordinários. Mesmo assim Schiller não fez má figura entre eles, embora sua tarefa talvez não fôsse tão importante.

Schiller era um rapaz suíço inteligentíssimo e muito engenhoso. Tendo grande facilidade para línguas, seu passatempo era aprendê-las. Conhecia todos os agitadores, sabotadores e espões que trabalhavam em Londres e era extremamente útil ao chefe do Departamento, a despeito da desconfiança que este lhe votava. Desconfiança talvez não seja bem o termo. Era, na verdade, muito difícil definir tal sentimento, e, além do mais, não se baseava em fatos concretos. Uma impressão pessoal.

Chegou aos ouvidos do suíço — ninguém, até hoje, sabe como — a notícia da morte de Reggie Batten, assassinado quando copiava ordens de mobilização quargadadas em certo cofre em Munich.

Naquele tempo a Alemanha fazia a política da cordialidade.

As autoridades, mal consumado o crime, carregaram o corpo para um avião donde foi atirado.

Os jornais publicaram belas notícias, exprimindo pesar e convidando amigos e parentes do infortunado jovem a comparecer ao enterro marcado para as duas horas da tarde. Todos os imprudentes que compareceram foram presos, revistados e expulsos do país. Tudo isso, é claro, sem escândalo, no maior sigilo e com muita diplomacia — abundância de pretextos, fúteis em sua maioria, e a maior polidez.

Bland, que estava em Munich quando ocorreu o "acidente", preferiu não assistir ao funeral. Partiu, sem precipitações, mas também sem desnecessária demora.

No dia seguinte ao de sua chegada a Londres, recebeu um recado de Schiller, pedindo que marcasse um encontro.

Bland ouviu, com ar paciente, o que o agente tinha a dizer, e respondeu, sorrindo:

— O senhor está muito enganado a respeito do sr. Batten. Ele nada tinha a ver com o meu Departamento e, além do mais, sua morte foi accidental. Eis porque não lhe posso oferecer o lugar dele.

Schiller pareceu aceitar a derrota.

— Fui mal informado — replicou, polidamente, preparando-se para sair.

Mas não desistiu. Foi procurar o superior de Bland.

Sir John estava envelhecendo. Fôra, no seu tempo, o maior cérebro do Departamento. Decaía, evidentemente.

Era um chefe, entretanto. Inteligente e justo; justo, mas implacável.

Sua maior obra, fruto de uma existência inteira de trabalho, era o código número dois — uma perfeição, na opinião dos poucos que tiveram o privilégio de vê-lo. E estes não eram muitos, pois a importância do código punha em perigo todo homem familiarizado com o seu conteúdo. Quem o lêsse ficava com a vida por um fio. Uma palavra imprudente, um gesto, o simples fato de confessar ter visto o código poderia acarretar suplício para contar como era e morte se se negasse a isso, mesmo em tempo de paz.

Schiller nunca poderia ocupar um posto importante no Serviço. O principal obstáculo era a sua nacionalidade. Naturalizado, sabia bem que só a ingleses natos seriam confiadas missões especiais.

Sir John gostava de Schiller e já fizera muito por ele. Contara-lhe maravilhosas histórias de aventuras passadas que o suíço ouvira com atenção. Numa dessas conversas, Schiller mencionou, por acaso, o código número dois. Falou muito naturalmente, e Sir John, da mesma forma, discutiu a importância e a utilidade do código, salientando que este estava guardado num cofre especial e que era escrito em folhas soltas — coisa extremamente inconveniente, pois, tendo que consultá-lo todos os dias, Sir John, invariavelmente, colocava a folha consultada fora de ordem. Recusou a generosa oferta do suíço, que se dispunha a arrumar o código.



Essas informações, por poucas que fôssem, já constituíam demonstração de confiança do chefe, que, habitualmente, se recusava a dizer uma palavra sequer a respeito.

Certa vez, Bland mandou chamar Grigsby ao seu escritório e disse-lhe, com a voz baixa de seu hábito:

— Este tal Schiller está me aborrecendo. É inteligente e utilíssimo para nós, mas não confio nele...

— Seu comportamento é irrepreensível; e, além do mais, não sabe nada dos problemas maiores. Que o preocupa?

— Ele está inventando um novo receptor telegráfico, e já interessou Sir John no negócio. Trabalha o dia inteiro e à noite dá a caixa a Sir John para ser guardada no cofre. Nunca viu o código. Entretanto, eu não sei...

— Mas um receptor que saiba ler é difícil de encontrar...

Bland não estava convencido. Mandou chamar May Prince, uma mocinha baixa, magra, que aparentava dezoito anos, sendo que, na realidade, tinha dez anos mais. Além disso era dona de um sorriso maravilhoso e de lindos olhos cinzentos.

— Quero vigiar Schiller. Na semana que vem, você será despedida a qualquer pretexto; negligência, por exemplo. Você fingirá ressentimento e procurará Schiller. Confessará a ele que me odeia, dirá que sou um patife, e que gasto uma fortuna em corridas de cavalo. Mandarei arranjar uns recibos para tornar mais verossímil a história.

— Quer que ele faça chantagem?

— Nada disso. Ele é sabido de mais para fazer uma coisa dessas. Quero que ele retribua à sua confiança... Bem, adeus.

May saiu.

A execução da invenção de Schiller foi extremamente demorada. Entretanto, ele conseguiu fazer desaparecer as dúvidas que já vinham surgindo no espírito do chefe, transmitindo-lhe um pouco do próprio entusiasmo, que não era pequeno.

Empregava todo o tempo livre trabalhando na máquina, fechado no seu quarto. Ninguém sabia o que ele estava fazendo; ninguém pudera, ainda, examinar o receptor ou se familiarizar com as suas grandes qualidades. Todos os dias, quando batiam seis horas, ele se encaminhava para o escritório do chefe, carregando a máquina, e ficava esperando para vê-la guardada no cofre. Tranquilizado, então, voltava para casa.

O primeiro relatório enviado por May Prince foi desencorajante. O procedimento do suíço era irrepreensível; nada de suspeito; hábitos regulares.

No dia 30 de Julho de 1914, três dias antes da guerra, Bland foi visitar Schiller para pedir informações a respeito de um tal Antonio Malatesta, que era suspeito de espionagem. Schiller, como já disse, conhecia quasi todos os indesejáveis de Londres.

A porta estava trancada. Bateu, impaciente. Schiller veio abrir, afinal, pedindo desculpas pela demora. Estivera trabalhando.

Sobre uma mesa, havia fios, baterias elétricas, ferramentas, mas o receptor não estava lá. Notando a direção dos olhos de Bland, ele perguntou:

— Procura a minha invenção? Está no cofre. Amanhã mesmo vou dar uma demonstração.

Bland não o ouvia.

De pé, tentava descobrir qual seria a causa do cheiro desagradável que sentia. Cãfura e alguma coisa mais. Si bem que isso, a princípio, não lhe levasse a atinar com o segredo de Schiller, fê-lo desconfiar.

Sem dizer uma palavra, Bland deu meia volta e afastou-se.

No seu escritório havia um telegrama sobre a mesa, esperando por ele.

"Schiller agente inimigo. Chefe Departamento Códigos. Tenho prova. May."

Bland tirou da gaveta um revólver e saiu precipitadamente.

A porta de Schiller estava aberta, mas o suíço desaparecera.

O porteiro o viu sair por uma porta lateral.

♦♦♦♦♦

Bland voltou ao escritório e deu ordens para que se vigiassem todos os cais e estações de estrada de ferro, e se prendesse Augusto Schiller.

Descreveu-o, rápida, mas perfeitamente.

— E' lamentável — disse Sir John. — Mas ele não pode ter carregado nada de importância. Levou o receptor?

— Não, senhor. Mas eu acho que aquilo não é um receptor. Encostei o ouvido na caixa e ouvi um ruído de relógio. Sugiro que coloquemos a caixa no cofre, deixando a porta deste aberta, e esperemos para ver o que acontece.

Sir John pareceu hesitar, mas acabou concordando com Bland. Marcaram um encontro no escritório às seis horas.

Na hora do costume, a caixa foi colocada no cofre, no lugar habitual, bem em cima do código, guardado dentro de uma capa grossa de couro. Em seguida, Bland e Sir John sentaram-se perto e ficaram à espera.

Passaram, uma após outra, oito, nove, dez horas e nada aconteceu.

— Não vai haver nada. Eu acho esta espera um tanto ridícula — comentou Sir John, quando o ponteiro do relógio indicava um quarto para as onze.

— Parece — retrucou Bland — mas, assim mesmo, creio que vale a pena esperar. Olhe!

A capa do livro em que estava escrito o código começou a se levantar lentamente, até formar um L, um ângulo de noventa graus. Logo depois uma luz esverdeada iluminou o interior do cofre e ouviu-se um ruído: clic! Depois, apagou-se a luz e a capa tornou a cair.

Sir John estava boquiaberto. Bland, compreendendo tudo, exclamou:

— Extraordinário!

Tirou, em seguida, a caixa do cofre, com todo o cuidado, examinou o fundo, atentamente, tornou a colocá-la no lugar, e anunciou, com voz grave:

— O código número dois está nas mãos do inimigo.

Rajava o dia, quando Sir John e Bland encerraram as investigações. Metade da caixa era ocupada por acumuladores, que forneciam a corrente. Esta, agindo através de um ímã poderoso, fazia levantar a capa do livro e acendia pequenas lâmpadas de mercúrio, iluminando suficientemente o código para que uma pequena máquina pudesse fotografar a página.

— O maquinismo do relógio — explicou Bland — é muito simples. Ele controla a ligação da corrente. Provavelmente é também ele que puxa a corda da máquina fotográfica.

Sir John assentiu.

— Estou ficando velho, Bland. Tenciono aposentar-me no fim do ano. Mas, antes disso, preciso reaver o código. E foi até à porta.

— Há trinta homens — prosseguiu — cujas vidas estão dependendo de Schiller. Os nomes e endereços deles

acompanham o código. Schiller deve ter fotografado tudo. Logo sabe também onde estão os nossos homens. Quasi todos os dias eu mudava a ordem das folhas e há mais de nove meses ele vem trabalhando nisso. Deve ter tido tempo suficiente para fotografar o código inteiro, porque cada dia havia uma nova página em cima das outras. Você precisa me ajudar, Bland. Precisamos prender este homem, custe o que custar. Uma coisa me dá esperanças. Schiller é muito sabido e muito ganancioso para vender o código ao inimigo. Com certeza, decorou o código e vai oferecer-se para traduzir as mensagens dos nossos homens em troca de um ordenado principesco. Enquanto o código só for conhecido por um homem e depender da vida dele, bem... ainda há esperanças.

Bland olhou para Sir John. Encararam-se, em silêncio. Um silêncio de compreensão e de comunhão de sentimentos. No cérebro de ambos estava a mesma idéia. O velho não podia executá-la. O moço podia. E empregaria todos os seus esforços, toda a sua inteligência, todo o seu poder para cumprir a missão: matar impiedosamente o homem, porque, si visse, trinta outros, que valiam muito mais do que ele; trinta que haviam sacrificado tudo para servir à pátria, morreriam!

Schiller chegou, são e salvo, em território inimigo e iniciou as negociações com as autoridades. Era preciso agir de qualquer maneira. Bland teve um golpe de audácia. Por intermédio de um agente na Dinamarca, comunicou-se com Schiller e ofereceu comprar a cópia do código. Schiller recusou.

Pouco depois o mesmo agente na Dinamarca telegrafou para Bland:

"Schiller vai receber fortuna do inimigo para traduzir mensagens dos nossos. Só ele conhece o código."

Sir John tinha razão. Bland não desanimou. Telegrafou imediatamente para o traidor, oferecendo dinheiro si ele concordasse em ir para um país neutro e permanecer ali, guardando o segredo.

"Procure-me na Holanda e arranjaréi tudo", terminava sua mensagem.

A resposta que recebeu era característica do espião: curta e, à primeira vista, nada tinha de extraordinário. O que exigia era, preconcebidamente, impossível.

Dizia: "Venha à Bélgica e veremos".

Sugestão inaceitável, pois a Bélgica já fora tomada pelo inimigo, mas Bland resolveu enfrentar o risco.

Partiu. Sua bagagem era reduzida: uma valise e um punhal.

Entrou na Bélgica — não importa divulgar como. Em Bruxelas, procurou Schiller. Não foi difícil encontrar o espião. Vivia num palacete riquíssimo, confiscado pelas autoridades alemãs. Radiava saúde e aparentava prosperidade.

O lugar marcado para o encontro foi uma pequena estalagem, na estrada Ghent-Lille.

— O senhor é um homem corajoso — disse, ao saudar Bland, proferindo as palavras com um sorriso de superioridade.

— Teria muito prazer em servi-lo, mas, infelizmente, o que me pede é impossível.

Bland virou-se para ele:

— Nesse caso, por que me fez vir até aqui?

— Tenho certo código — disse cuidadosamente — quasi completo. Faltam-me três páginas. Quanto quer por elas?

Bland ficou impassível.

— Generosa oferta. Mas, que código deseja comprar, meu caro amigo? Não lhe posso vender nada sem saber o que estou vendendo.

— E' claro que me refiro ao código número dois.

Bland interrompeu-o.

— O número dois? Impossível, é claro. Nem o meu distinto amigo nem eu conhecemos o código número dois. O que você roubou foi o número três. Si não sabia, fique sabendo agora.

Schiller sorriu, novamente, com superioridade.

— Nós estamos perdendo tempo, meu amigo. Quando chegar a Londres, pergunte ao seu chefe si "Agate" não quer dizer: "Navios-transportes carregados em Borkum."

— Você pode ter aprendido esta palavra por acaso.

— Pergunte-lhe, nesse caso, se "Optique" não significa "Imperador partiu para Dresden" — continuou Schiller.

Bland olhou-o, pensativo.

— Meu amigo — disse, por fim — você é muito inteligente e muito abelhudo. Sabe de mais. Nunca deveria ter-se envolvido numa aventura destas. Pode ter consequências fatais para você. Não sei si conhece a regra que prevalece no Departamento: qualquer homem não autorizado que chegar a ver o código será fuzilado sumariamente.

Quando a dona da estalagem entrou, pouco depois, Bland fumava, plácidamente, um charuto.

A mulher olhou, curiosa, para Schiller.

— Está cansado — explicou Bland. — Precisa dormir. E não deixe que as moscas o acordem.

— Não será incomodado — concordou a mulher, embolsando a generosa gorgeta oferecida.

— Quando ele acordar, diga-lhe que fui para Ghent.

Três horas mais tarde um soldado alemão veio tomar café. Levantou o lenço que cobria o rosto de Schiller.

— Gott!

Schiller estava morto, com um punhal enterrado no peito. Mas o casaco o escondia.

Uma semana depois, Bland vestia-se para jantar, no seu apartamento, em Londres, quando o criado veio informar que Grigsby queria falar-lhe.

— Disse-lhe que o senhor estava se vestindo, mas ele insiste que é muito importante.

A expressão de Taylor mostrava toda a sua desaprovção. Ele tinha o privilégio de criticar impunemente a

(Continua na pag. 45)



**FRAQUEZA CEREBRAL, DISPEPSIA
NERVOSA, NEURASTENIA,
FALTA DE MEMORIA
E PERDA DE
APETITE.**

Neurobiol

**O TONICO DO
CEREBRO**

**A
VENDA
EM TODO
O BRASIL**

Reportagem de FORTUNE E LEVI

NA esquina da Rua do Ouvidor com a Travessa do Comercio, situa-se uma das menores, porém, mais belas igrejas do Rio de Janeiro a de N. S. da Lapa dos Mercadores. Está atualmente em obras.

E aí, dentro de um trabalho intenso de restauração, tive momentos de verdadeiro encantamento, vendo ressurgir a primitiva feição da Igreja através do carinho e atividade de seus restauradores.

Ao Patrimônio Histórico, cabe a iniciativa da obra.

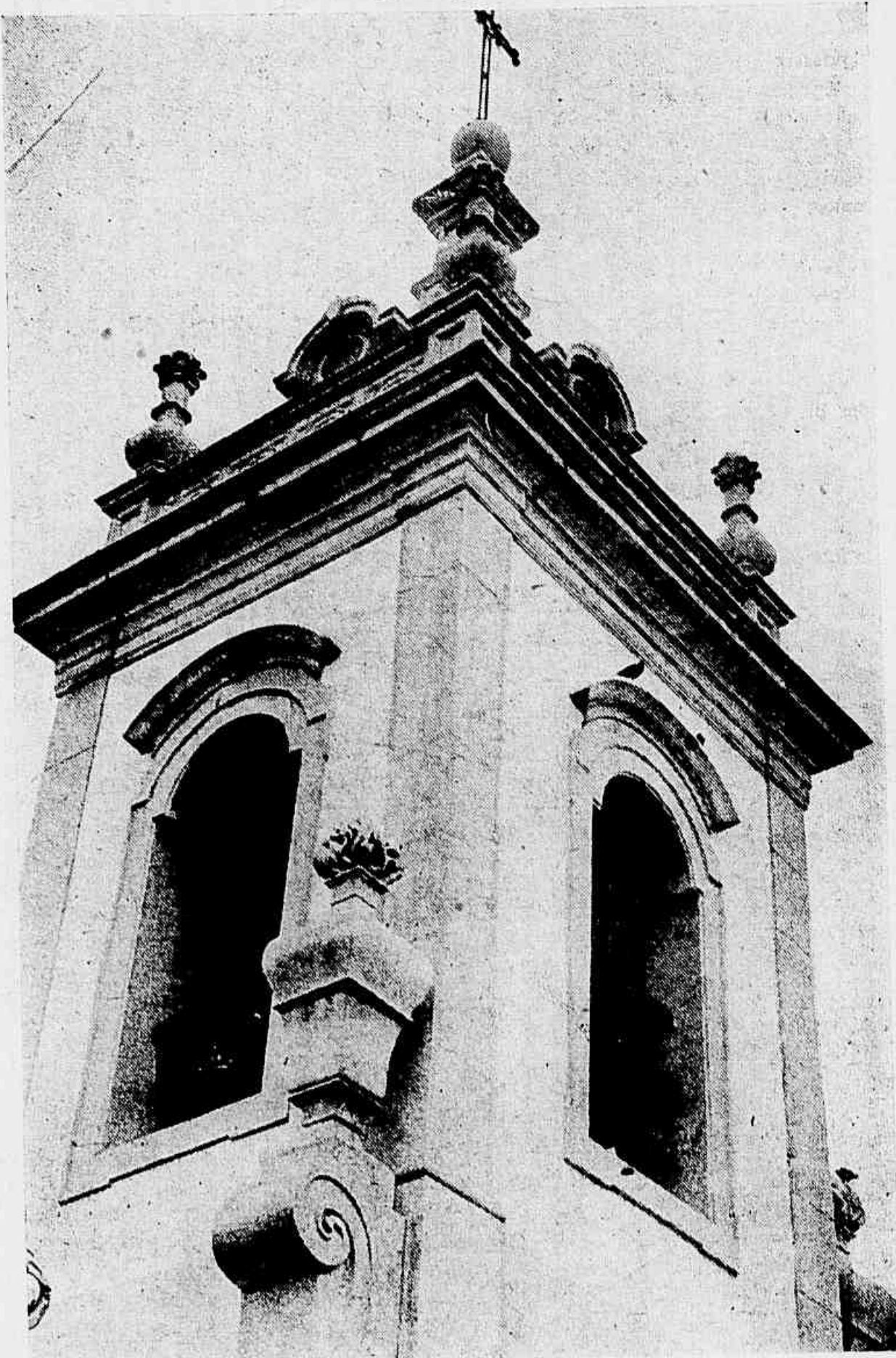
Um preto velho, com a cabeça cheia de nósinhos brancos, que ali trabalha há 10 anos como "biscateiro", contou-me alguma coisa sobre a Igreja. Depois, amavelmente o Sr. Arlindo Vivas, seu atual organista. Disse-me ele que quatro são as igrejas que possuem carrilhão a que visitava, de S. José, da Penha e de Salete, sendo que as tres primeiras ainda continuam com o sistema antigo à moda de Portugal, enquanto que a de Salete tem um sistema modernizado. O carrilhão da Lapa dos Mercadores foi inaugurado em 1.º de Dezembro de 1872, e a sua historia pitorescamente nos é contada pela placa comemorativa do átrio: "Em 1.º De Dezembro De 1872 Foi Colocado

O Carrilhão Dos Sinos Por Musica, Primeiros D'Esta Côte."

Como sineiro, trabalhou muitos anos Antônio Henrique Marques. Morrendo substituiu-o o filho que com ele aprendera o ofício; tão amigos e ligados tinham sido pai e filho que este começou a dar mostras de loucura, tendo a Irmandade receio de deixá-lo continuar a subir na torre da Igreja, sendo por isso afastado do cargo. Este golpe abateu-o ainda mais, morrendo pouco depois.

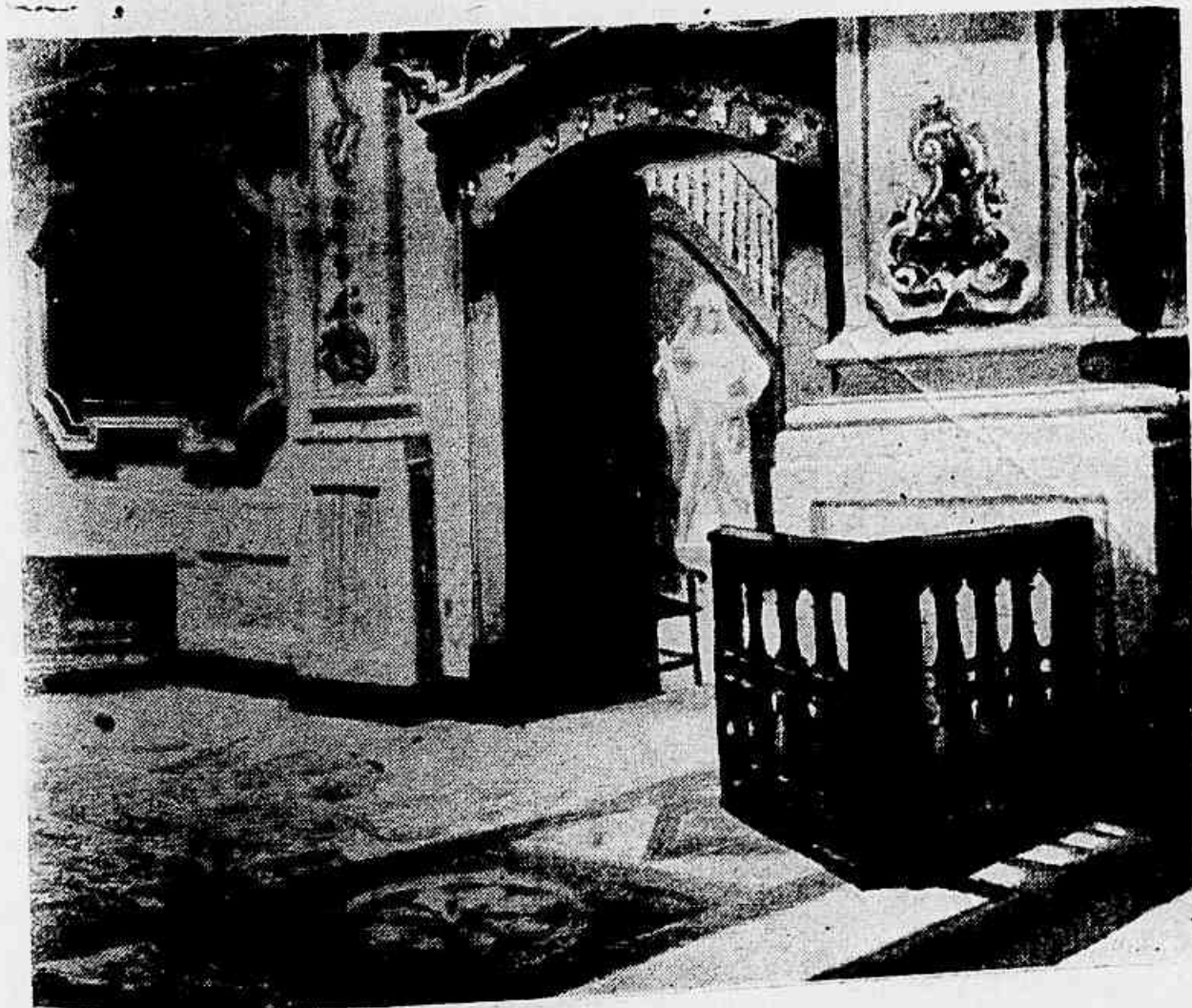
Sucederam-se mais dois sineiros até o atual. E como lhe perguntasse se não transmitia o ofício a um descendente, deliciosamente contou que tem apenas uma filha e embora não julgue tal serviço incompatível com o sexo, ainda não havia pensado nessa possibilidade. Quem sabe se futuramente não teremos uma mulher sineira na Lapa dos Mercadores, assinalando mais uma conquista feminina?

Vi quadros de Souza Lobo representando cenas bíblicas: "Fuga para o Egito", "Apresentação de Sta. Isabel", "Esponsório de N. Senhora", e "Nascimento de Jesus". Vi os quadros da cúpula, também assinados por Souza Lobo, representando os Apóstolos, bem como o dos "Benemeritos Irmãos da Mesa Administrativa de 1869 a 1873",

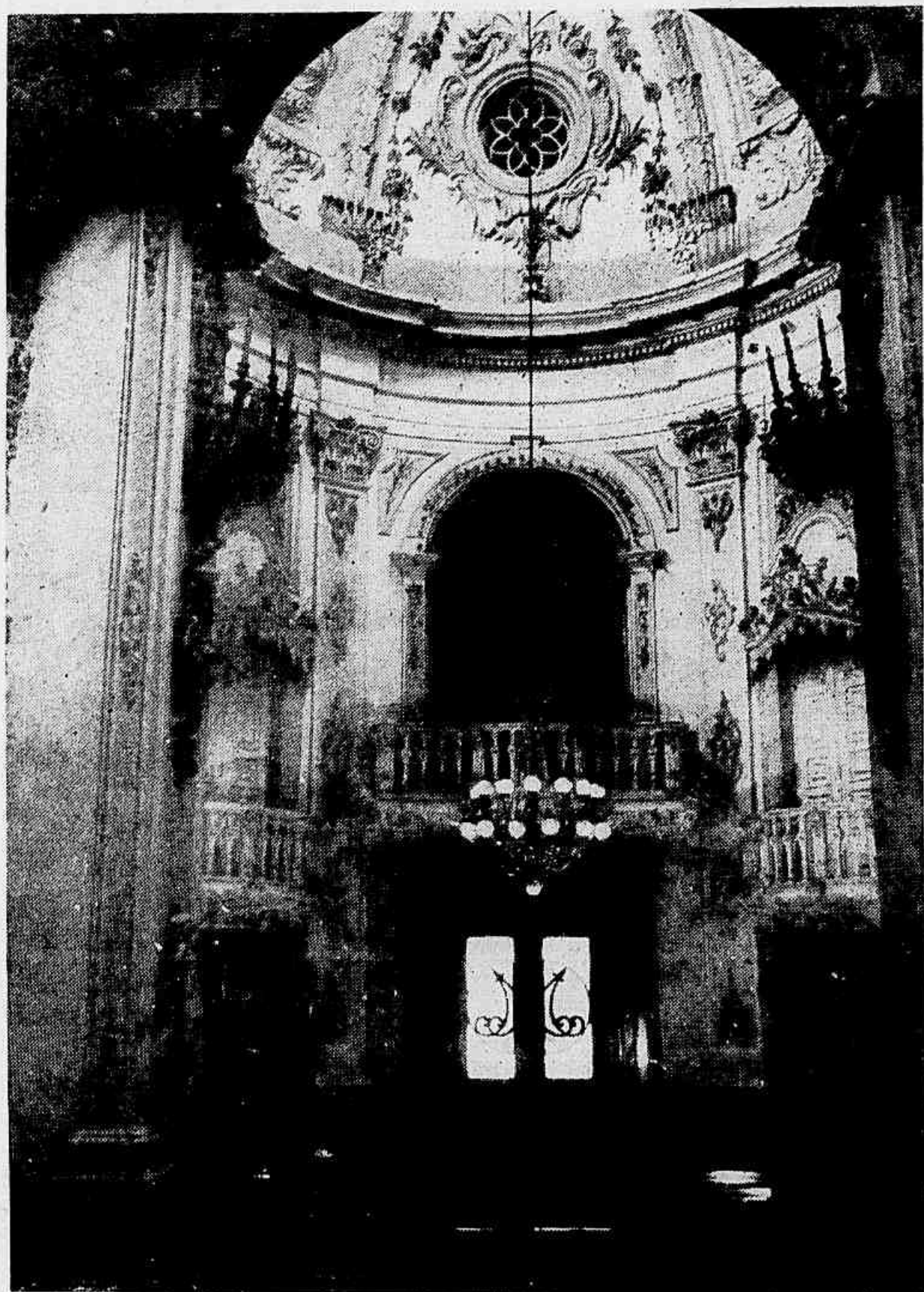


TORRE DA IGREJA DE N. S. DA LAPA DOS MERCADORES, VENDO-SE DETALHES DO "CARRILHÃO", O PRIMEIRO INSTALADO NO BRASIL.

ONDE ESTÁ O PRIMEIRO CARRILHÃO DO BRASIL



"TRANQUILIDADE", QUADRO A OLEO DE ARMANDO RAMOS, MEDALHA DE PRATA DO SALÃO DE 1945, INSPIRADO NO SOCEGO DA VELHA IGREJA DA RUA DO OUVIDOR.



obra de Agostinho da Mota, que estão sendo retocados por Armando Viana e Armando Ramos.

Armando Viana, da Escola de Belas-Artes, aluno de Rodolfo Amoêdo e Rodolfo Chamberlan, é um nome já consagrado, pois é o pintor dos painéis da entrada das Igrejas do Rosário e S. Jorge, e recebeu por indicação da Irmandade da Lapa dos Mercadores, a incumbência de restaurar-lhe a pinacoteca.

A competência moça de Armando Ramos partilhou da responsabilidade de tal serviço. Este, expôs no Salão Oficial de 1943 um quadro a óleo, "Tranquilidade", que obteve a medalha de prata. Inspirou-se na paz, no socego reinante e delicioso dessa mesma Igreja da Lapa dos Mercadores, onde hoje liga seu nome à história da pintura religiosa brasileira.

As imagens estão sendo incarnadas por Carlos Mendes, que no momento colocava com um carinho todo comovido as pestanas na imagem de N. S. da Lapa dos Mercadores.

No centro da sala o lustre de cristal esperava a sua vez de ser cuidado.

Na sacristia, pintores e carpinteiros trabalhavam retirando a pintura dos portais que eram de pedra e estavam pintados fingindo pedra, como era usual fazer-se, bem como os de madeira pin-

tados de madeira, enfim, esquisitices que vamos encontrar em vários monumentos arquitetônicos do fim do século passado.

No altar despidido de imagens, encontramos alguns degraus com seus antigos frisos dourados.

Das colunas, pintandinhas de novo, foram retirados os fios com lampadas elétricas, voltando as mesmas ao seu antigo natural, fazendo-se agora a iluminação indireta. Não escapou tal modificação ao comentário pesaroso e ingenuo do preto velho: — "Muito mais feio agora, dona".

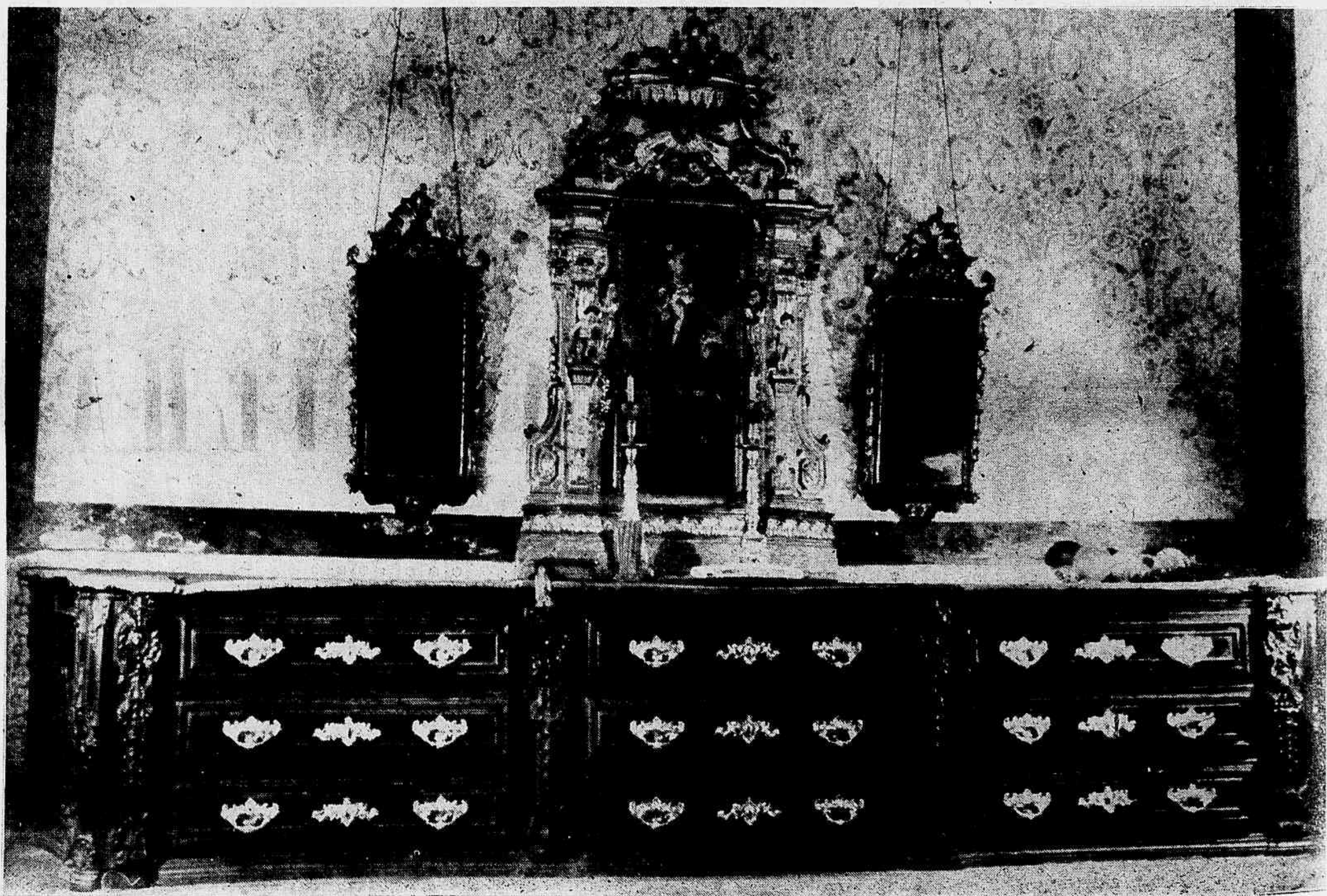
Na sacristia o arcaz de jacarandá, com puxadores de prata, solene, parecia aprovar aqueles preparativos todos. E limpando, escovando, embelesando, reformando, prepara-se tudo para o dia da festa inaugural de restauração, que está bem próximo.

Em um dos corredores laterais, do pavimento superior, estão as sacadas voltadas para a nave, nas quais as pessoas de maior projeção assistem às festas; tendo este mesmo corredor janelas que se abrem para a Travessa do Comércio. E, delgado e bisbilhoiteiro, no parapeito da janela vizinha, em lata velha e enferrujada, um pé de arruda, ao lado de roupas estendidas em corda, espiava curioso o interior da Igreja.

Junto à escada de meio caracol, a imagem da Fé, que, majestosa, se erguia no alto da Igreja, quando uma bala

ENTRADA PRINCIPAL DO CÔRO DA IGREJA.

ARCAZ DE JACARANDA COM PUXADORES DE PRATA.

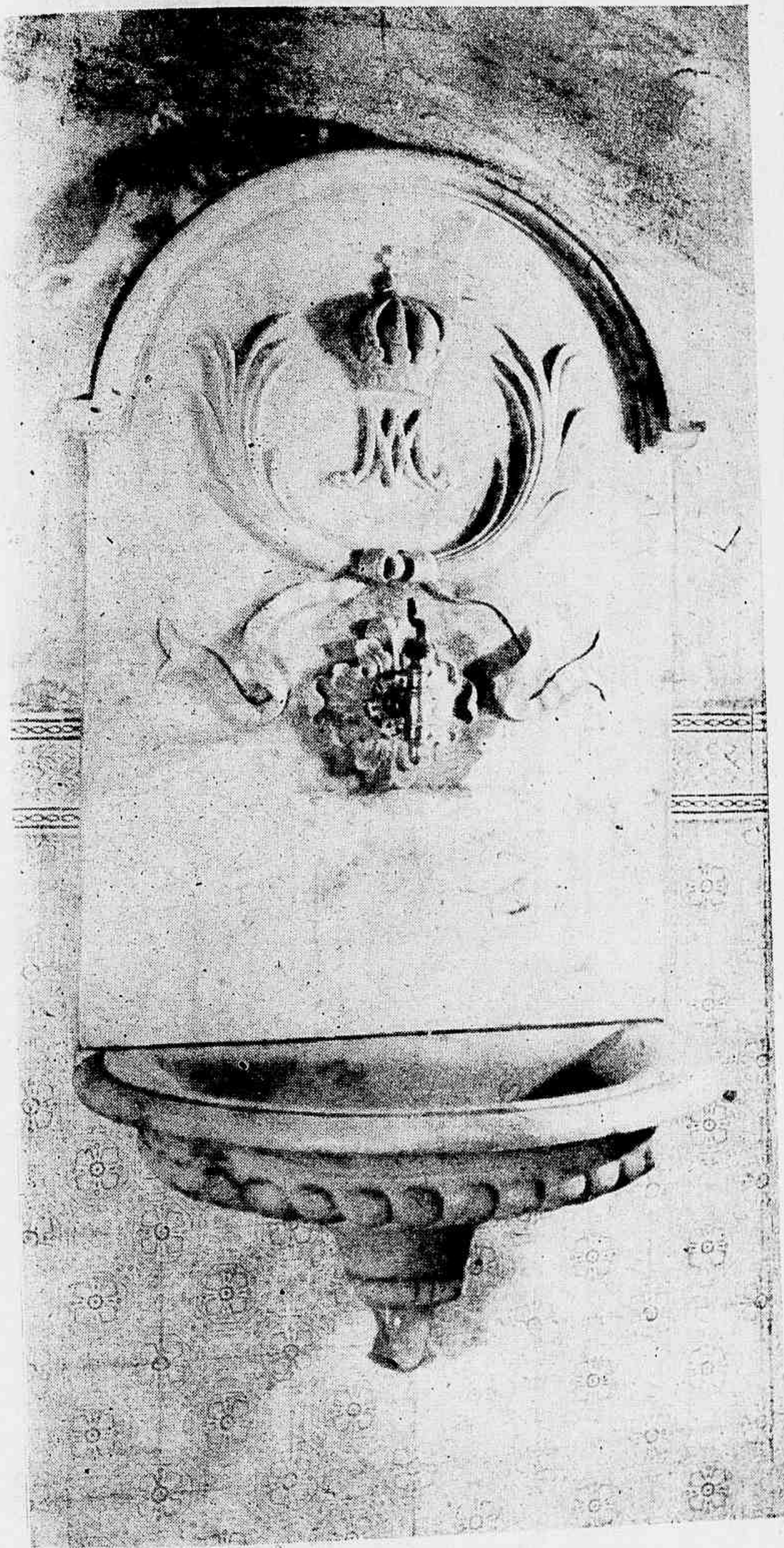


do "Aquidaban" na revolta de 1893 derrubou-a à rua, porém, tão milagrosamente que só se partiram dois dedos de sua mão esquerda, uma ponta da cruz e um pedaço do pedestal. Foi na sua expressão a imagem da Fé!

Como recordação, ao seu lado, em um nicho, o projétil.

americanos como "traga-luz"; é de vidros coloridos, apresentando no seu simbolismo uma sinfonia de cores, onde se vêem o azul, verde, vermelho e amarelo ouro.

A pia de mármore tem a torneira fermada por um dellim de metal amarelo, ornato este encontrado em vários solares do Segundo Reinado.



PIA DE MÁRMORE COM TORNEIRA EM FORMA DE GOLFINHO.

O estuque do teto é colorido, o que é raro, e penso ser essa uma das poucas igrejas do Rio que o possuem: sua coloração é suave com tonalidades de rosa, azul e lilás.

E já que olhamos para cima, notemos a clarabóia, conhecida pelos povos sul-

O relógio de pêndulo, em sua caixa de madeira, com o mostrador de desenhos rústicos, estava parado. Parou enquanto há trabalhadores na casa e o serviço deles é tal que não lhe dão atenção, pois se nem tempo há para dar-lhe corda...

E o relógio, mudo e impassível, quedou-se vendo o borborinho, a azáfama à sua volta: parou para melhor apreciar esse espetáculo inesquecível. E alegrou-o essa inatividade, pois contará por largos anos, nas suas badaladas de pêndulo velho, que é a sua linguagem monótona e incompreensível para muitos, a grande obra de restauração que assistiu.

E talvez espere, pacientemente, o dia em que tudo voltará à sua normalidade para então êle, sósinho, trabalhar, trabalhar...

Depois de uma visita como a que acabamos de fazer à igreja da Lapa dos Mercadores, encravada naquela fim da rua do Ouvidor, onde não chegam mais os reflexos da elegância urbanística mas apenas os estabelecimentos de "atacado" se aglomeram, mantendo a tradição da sua aparência, veio-nos à memória um pouco da rua do Ouvidor antiga, tão amplamente comentada em várias páginas que se estão celebrando. Mesmo com a abertura de novas e monumentais avenidas, com o gigantesco da metrópole, a rua do Ouvidor não perde a sua nota característica. E ainda um pouco do Rio, antigo até à rua 1. de Março, moderno da rua 1.º de Março até o Largo de São Francisco, o que ali existe. E o templo primitivo onde fomos encontrar, desconhecido para a maioria, o primeiro carrilhão do Brasil, vale por uma página ao vivo da crônica da mui leal cidade de São Sebastião. O relógio parado, os quadros, os corredores cheios de recordações místicas, os ornatos, os marmores, tudo, enfim, dizia-nos que ali estava uma pequena obra de arte. Via de régrua, vamos procurar bem longe do Rio, o documento de igrejas antigas. Quando alguém as quer citar, às mais valhas e preciosas, recorda desde logo as de Ouro Preto, com os trabalhos imortais do Aleijadinho, ou as centenas de templos da cidade de São Salvador, na Bahia, tantas — disseram em outros tempos — quantos os dias do ano. Aqui mesmo no Rio, porém, nós contamos igrejas de preciosidade bem acentuada. Sem nos afastarmos da Avenida Rio Branco, e também agora da Presidente Vargas, nem sequer cinco minutos, vamos deparar ali, na Lapa dos Mercadores, com essa reliquia de que acabamos de falar. Ali estão reminiscências do Segundo Reinado, e mais parece desprender-se de tudo, um tóque espiritual do tempo e da gente que então vivia. Outras igrejas mais belas, históricas e ricas o Brasil pos-



O RELÓGIO DE PÊNDULO, EM CAIXA DE MADEIRA.

sue, sem dúvida. Outras crônicas ainda mais repletas de apontamentos curiosos, reclamam o reporter ávido de assunto. Mas assim mesmo, a Lapa dos Mercadores não perde a sua característica. Principalmente por estar vinculada no coração da cidade, cheia de pequenos detalhes que falam de tempos idos, abundante de observações que os estudiosos devem pesquisar com a tranquilidade de espírito que o assunto requer — e tudo ali a dois passos da vida tumultuosa de nossos dias, do torvelinho de ambições, lutas e ansiedades em que se agita a geração de agora, tão diferente daquela que frequentava mais assiduamente, a nave daquela fim da rua do Ouvidor, hoje silenciosa e arredada do barulho carioca, testemunho eloquente no seu silêncio de dias que passaram e que talvez fossem mais bonancosos que os de hoje!

*A mulher elegante
prefere Agua Tonica*



*Mata a sede
e delicia!*

*Agua Tonica
de Quinino*

ANTARCTICA



A. 206

Encontra-se em toda parte!

★ CONTINENTAL

Os casamentos de *astros* e *estrelas* cinematográficos despertam invulgar interesse, dado o relêvo de que geralmente se revestem. Ainda em nossa edição anterior, divulgamos um flagrante do matrimônio de Susan Peters e já nos chega outro. A noiva é Eleanor Powell, a famosa sapateadora que todos os *fans* conhecem. O noivo, Glenn Ford, um ator muito mômço e cujos papeis mercantes, em sucessivos filmes de aventuras, o fizêram um dos ídolos das multidões. Aqui os vêmos, ao lado, num instantâneo feito logo após a benção sacerdotal. E na gravura inferior, ladeados pelas mãos dos conjugues: A sra. Blanche Powell, a mais gorda, e a sra. Newton Ford, a quem o noivo está abraçando. As duas mamãesinhas parecem muito satisfeitas. E, por certo, o jovem par não estaria menos...



Outro
Casamento
Em
Hollywood

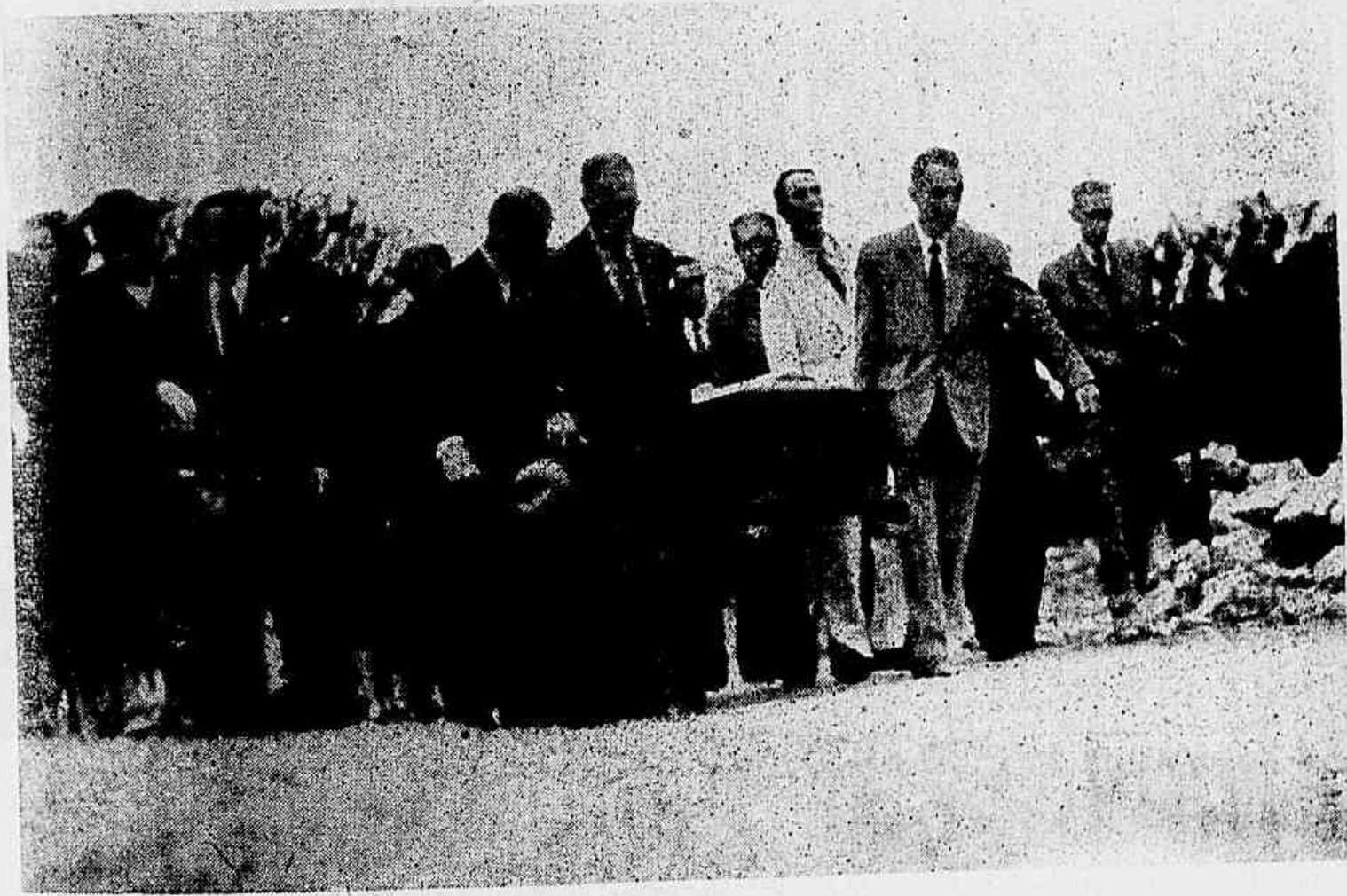


ECONOMISE PARA A VITORIA

O desperdício é uma das condições inerentes ao nosso temperamento latino e tropical. No Brasil há desperdício de sol, de beleza, de vitalidade, de inteligência... e de tantas outras coisas que os países mais velhos, mais vividos e menos favorecidos pela natureza consideram preciosidades que devem ser aproveitadas até a última gota. Mas a guerra, que pouco a pouco nos atinge de mais perto, começa a ensinar-nos a mais dura e inesperada das lições; justamente aquela que o nosso espírito, pródigo e generoso por excelência, mais dificuldade encontra em aceitar: a lição da economia levada ao seu limite máximo. Devemos economizar não só nas coisas superfluas, como até mesmo naquelas que se tornam indispensáveis à nossa subsistência e à nossa vida, como gêneros alimentícios, cigarros, etc. É possível que alguém considere que os cigarros, por exemplo, não pertencem ao número dos produtos de primeira necessidade; mas todo aquele que se viu algum dia obrigado a restringi-los, sabe muito bem o quanto isso afeta o sistema nervoso e a ordem natural da vida. Há também quem julgue que as diversões, como o cinema por exemplo, pertencem ao número das coisas superfluas, mas quem for obrigado a trabalhar várias horas por dia, sob um sol escaldante, para depois refugiar-se entre quatro paredes mal ventiladas, compreenderá que repousar o corpo e o espírito em uma sala refrigerada é quase uma necessidade premente. Mas, é indispensável economizar, saibamos ao menos fazê-lo com inteligência. Em primeiro lugar é preciso compreender que comprando gêneros alimentícios de terceira ordem, iríamos gastar em farmácia o que economisássemos em armazém. É preferível comer menos e comer bem, escolhendo apenas os pratos que alimentam e despesando aqueles que são agradáveis ao paladar mas não interessam à saúde. É preferível, por exemplo, dar um passeio pelo parque ou pela praia, a meter-se em um cinema mal ventilado para apreciar um filme de quarta classe. Outro ponto importante é a escolha dos tecidos para os nossos vestidos. De que nos vale comprar uma seda ou uma casemira barata e mandar confeccioná-la por uma péssima costureira, se o vestido começará a "desmoronar" no fim da primeira semana e a romper-se no fim do primeiro mês? É mais econômico, sem dúvida, gastar o dobro em um vestido que durará quatro vezes mais. Mas como os tecidos estão cada vez mais caros, os grandes costureiros raciocinaram a sua quantidade, para não racionar a qualidade, e na próxima temporada veremos "toilettes" de noite curtas e "toilettes" de "cocktail" e jantar sem mangas mesmo no inverno. As saias serão ajustadas e os decotes maiores. Os "tailleurs", por sua vez, serão estreitos e de casacos curtos. Da mesma forma e pelo mesmo motivo, voltarão para a moda as piteiras pois é sempre preferível aproveitar até o fim o nosso cigarro preferido, usando para isso uma bela piteira, do que fumar pela metade um mais barato e que não nos agrada tanto.



Baldomero Barbará



REPERCUTE ainda dolorosamente, no seio da nossa sociedade, o falecimento do sr. Baldomero Barbará, ocorrido no dia 28 de fevereiro último, nesta Capital.

Desaparecendo aos 73 anos de idade, deixa espalhado pelos Estados de São Paulo, Rio, Espírito Santo e Distrito Federal um largo patrimônio econômico, fruto de uma existência proveitosa de labor e constância.

Com a morte do sr. Baldomero Barbará, vem de perder o Brasil um grande vulto de industrial e homem de negócios, que, mercê de um trabalho intenso e inteligente, conseguiu, desenvolvendo com inteligência o seu patrimônio, concorrer em grande escala para o progresso industrial, comercial e agrícola do país.

Até 1928, data em que deixou o Rio Grande do Sul, dedicou-se ali o ilustre brasileiro à pecuária, conseguindo obter um dos mais perfeitos plantéis bovinos da América do Sul, com a formação de um vasto rebanho de puro sangue "Polled-Angus".

Transferindo-se então para Minas, deixou gravada ali a sua passagem, com os resultados de suas atividades fecundas na indústria siderúrgica montanhosa.

Alargando o seu já vasto patrimônio, o sr. Baldomero Barbará criou ainda indústrias no Rio, São Paulo e Espírito Santo, organizações que, apesar de sua avançada idade ainda dirigiu pessoalmente.

Descendente de uma raça de trabalhadores incansáveis, que haviam dado início à formação dessa riqueza, soube o ilustre industrial honrar os seus maiores, multiplicando, à custa de uma vida de trabalho e vigília, a herança de seus pais.

Este homem, que apesar de sua riqueza, só abandonou o trabalho quando a moléstia que havia mais tarde de o matar o levou ao leito, é bem um exemplo digno de ser seguido. As homenagens fúnebres que foram prestadas ao saudoso industrial são bem uma mostra da consideração e estima em que era tido.

O sr. Baldomero Barbará deixa viúva a exma. sra. Elmira Rebel Barbará, e quatro filhos: sr. João Barbará, médico e industrial; Barbará Filho, industrial; Hilda Barbará Lopes, casada com o sr. Hortêncio Lopes, e Marina Barbará Pinheiro, casada com o sr. João Pinheiro Filho. Deixa também diversos netos.

Ao seu enterro compareceram inúmeros amigos e admiradores, entre os quais destacamos o ministro Oswaldo Aranha, o general Benício da Silva, por si e como representante do ministro da Guerra, o sr. João Daudt de Oliveira, o professor Mendes Pimentel e diversas outras figuras representativas de nossa sociedade.

Nesta página reproduzimos vários aspectos dos funerais do sr. Baldomero Barbará.

O JOCKEY CLUB MUNDANO



Nesta pagina reproduzimos algumas fotografias apanhadas na "pelouse" do Hipodromo da Gavea domingo ultimo, durante a brilhante reuniao ali realizada, para sucesso da qual muito concorreu a grande afluencia das elegantes torcedoras.

NÃO SE ILUDA COM SEUS DENTES você póde ter **MAU HÁLITO!**

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Dentes lindos e perfeitos não impedem a fermentação dos resíduos alimentares nos seus interstícios — uma das principais causas do mau hálito. Elimine esse mal com o uso diário de Odorans, em bochechos e gargarejos. Odorans não é um simples dentifrício: é um produto medicinal, cuja ação antisséptica evita a fermentação!



POR QUE SE CANDIDATOU ?

(Continuação da pag. 11)

isso, recenseadas as nossas virtudes que para outros povos são olhadas como deficiências, arroladas as nossas tendências, encaradas as numerosas diferenciações mais regionais que nacionais, desentranhadas de qualquer brasilismo intransigente, de qualquer pose intelectual, é necessário que se veja: os problemas brasileiros são os mesmos problemas de toda a humanidade em via de transformações prestes a se desencadear.

NÃO DEMOS PAPEIS À POESIA

— Qual a sua concepção do papel que caiba à Poesia no Brasil?

— Meu prezado amigo. Não demos papeis à Poesia. Podemos marcar papeis para o teatro: o de educar, instruir, ensinar. — Para a oratória. A política. Poesia não é bedeker, nem mestre escola, nem meeting. Um dos meus grandes amigos já escrevia que no Brasil a Poesia "tinha infelizmente tarefas a cumprir, dia de trabalho marcado, horas de aula a dar, ora continentalismo a sustentar, ora interesse de tres raças tristes a defender". Desde que se dê à Poesia a incumbência de puxar qualquer sardinha para o interesse de quem quer que seja ela deixa de ser poesia. Poderá entretanto o poeta apressar um movimento revolucionário? Pode, sim. Mas com o seu prestígio pessoal, com a sua oratória, com a sua prosa, com a sua dialética, com a

sua cultura, com a sua força física, com a sua boa pontaria e até com as suas manhas. Também com o seu prestígio e com a sua fascinação que a Poesia lhe deu nos seus felizes momentos anteriores e interiores de inspiração. Entretanto mais do que nunca precisamos de grandes poetas. Tanto quanto de grandes realizadores. Precisamos de poesia como de refugio nesse caso espiritual da terra. Precisamos de poesia como se precisa de cantigas para ajudar um trabalho pesado, de verdadeiras cantigas de eito, deste eito que é o mundo atual desabado pelo explosivo e pela verdade que resurge.

ONDE CASTRO ALVES E GONÇALVES DIAS APARECEM

— Que pensa sobre as possibilidades de um magnífico movimento de Renovação estética no Brasil?

— Esses magníficos movimentos de Renovação deliberadamente promovidos dão em nada. Porque em poesia ninguém poderá dizer: eu vou fazer poesia, nova, ou vou fazer poesia proletária, poesia burguesa, protestante, católica, ou monarquista. Mesmo porque não ha poesia com esses dísticos. Não ha especialistas em poesia. A poesia surge independente de qualquer estandarte. É como aquele filhote de aguiá de que nos fala o filósofo: "o vento passa, a aguiá o segue". Um exemplo podemos tirar do que se passa atualmente: fala-se hoje em dia muitíssimo em literatura proletária. Ora, apesar dos seus cultores viverem entre operários, observando-os como os cientistas observam as suas cobaias, essa literatura não tem absolutamente a naturalidade e a força da aguiá do filósofo. Outra coisa

será quando o obreiro ou o intelectual proletariado puder escrever suas vidas, suas vidas vividas, sofridas com toda a emoção que seus ancestrais lhes legaram de resignações doces e rebeldias triunfantes. O grande poeta da republica Castro Alves chamou o negro de Atlante. A vida de René Maran contada por ele próprio nada tem de atlante, como nada têm de atlante os negros de Vachel Lindsay. Será o índio o que Gonçalves Dias e Alencar pintaram ou o que Roquette Pinto descreve na sua Rondonia? Certamente, o índio verdadeiro é o que o sabio etnólogo brasileiro viu no vale de Juruena.

Despedimo-nos do poeta. Grande fôra a impressão que nos deixara. No fundo do seu olhar tranquilo e firme de cientista e de médico, havia agitação e angustia. E' que o poeta, o escritor, escondem-se no fundo da sua personalidade. Lembremo-nos de uma imagem de Charles Morgan, por quem Jorge de Lima sente grande admiração: "Nossa vida assemelha-se muitas vezes a uma roda girando a toda velocidade em redor de um eixo parado." É uma referencia ao contraste entre a agitação da vida em sociedade e o "eu" mais profundo do verdadeiro artista: o "eu" superficial e o "eu" subterrâneo, de Bergson.

MAIS FACIL E MAIS CERTO

Não importa quem ele seja, nem que posição tenha na sociedade, cada homem normal assumiu, ou fez que a ele confiassem, certas obrigações sociais. A expectativa de seus concidadãos havia sido formulada antes de seu ingresso nesse meio e toda economia é afinal um esforço para satisfazer essa expectativa e preenchimento desses deveres sociais.

Concedamos que o seguro de vida permite ao homem realizar por completo tais deveres com facilidade e com a maior certeza.

(FRANKLIN D. ROOSEVELT)

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal 971 — Rio de Janeiro.

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

BOLETIM "PADRE BENTO"

Recebemos o numero 24 do ano VIII, referente a Janeiro 1944, do "Boletim Padre Bento" que se edita em S. Paulo.

É um órgão editado pelo Saneatório Padre Bento daquele estado.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



AS ALUNAS DO INSTITUTO GUANABARA CONSEGUEM HONROSA CLASSIFICAÇÃO NO CONCURSO DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Mais uma vez o INSTITUTO GUANABARA, o acreditado estabelecimento de ensino da rua Maris e Barros, que obedece à direção dos conhecidos educadores professores Antonio Moreira e Carmen Landim, figurou com brilhantismo nos exames de admissão ao Instituto de Educação, dando assim nova demonstração de eficiencia no preparo das jovens que ali buscam os conhecimentos necessários ao ingresso naquele educandário municipal. Pela terceira vez uma aluna do Instituto Guanabara classifica-se em 1.º lugar nos referidos concursos, sendo ainda classificadas 6 entre as 10 primeiras colocadas, e ainda 25 entre as 50 primeiras. É um magnífico resultado, que foi jubilosamente comemorado no Instituto Guanabara, numa festa que reuniu as alunas e suas famílias sendo oferecido um premio à menina Leda Asturiano, que tirou o 1.º lugar nos exames aludidos.

É da reunião a fotografia que estampamos ao lado.

COPA E COZINHA

Mme. RISOLETA

O LANCHE EM CASA

De há muito vêm decaindo entre nós, que sempre tivemos fama de povo hospitaleiro, o hábito de receber em casa. Um pouco por comodismo, um pouco por economia e muito por snobismo, vamos matando as nossas boas tradições. E' pena.

O hábito de reunirem-se as pessoas amigas sob o tecto de um lar torna mais nobre o convívio, e dignifica de certo modo a amizade.

Receber alguém fora da casa em um lugar público, por muito moderno que seja, tem um cunho de estranho compromisso, uma homenagem quasi de curho obrigatório sem nenhum traço de união permanente. O convívio humano torna-se cada vez mais egoísta devido a estes pequenos fatores de aparência inofensiva mas, inevitavelmente, de grande alcance social.

Além do que, com o sistema prático do serviço á americana, é facil á dona de casa convidar algumas amigas para uma agradável hora de palestra. Aqui damos algumas receitas de salgadinhos e bolinhos, fáceis de fazer mesmo com a carestia e escassez de ovos e outros ingredientes.



A mesa pronta para o lanche.

SANDUICHE DE TOMATE SANDUICHE DE SARDINHA

CANAPÉ DE PEIXE E PALMITO PETITS-FOURS BRIOCES RECHEIADAS

SANDUICHE DE TOMATE — Ponha meio quilo de tomates em agua fervendo durante 1 minuto, retire-lhes a pele e a semente passando numa peneira fina. Misture pimenta, sal, mostarda e azeite. Rale queijo parmesão, misture-o com 1 colher de manteiga. Torre as fatias de pão de fôrma e depois passe sobre elas uma camada do queijo, uma do tomate, enfeite com azeitona certada.

SANDUICHE DE SARDINHA — Limpe bem as escamas e espinhas, faça uma pasta, e misture maionese com mostarda, ou alho socado, e pimenta; vá pondo entre as fatias de pão amateigado.

CANAPÉ DE PEIXE — Escolha um peixe que não tenha muita espinha, tire a carne, fervendo-o ligeiramente apenas com agua, sal, limão e salsa; depois ponha-o num molho de azeite 2 colheres, vinagre 1, alho socado e esmague o peixe até fazer uma pasta. Faça á parte um creme de palmito e encha a forminha de massa já de antemão preparada com a pasta do peixe pondo por cima o creme de palmito. Enfeite com petits-pois.

PETITS-FOURS — 250 grs. de açúcar refinado, 125 de fécula de batata, 7 gemas, 7 claras.

Bata bastante as gemas com açúcar, adicione a fécula e depois as claras batidas em neve. Asse em fôrno brando numa fôrma untada de manteiga e polvilhada com farinha de rosca. Corte-os com fôrmas próprias e ponha entre dois pedaços qualquer geleia ou goiabada, marmelada, etc. Se quiser pôde enfeitá-los com glacé de chocolate.

BRIOCES RECHEIADAS — As brioches podem ser compradas e tira-se-lhes a tampinha para recheá-las, o recheio tanto pôde ser de creme, ou salgadinho. Ficam deliciosas também desmanchando goiabada no leite, acrescentando uma colher de chantilly depois de frio. Enfeite-se com passas.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
À VENDA EM TODA A PARTE

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

"Confederal"

EMPRESA CONSTRUTORA DO DISTRITO FEDERAL LTDA.

- INCORPORAÇÕES
- CONSTRUÇÕES
- LOTEAMENTO

AV. NILO PEÇANHA 12-10º.-S/1022/5

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva eadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

MESBLA

BOLSAS
PARA PRAIA

Modelos modernos

NACIONAIS • ESTRANGEIROS

RUA DO PASSEIO, 48-54 - RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 - NITERÓI



— "Atenção, senhores rádio-ouvintes. Desastre de aviação. Notícia-se hoje, grande e inexplicável desastre de aviação na linha da carreira Manaus-Rio, perecendo 16 passageiros e sua tripulação. O avião sinistrado pertencia à Companhia de Aviação Brasileira, tendo-se dado o desastre entre esta cidade e Belém. Lamentamos profundamente o acontecimento e enviamos às famílias enlutadas os nossos pêsames."

O "Monitor do Amazonas", no dia seguinte, destacava em grandes letras, notas sobre a catástrofe, relacionando os nomes das vítimas. A C. A. B., primando pelos seus serviços e atenções para com o público, embalsamados os restos mortais das vítimas, enviou-os aos parentes.

E foi assim que numa noite fria e chuvosa, na pobre casa de d. Marta, laçada de velas, encontrava-se, coberto de flores, o corpo de Sergio. Choros, lágrimas, tristezas enchiam os corações; velas, flores, panos pretos cobriam a sala. Todos lamentavam o desaparecimento de Sergio. Bacharelado da Faculdade de Engenharia, estudava e mantinha a si e aos seus com os parcos vencimentos de professor na Capital Federal. Noivo de Regina Carmen, sua irmã adotiva, era o seu único amor, única esperança, amparo único e única razão de sua vida. E a morte traiçoeira roubou-o para sempre... E Regina Carmen? A um canto, parecia não compreender o alcance do desastre que havia derrubado o seu castelo de sonhos. Só Regina não chorava, atônita, absorta, pálida, parecia conversar consigo mesma, numa recordação talvez de um passado feliz ou na previsão de um desamparado futuro. A realidade para seus sonhos de virgem e de moça, transformara-se na mais cruel das decepções. Sim, Regina Carmen pensava... no sublime sacrifício de Sergio.

Criada por d. Marta, formava com Sergio a sua única alegria. Aquela amizade de crianças foi o alicerce firme para o amor. E foi assim que Sergio tornou-se o prometido de Carmen. Nessas últimas férias, Sergio sentia-se doente, exausto pelos estudos e pelos trabalhos. Os desvelos de sua mãe e os cuidados de sua noiva, debalde lutavam por reanimar as forças cansadas daquele corpo jovem. O rapaz sabia-se doente, sentia-se enfraquecido pelas contínuas vigílias sobre os livros. Sua alma ainda moça não encontrava apóio na fraqueza física de um corpo sujeito a contínuas privações. Os remédios caseiros, os xaropes das farmácias não cortavam aquela tosse seca e insistente que lhe tornava as noites cheias de tormentos. Consultou um médico amigo. Dias depois, sobrajando uma chapa de raios X, trazia na alma o reflexo, a dor, a magua da terrível doença que o aniquilava. Estava tuberculoso! Era um fim e um princípio. Fim das esperanças; princípio das amarguras. E os seus estudos? A sua carreira? O seu futuro? Sua velha mãe? Regina Carmen?... Sim, era um fim e um princípio. Em casa, desconversou no assunto, recolhendo-se cedo. A noite não dormiu. Revolvera-se de um lado para outro. O sol radiante, como sói ser nas férias de fim de ano, penetrando pela janela do quarto foi encontrar Sergio entregue aos seus tristes pensamentos, com as mãos cruzadas sob a cabeça apoiada no travesseiro. Olhos cerrados parecia dormir... Neste dia anunciou a necessidade de regressar incontinenti ao Rio, não só para preparar o último ano da Faculdade, como também cuidar daquela tosse com mais eficiência. Reservada a passagem no "Aiporé", possante trimotor da C. A. B., Sergio, entre saudosas lágrimas de sua mãe e sua noiva, silencioso, aguardava os dois dias para a partida. Na última noite, reunidos na sala, nem sequer trocaram palavras. Sentados num sofá, Regina Carmen e Sergio, mãos entrelaçadas, se apegavam um ao outro na idéia da separação. E foi relutando que Sergio permitiu o "bão noite" de Carmen selado com um beijo de amor. Momentos antes de partir, entregou à sua prometida uma carta que só deveria ser aberta quando ele telegrafasse do Rio comunicando a chegada... Sob esse juramento Carmen a recebeu. Ela partiu como a brisa, sem deixar os rastros de seus passos... E antes que o telégrafo anunciasse o feliz término da viagem, o rádio levava pelos ares a infame notícia do desastre. Entre os momentos de angústia, entre as lágrimas de dor, Regina Carmen lembrou-se da

Um conto de
CLEONIR LIMA



Seus olhos molhados, mal podiam ler.

carta aos pés da Virgem. Correu a abri-la. Os seus olhos molhados, mal podiam ler e a sua compreensão relutava em compreender o que aquelas letras negras, de traços nervosos, revelavam... Atônita, absorta, de olhos molhados, pálida, Regina Carmen morreu para o mundo...

Regina Carmen: Tudo na vida tem um fim... Mas às vezes o fim vem antes do que deveria vir... O meu fim está perto. Com o corpo enfraquecido, sinto meu amor mais forte. O que é o amor? E' tudo... Resume-se em abnegação e sacrifício... Jesus morreu para salvar a humanidade! Somente o amor poderia levar a pensar assim... E a mulher? E' também a razão do amor... O que seria o mel sem o doce açúcarado sinão um pouco de goma sem gosto e sem sabor?... Assim também o que seria a vida si não tivéssemos uma mulher, si não tivéssemos amor... O desejo é temporal; o amor é eterno... A vida prende-se em mim por um fio de aranha! As contínuas vigílias, a luta pela vida, as privações por que

passei nos anos de exílio acabaram por minar meu organismo. Sou um cadáver em vida... Essa, resume-se em meses, talvez em dias... Sei que vou morrer. Essa idéia não se fixou em mim... Eu é que a compreendi. Morto, que poderia eu deixar a ti e à mamãe?... Não tenho economias. Meu salário era meu ganha-pão, que dividia com vocês... Era mais que meu ganha-pão: era meus estudos, meu futuro... Sei que vou morrer em breve. E antes que a morte implacável venha a mim, eu vou ao seu encontro... E, em recompensa deste sacrifício, alguns cruzeiros cairão dos céus, no amparo daquelas que na minha vida eram a única razão... Serei um assassino?... Não! Creio no Destino... Os passageiros, reunidos pela mão invisível, serão aqueles que a morte escolheu para o bojo do avião sinistro... Não me lamenteis. E tua alma sofrerá um eterno castigo, meu espí-

rito perseguirá o teu espírito, si deixares sequer transparecer o que aqui ficou dito... Ama-me com o mesmo sacrifício e cuida de mamãe como eu cuidaria de ti... Até à eternidade."

E Regina Carmen viu partir o corpo de Sergio, atônita, absorta, olhos molhados. Com a mesma expressão da alma recebeu o cheque de cem mil cruzeiros do seguro de vida. Ela havia morrido para o mundo.

Tempos depois, o mesmo "Monitor do Amazonas", na coluna de falecimentos, quasi imperceptível, noticiava: — "Faleceu ontem, na Casa das Irmãs de Caridade desta cidade, vítima de pertinaz doença, sôror Maria das Dóres, que na vida pública se chamara Regina Carmen."

O observador distante do conflito que abala o mundo, deixa-se muitas vezes dominar por um nervosismo e uma impaciência que o levam a criticar a lentidão de certos movimentos e o retardamento de iniciativas que considera realizáveis e necessárias. É muito difícil para o leigo analisar as causas determinantes dos movimentos estratégicos e as razões de ordem psicológicas que os determinam.

Um observador hipotético, colocado num ponto situado fóra do globo, de onde, num só golpe, pudesse seguir todos os movimentos dos exércitos que se esmagam em toda a superfície da terra, poderia transmitir com precisão os deslocamentos — avanços e recuos — dessas forças. Entretanto não poderia pesar as razões que os determinam, nem tão pouco prever os efeitos que acarretam de um e outro lado.

São o que se poderia chamar o aspecto objetivo, real, e o subjetivo, o que se passa no íntimo de cada um dos indivíduos submetidos à cruel experiência da guerra total.

Veria o nosso observador Berlim ardendo como uma fogueira gigantesca, a fumaça dos incêndios cobrindo os céus depois do bombardeio dos parques industriais da Alemanha, mas não saberia o que se passa no espírito de cada alemão ao presenciar esses espetáculos. Não poderia constatar o pavor crescente e o pessimismo que se apodera do povo alemão, ao sentir de perto, os horrores que, de acordo com a propaganda nazista, deviam ser experimentados apenas pelos "povos inferiores", a quem o poderio nazista saía mostrar a sua esmagadora e definitiva superioridade. Veria também alguns aviões alemães levantar vôo para bombardear Londres — a Londres heróica de 1940 — mas não poderia saber que estes bombardeios reduzidos não são mais que um paliativo para manter de pé o agonizante prestígio da invencibilidade nazista. Simples balão de oxigênio que poderá prolongar a agonia do monstro mortalmente ferido. No lado oriental da Europa, milhares de homens precipitam-se com seus mecanismos — tanques, aviões e canhões — sobre outros milhares que recuam desordenadamente.

E essa massa humana, como a bola de neve, tende a se transformar na avalanche que esmagará definitivamente o arrogante alpinista que pensava poder conquistar o universo.

Na vastidão do Pacífico, grupos de homens decididos saltam de ilha em ilha lançando-se de peito aberto contra



AS FREQUENTES VISITAS DA RAINHA MARY AOS ABRIGOS DE LONDRES FIZERAM-NA POPULARÍSSIMA. AS CRIANÇAS CHEGAM A DESEJAR, ANSIOSAS, UM NOVO "RAID" PARA VÊR OU REVÊR A SOBERANA MAIS SIMPLES E QUERIDA DO MUNDO DE HOJE.

SETE DIAS DE GUERRA

o inimigo e esmagando sua obstinada resistência.

É a marcha para o coração do polvo feroz que já imolou tantas vítimas.

Um olhar para a bota italiana, que os nazistas dificilmente descalçarão, revelaria o desembarque de um exército aliado perto da Cidade Eterna. E o nosso observador ficaria se perguntando por que este exército, em vez de se lançar imediatamente sobre seu objetivo, teria estacionado esperando

que os alemães se encontrassem em condições de contra-atacar. Para ele, situado tão distante, seria difícil avaliar os inconvenientes de um avanço em território inimigo, fortemente defendido, sem que as tropas atacantes tivessem estabelecido uma base sólida que permitisse o ulterior desenvolvimento das operações, de modo mais seguro.

Não poderia também compreender o nosso longínquo observador que um enorme exército disposto estrategicamente

em torno do litoral europeu, não se lançasse prontamente à invasão sem dar tempo ao aperfeiçoamento do sistema defensivo do inimigo. E que nesse caso, além das razões estratégicas de uma coordenação de movimentos com as forças soviéticas, há também os fatores de ordem psicológica. A guerra de nervos tão utilizada pelos nazistas, volta-se agora contra eles, como a faca de dois gumes. É esta faca que dará o golpe de misericórdia na fera

acuada, que, sangrando, já apresenta o seu fim.

Esperemos calma e confiantemente que os chefes aliados prossigam nas campanhas encetadas, com a segurança e a maestria até aqui reveladas.

Saibamos demonstrar nossa fibra e nosso contróle, provando que em qualquer parte do mundo, independentemente da qualidade do sangue e da origem etnológica, sabremos procurar e merecer dias felizes num mundo futuro.



MERLE OBERON — (Columbia)

Flôr de estufa ou escrava branca, vendida nos mercados de carne humana, matriarca ou mãe, ela sempre viveu através da Odisseia ou da Iliada, como motivo de amor, de odio ou de paixão, do qual nunca poudo o homem livrar-se.

Nos bastidores femininos

A MULHER FATOR DE PROGRESSO — ENIGMA DO FUTURO

Para seguir através da história a odisséia da mulher, não bastaria meaduzia de alentados volumes, porque, si a vemos hoje a ombrear com o homem na luta diaria, readquirindo o prestigio que teve na remota era do matriarcado, temos de marcar o periodo intermediario em que ela viveu uma vida inferior e contraditoria. Para o Corão dos arabes anteriores a Mahomé, ela era objeto de vergonha. — Feliz do povo que para ter mulheres recorria à guerra! — O homem é o senhor, a mulher a escrava humilde. — Antes da E' gira o islamismo mandava que a adúltera fosse emparedada em vida. O Ramayana é mais alto e mais sábio, ele diz:

— "O campo vale mais do que a semente, a mulher é o campo, o homem a semente; é ainda o legislador indú quem aconselha: — "Dáe alegria á mulher; quando ela é feliz a familia prospera". Muito depois e em terras do ocidente, vimos encontrá-la como motivo de polémica no concilio de Macon, onde um prelado illustre, um bispo varonil lança o seguinte questionário:

- Deve a mulher ser incluída entre os racionais?
- Faz ela parte da humanidade?
- Pode-se chamar-lhe *homo*?

Perplexos ante o fascinante enigma, resolveram candidamente que os padres evitassem a companhia das mulheres mesmo das parentas... Séculos depois o concilio de Metz confirmava tal cousa. O de Toledo resolveu mussulmanamente que o marido podia amarrar em casa a mulher que pecasse e maltratá-la, conquanto que a não matasse. No tempo galante das cavalarias, ela foi flôr de lirismo, motivo de amor platónico, mas não n'a educaram. E' na Grecia que a reacção para que a educação do homem seja completa. Na Europa, o satirico Voltaire e o grave Max-Nordau afirmam que a mulher é a educadora moral dos povos.

Leibnitz confirma: "Só se reformará o género humano quando se reformar a educação da mulher".

Essa reforma foi feita, não pela vontade consciente do homem, numa paulatina e organizada e racional educação, mas pelas contingências dolorosas de uma tragica e cruenta guerra, a de 1914 quando todas as mulheres do mundo sentiram pesar sobre si os encargos e as responsabilidades para os quaes nenhum preparo tinham mas para os quaes sobrou-lhes intelligencia, coragem e poder de adaptação.

Talvez venham d'aí, dessa brusca necessidade de descobrir-se a se mesma, as falhas ou exageros da sua passagem da vida domestica para a vida publica.

E' verdade que antes de 14 houve em alguns paizes umas ligeiras infiltrações feministas, mas muitos incipientes e restritas. Na Inglaterra, em 1800, algumas domesticas se transformaram em operarias industriais, fiadoras e tecelãs, nas fabricas de tecidos, com trabalho remunerado. Um século depois foi que começou nos Estados Unidos a emancipação pelo trabalho. Hoje é crescente e inestimavel o trabalho da mulher em quasi todos os ramos da industria e do commercio; a sua emancipação economica é um fato. O censo nos Estados Unidos da America do Norte estima em 17.000.000 o número de mulheres que movem a complexa engrenagem dos problemas comerciais do paiz influido de maneira decisiva como fator de progresso em todos os sentidos.

O homem, no seu egoismo mórbido, está ferozmente acantonado no seu ultimo reduto: — a *Politica*, defendendo palmo a palmo a Fortaleza de onde ele póde ainda governar o mundo, legislar e usufruir os largos proventos do mais volúvel dos poderes, mas ainda o mais perigoso, do qual ele guarda cioso a valiosa *senha*.

Que surpresas trará, nos arraiais femininos, a paz?

WALLY

O QUE SE DEVE EVITAR

DRA. SILVIA ROGER

Querida FLOR DE OUTONO:

Sua carta, longa e sentimental, reflete um espírito, não propriamente desencantado como diz você, mas deslocado no tempo e no espaço. Você pertence a uma geração que não tem nenhum ponto de contacto com a de hoje: geração que nasceu e se embalou com as velhas cantigas familiares, os candidos contos de fada; ouvindo os carinhosos sons de hipocraticos apelidos: tendo um entusiasmo vibrante pelo bondoso Papai Noel; olhando o disco prateado da lua para vê-lo dentro dele; São Jorge montado no seu cavalo; benzendo-se com supersticioso pavor ao estrugir da tempestade quando uma faísca elétrica zebra de fogo o ar; invocando Santa Barbara, ao ribombo do trovão. Sua mocidade se perfumou do suave lirismo de Vicente de Carvalho, vibrou ao épico assomo da musa de Castro Alves; você acredita na bondade que renuncia em benefício do próximo, na fé que redime, no milagre que salva, no amor que vem da alma e purifica a vida.

Como poderia você ser compreendida, por um ser mediocre, nascido sob o signo nefasto de uma guerra, criado entre criaturas desesperadas e num lar onde o luto era uma constante advertência à miséria? Como pôde essa geração, encravada entre duas tragédias, crer no amor, na bondade, na beleza? É uma geração que nasceu com-



JEAN ARTHUR e JOHN WAYNE (Foto R. K. O.).

balida e tem o culto do cinismo como defesa à sua fraqueza espiritual; despreza o passado, porque se sente nulo diante da obra moral do presente. O que eles hoje chamam amor, não é senão uma emoção material, um desejo de companheirismo, uma necessidade orgânica. Essa criatura que você amou, Flôr de Outono, embora seja da sua idade, pertence à geração atual, em quanto que você pertence à outra, simplesmente porque ele foi criado numa grande cidade onde a infiltração dos vícios é mais rápida, ao passo que você passou a vida na província onde a virtude perdura mais, defendida por tradições e princípios sagrados.

A nova geração se compraz em fazer a caricatura da arte porque não pôde interpretar a beleza.

Minha amiga, acho que você e seu noivo de tantos anos são criaturas incompatíveis, e a sua resolução, embora dolorosa para você, foi a melhor, a mais sensata. Você não seria feliz e não poderia se conformar com uma separação, depois de casada. A mocidade de hoje casa-se para fazer uma experiência e separa-se sem pretexto sério, porque ela está desligada do passado, de suas tradições, de sua ética, de sua honorabilidade. São eles mesmos, os jovens de nossas relações, que confessaram essas falhas de sua vida espiritual, com a mesma despreocupada inconsciência com que contariam as aventuras dos divorciados do cinema, únicos paradigmas que se sentem com coragem de imitar.

Não lamente, minha amiga, o gesto que a separou de um futuro mediocre, dentro do qual você penetraria como numa ribalta, iluminada por luzes artificiais para representar uma comédia banal.

Só uma pessoa corajosa, moralmente bem constituída, seria capaz de ter essa nobre atitude. Ha renúncias que dignificam o sofrimento, e trazem compensações.

*-Uma pele maravilhosa!
É impecável!*



Ouça elogios como esses, dizendo adeus à

"Cutis Lustrosa"

Sabe o que é "Cutis Lustrosa"? — É aquele desagradável brilho que tanto enfeia a pele. Evite que isso lhe aconteça. Passe a usar PÓ DE ARROZ ROYAL BRIAR. Sua delicada textura dá à cutis uma adorável tonalidade fôska. Ao mesmo tempo, suaviza a pele e fixa o pó horas seguidas.



Complete a "maquillage" com ROUGE ROYAL BRIAR, de cores vivazes, que se harmonizam melhor com as tonalidades da cutis.



...e tem o perfume que deixa saudades

LINTAS PA 24-0100

PÓ de ARROZ

Royal Briar
ATKINSONS

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO), S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



PRISAO de VENTRE

Pílulas

ALOICAS

REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LOE.



Trabalho manual

Damos, em nosso desenho n.º 1, um canto da toalha de chá bordada com cataléas cujo detalhe vai junto. No desenho n.º 2, uma continuação de um lado; basta ir aumentando o risco para obter o tamanho desejado. A letra B indica o lugar onde o desenho emenda com o outro.

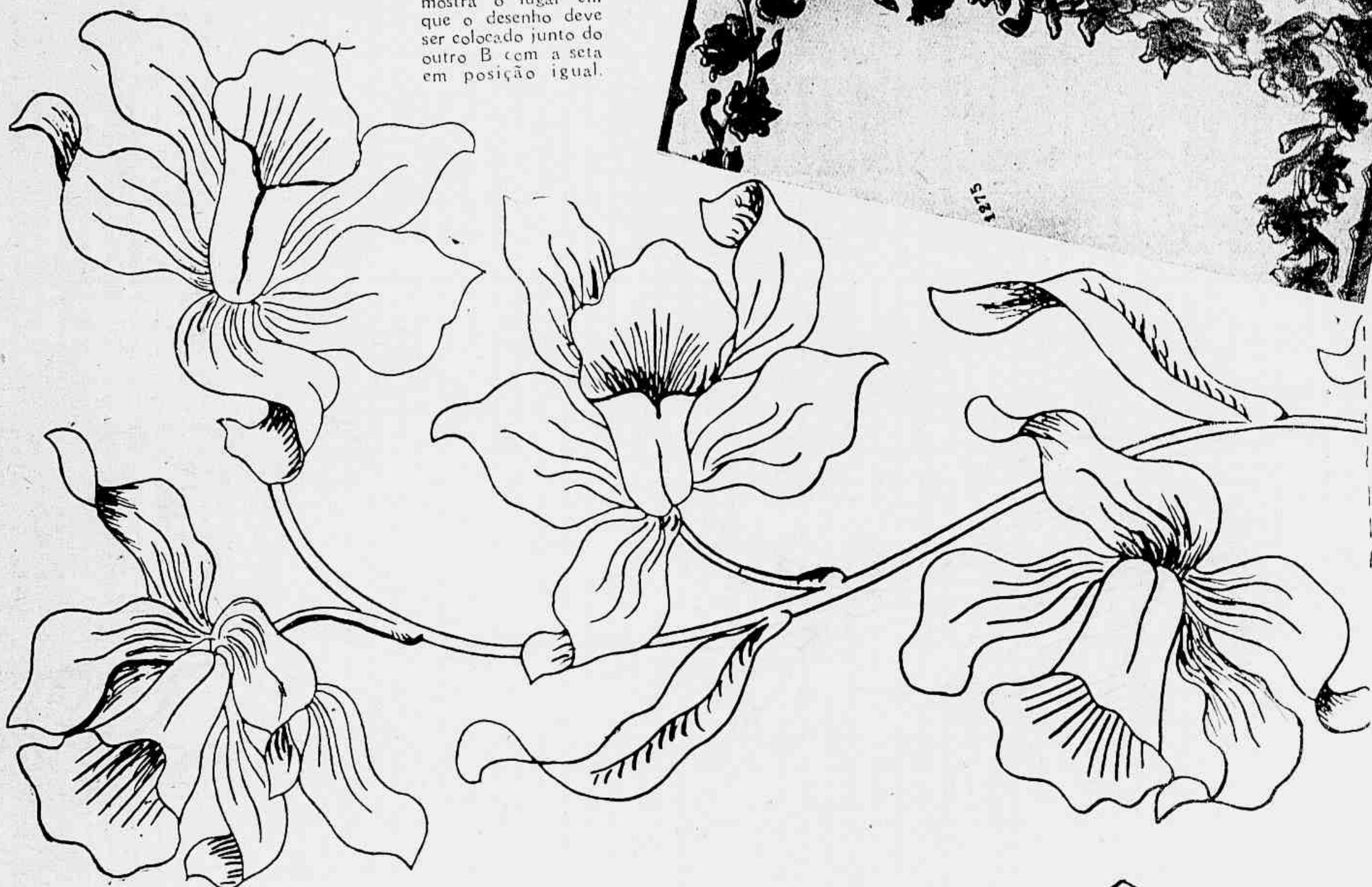
O bordado é aplicado e pôde ser feito com linho granité, com as flôres de cambráia; é de bonito efeito. Os guardanapos levam em cada canto uma flôr só.

Ela pôde também ser feita com o bordado à máquina em ponto granulado ou cheia em matizado, ou linha mesclada. A combinação das côres é muito importante para o efeito geral do trabalho.

Nº2

Este é a continuação da volta da toalha; a seta na letra B mostra o lugar em que o desenho deve ser colocado junto do outro B com a seta em posição igual.

Nº1



F

Modelos da Semana



1 — Em seda branca fingindo casaco com faixas de duas cores fazendo a frente; saia godet. 2 — Vestido em georgette, todo em nervuras e renda. 3 — Vestido estampado com a frente pregueada; a blusa alonga-se para formar as abas de casaco, só na frente. 4 — Interessante vestido de casaquinho com ilhós. As mangas também tem ilhós e o mesmo roulouté da blusa enfiado, mas sem laço. 5 — De corte original este vestido de pastilhas. Pespointos e bolso com dobra da gola. 6 — Este vestido muito original e absolutamente na moda, com seus enfeites de botões e pespointos, é gracioso e juvenil. 7 — Simples em seu corte, é muito gracioso com o laço em fazenda listrada; o da blusa é pregado sob a pala, o da saia sobre o bolso.



8 — Vestido de linho vermelho com a frente branca, enfiada com rou-louté, fazendo laço em baixo. Saia franzida na frente. 9 — Vestido em linho com as bandas de tira formando os bolsos, vizes brancos e botões de fantasia brancos. 10 — Vestido de georgette; a blusa é enfeitada de rendas brancas, saia ampla de pregas presas nas cadeiras. 11 — Combinado de seda azul lisa e estamparia azul em fundo branco; saia ligeiramente drapeada. 12 — Em seda branca com babadinhos plissados e botões de fantasia. 13 — Vestido em seda leve azul ultramar, com uma gola de seda bordada em ponto inglês formando ombreiras.

VESTIDOS JUVENIS E GRACIOSOS PARA FAZENDA LISTRADA

14 — Estilo classico sportivo com enfeites de viés branco. 15 — Um original casaquinho bastante godet, talhado em tiras. 16 — Muito em voga com os bolsos-capuz embutidos no franzido da saia.



SABONETE HIGIENIC HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS CR\$ 1,90

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE



Por JANET MACKENZIE

UM POUCO DE TUDO

O povo da Europa, que foi a maior vítima da guerra compreende perfeitamente o racionamento como cooperação para a vitória e sabe que só uma colaboração sem restrições poderá fazer cessar mais depressa os tremendos bombardeios, a fome e a miséria integral. A mulher que veste o "overall" de operária tem orgulho do seu vestuário porque ele representa o seu esforço de guerra e porque ela sente ser das mais felizes ante os andrôides daquelas que perderam tudo. A família real da Inglaterra tem dado ao seu povo



1 — O casaco de Barbara Hale da RKO tem o estilo marcante da ca-baia chinesa, e a carreira de botões é a última moda para os modelos de Molyneux. E', sem duvida, uma bonita toilette elegante e discreta. As mangas são da fazenda da saia com punho virado da fazenda-fantasia do casaco.

2 — Em um maravilhoso modelo para uma linda toilette de cerimonia ou cocktail. Vestido de seda drapado com a pala em georgette plissado e sobre ele, um bordado fino. Leslie Brooks da Columbia lançou-o como modelo.

3 — Estamos na época dos slacks e Alexis exhibe um muito bonito com a calça branca de brim e a blusa branca com pastilhas vermelhas.

4 — Rico e verdadeiramente lindo este "robe" em acolchoado e bordado em soutache. E' proprio para as noites frias, nestes dias instaveis. Modelo de Rosemary La Planché da RKO que já foi Miss America de 1943.

5 — Muito original esta saia com uma barra de pastilhas brancas, bolso embutido, enfeitado com uma pastilha; a blusa é de "laise" estilo campônio.

6 — Outro modelo em estilo chinês, é este rico pijama de Alex Smith da Warner. A estamparia é "lamé" onde predomina o verde jade, o vermelho coral e o azul da prussia, com toques de amarelo crômo dourado. Calça e faixa azul da prussia.



o mais tocante exemplo de cooperação em toda a linha. A rainha emprega quasi todos os seus cupons de racionamento na compra de meias, luvas e sapatos porque no seu serviço de inspeção percorre quilômetros, e os repetidos apertos, de mão diários lhe inutilizam as luvas. Os seus vestidos são ainda os que ela comprou em 1939 quando visitou os Estados Unidos. Esse exemplo da rainha é seguido por centenas de grandes damas da aristocracia inglesa. Nenhuma mulher, nos países em guerra, teria coragem de exhibir sua coqueterie; pelo contrario, elas contam com orgulho os seus esforços economicos.

Não obstante dizerem que a moda feminina tem tendencia à linha militar, e serem os costumes apontados como exemplo disso, o que vemos na realidade é que a moda raras vezes tem sido tão feminina e tão personalista. Hoje se usa tudo, guardadas, é claro.

A MODA E OS RACIONAMENTOS



certas normas; mas mesmo os costumes não são da linha rígida antiga, chamada alfaiate; eles tem franzidos e pregueados, são bordados e têm também, para realçar-lhes a severidade, as golas de renda e os jabots muito encantadoramente femininos. Os vestidos de meia estação, e que estão sendo muito uteis às mudanças bruscas de temperatura, como costumam ser confeccionados em seda mais pesada e em cores mais escuras, também são enfeitados de "laise" ou bordado inglês, que lhes dão frescura.

Os vidrilhos e lantejoulas, cujo uso gerou um abuso inconcebível, estão sendo menos usados e assim mesmo só em vestidos de noite.

Os vestidos para manhã devem ser sempre sóbrios, e para acompanhá-los os chapéus também devem ser simples, canotier de palha ou outro material, chapelinhos de organza ou laise, ou ainda "crochet", boinas com grampos originaes; os véus são mais grossos, e as luvas também próprias para a estação e o resto do vestuário. Estes preceitos deveriam ser sempre repetidos para que a mulher brasileira, como a de outras terras tropicais, procurassem adaptar a moda à hora, ao clima e às circunstâncias. Vestir-se bem é uma economia, ainda que isto pareça paradoxo; mas a mulher que se veste bem não gasta inutilmente em fitas, flôres, plumas, gazes e jóias de fantasia, porque o seu guarda-roupa precisa ter uma boa coleção de vestidos esportivos de fazenda de algodão e chapéus também simples. E além disso o vestido simples está sempre na moda. Não fica muito visto, porque é discreto. E, parece-me que eu já disse uma vez, que a mulher verdadeiramente elegante é discreta, na escolha tanto das cores como dos modelos.

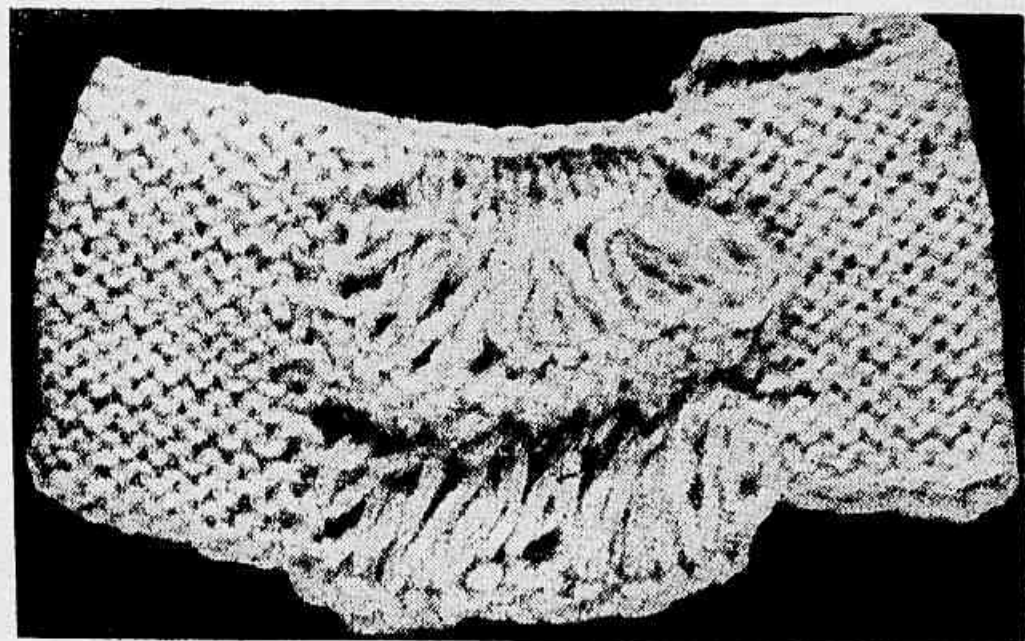


Seu tricô

Manhanita

e

chinelos



AMOSTRA DO PONTO



MANHANITA

CHINELOS

PONTOS EMPREGADOS PARA O CORPO :

- 1.^a carreira — 15 avesso — oito vezes seguidas; 1 direita, 1 laçada, 15 avesso.
- 2.^a " — 1 ponto, direita.
- 3.^a " — 15 avesso — 16 direita, 15 avesso.
- 4.^a " — 15 direita, quinze vezes 1 direita, 3 laçadas 16 direita.
- 5.^a " — 15 avesso, se estiram os pontos soltando as laçadas e se tecem 16 p: do direito, 15 vezes.
- 6.^a " — 15 p: do direito, 1 laçada dupla, 3 juntos pelo avesso, novamente 3 juntos pelo avesso, 2 juntos pelo avesso, novamente 2 juntos pelo avesso, 3 juntos pelo avesso, 3 juntos pelo avesso, 1 laçada, 15 direito.
- 7.^a " — 15 p. avesso — 8 direito — 15 direito. Se começa novamente na primeira.

EXECUÇÃO

Com 317 pontos começa exatamente no ponto explicado, quando tiver 32 carreiras tecidas (4 vezes a explicação) se tomam 2 juntos no principio e fim das partes dos 15 ps do avesso, afim de diminuir-los menos nos 15 do principio e do fim onde só se fará a diminuição que fica junto das ondas. Faz-se isto para que os lados da frente fiquem em linha réta.

Esta mesma diminuição se faz por quatro vezes, mas a igual distancia de carreiras de modo que nas 160 não ficarão sinão 5 p. do avesso entre as ondas e 10 avesso de cada lado. A essa altura se tecem os primeiros 44, se fecham 13, segue tecendo sobre os 78 que ficam, se fecham outros 13 e se vai até o fim da carreira com os 44 que restam. Tomam-se na seguinte os primeiros 44 e do lado separado, carreira por meio, se tomam os 2 de principio juntos, até ter diminuido 10 pontos. Deixa-se esta parte também de lado até fazer a outra frente. Fica tudo de lado, com 207 p. se começa cada

manga em ponto de fantasia, diminuindo a parte em jersey, pelo avesso, cada 14 carreiras. Quando ficarem 5 pontos na parte de jersey, fecham-se 5 de cada lado e se continua tomando juntos os dois da beira, até ter diminuido 10 p. mais de cada lado. Terminadas as duas se intercalam entre as costas e as frentes, para trabalhar com todos os pontos que deverão ser 320. Os primeiros 10 de cada lado vão em Santa Clara (tecendo sempre pelo direito) e os 300 de entremeio se trabalham com jersey e belotas sobre o direito fazendo assim: 1.^a, 3.^a e 5.^a carreiras: 10 Santa Clara beira 1 direito, 9 avesso, 10 Santa Clara. 2.^a, 4.^a e 6.^a — Os pontos como se acham.

7.^a — 10 Santa Clara, 1 p. tecido, 7 vezes (1 direito, 1 avesso) 2 juntos do avesso, 5 avesso, 2 juntos avesso, 10 Santa Clara. 8.^a carreira — 10.^a, 12.^a, 14.^a — Os pontos como se encontram. 9.^a carreira — 10 Santa Clara, 1 diminuição simples; 3 avesso, 2 juntos, 7 avesso — 10 Santa Clara. — 11.^a carreira — 10 Santa Clara — 1 diminuição simples, 1 avesso, 2 juntos, 7 avesso, 10 Santa Clara. — 13.^a carreira — 10 Santa Clara — 1 diminuição dupla, 7 avesso, 10 Santa Clara. — 15.^a e 17.^a carreira — 10 Santa Clara, 1 direito, 7 avesso, 10 Santa Clara. — 16.^a e 18.^a carreira — como se acha. 19.^a carreira — Torna-se a formar outras belotas em cima das anteriores, da mesma maneira e se diminui a parte em jersey pelo avesso, como se fez anteriormente; terminadas as belotas se fazem 4 carreiras mais de 1 p. direito, 5 p. avesso e se fazem outras carreiras com belotas. Assim vai sucessivamente até não haver mais motivos de belotas depois da 4.^a vez, sinão 1 direito e 1 avesso que se dim. por meio de diminuição dupla. Com estes pontos se fazem 10 carreiras de elastico (1 dir. 1 aves: sem contrariar) e se fecham os pontos. Os 90 ps. restantes são fechados de 1 só vez. Esta manhanita não se passa. Laços de fita fecham a frente.

O CHINELO

Compra-se a palmilha da sola e se acolchôa com setim. Começa-se a parte tecida com um meio ponto que se vai aumentando de 1 em 1, volta por meio, com 2 meios pontos no fim, sempre do mesmo lado até ter 6. Com eles se trabalha sempre em meio p. tomando a laçada de dentro sómente até ter a largura suficiente para prender na sola, cobrindo o pé. Se diminuem os pontos do mesmo lado em que se aumentaram até ficar 1 só, e se fecha. Se cose na sola com 1 tira. O outro lado igual. Se trabalham 2 carreiras de laçadas largas ao redor da parte que faz ponta e se dobra para cima do pé. Termina fazendo crochet com linha de seda lustrosa ao redor do babado.

ilencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Código número dois

(Continuação da pág. 24)

os amigos do patrão, que se divertia com o ar desaprovador do mordomo ante o procedimento pouco protocolar da maioria dos frequentadores da casa de Bland. E, além do mais, um criado tagarela é o que um homem como Bland necessita. Assim, ele sabia sempre o que o outro estava pensando.

Mandou-o pôr uma carta no correio e fazer entrar Grigsby.

Esperou ouvir bater a porta principal para perguntar a Grigsby o que o trazia.

Grigsby foi trancar a porta e voltou.

— Está seguro de que **ele** sabia o número dois?

Bland assentiu. Grigsby ficou pensativo.

— Não importa saber como o obteve — o que interessa é quem conseguirá encontrá-lo agora.

Bland perguntou:

— Que aconteceu? Acabo de chegar.

— O código está em Londres. Assim que ele morreu foi expedido um cabograma para Valparaíso pelas autoridades de Bruxelas. O cabograma era dirigido a um tal Van Hecch — provavelmente agente alemão. Aqui está a mensagem.

Tirou do bolso a carteira, em cujo fôro se achava escondida uma tira fina de papel. A mensagem era breve e estava redigida em espanhol:

"Casa de Schiller em Londres."

— Interessante! — exclamou Bland. — Schiller nunca teria copiado o código. Era inteligente de mais para cometer este erro. Entretanto, para que as autoridades alemãs consentissem no contrato como ele o queria, deve ter dado a elas alguma prova de que o segredo do código número dois não moreria com ele. Combinou-se, provavelmente, que este homem do Chile ficasse sabendo onde estava escondido o código, sendo que o local ele só veio a saber depois da morte de Schiller. Ele com certeza deixou entre os seus papéis um envelope endereçado às autoridades.

— Acho que o senhor tem toda a razão, mas é um problema sério, porque Schiller deve ter escondido muito bem o código.

— Tive que matá-lo. A vida de trinta homens dependia da dele. Provavelmente sabia onde estavam operando e esperava a primeira mensagem em código para mandá-los prender e fuzilar.

— E o seu sucessor também saberá tudo isso. Hoje mesmo vou revistar cuidadosamente a casa em que Schiller morou aqui em Londres.

Foi em vão.

Durou mais de uma quinzena a busca e nela tomaram parte os melhores agentes de que dispunha o Serviço Secreto. Desmontou-se a mobília, levantou-se o soalho. Nada.

— Sou capaz de jurar que está aqui — disse Bland.

Finalmente, convenceu-se da impossibilidade de descobrir o que queria sem a ajuda da mais eficiente funcionária do Serviço.

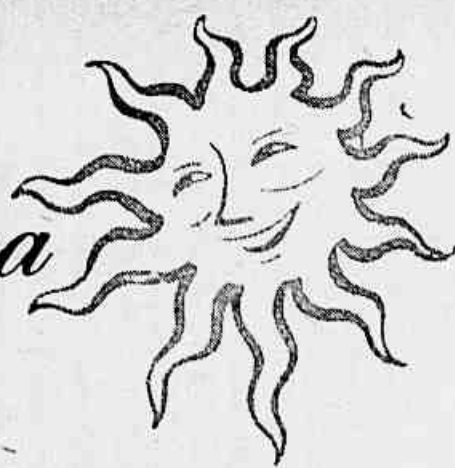
— Onde está May Prince?

— Está trabalhando na "Censura".

(Continua na pág. 48)

As sereias de Copacabana

NÃO TEMEM O SOL...



protegem a pele com LEITE DE COLONIA!

Siga o exemplo das jovens que despertam a admiração de todos, com a elegância de seu porte, a maciez de sua pele adoravelmente amorenada... Faça, diariamente, o que elas fazem, antes de sair para a praia e para o passeio ao ar livre: aplique Leite de Colonia sobre o rosto, colo e braços. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia evita sardas, protege a pele contra queimaduras e concorre para aumentar a sua maciez. Leite de Colonia limpa, amacia e protege a pele!



Leite de Colonia

J.W.T.

O DISCO DA MORTE

(Continuação da pág. 15)

— Tragam-me a primeira criança que passar diante desta porta.

O homem entrou quase em seguida, trazendo Abby pela mão.

Ela se dirigiu ousadamente para o chefe de Estado e, sem cerimônia nenhuma, pulou em seus joelhos, dizendo:

— Conheço-o muito bem, senhor! E' o Lord General. Já o vi muitas vezes passar diante de nossa casa. Todo mundo tem-lhe medo, menos eu.

Um sorriso adocou as linhas severas do semblante de Cromwell.

— Que tal? Não se lembra mais? Pois olhe, nunca me esqueci do senhor.

— Não me esquecerei nunca mais de ti, dou-te minha palavra. Seremos sempre bons amigos.

— Que bom! Mas então embale-me, como faz meu paizinho.

— Com muito prazer, pois recordas-me muito minha filhinha. Quando tinha a tua idade era assim, mimosa e gentil como tu. Que Deus te abençoe por isto.

— O senhor gostava mesmo muito de sua filha? Papai também gosta muito de mim.

— Oh, sim! Amava-a muito. Ela comandava e eu obedecia.

— Gosto, então, muito do senhor; quer me dar um abraço?

— Certamente, mas isto é um privilégio. Pronto, este beijo é teu, e agora outro,

destem como si fôsse para ela. Tu a representas, e agora o que me ordenares farei.

A criança bateu palmas, radiante, e, depois, ouvindo o tambor, gritou:

— Soldados, soldados. Lord General e Abby querem vê-los.

— Tu os verás daqui a instantes, porém quero primeiro encarregar-te de uma missão.

Um oficial entrou e saudou baixinho, dizendo:

— Já estão preparados.

Retirou-se em seguida.

O General deu, então, a Abby três pequenos discos de cera: dois brancos e um vermelho.

O vermelho devia designar qual dos três coroneis sofreria a pena de morte.

— Que beleza, este vermelho! E' para mim?

— Não, pequenita; vais levantar a porta desta cortina, que está encobrindo uma porta aberta. Ali devem estar três homens de costas voltadas para teu lado, com as mãos voltadas para trás. Cada um estará com uma das mãos abertas, nas quais colocará uma destas coisinhas. Quando acabares, vem para perto de mim.

Abby desapareceu por trás da cortina.

Ficando só, o general disse consigo:

— Só Deus sabe a quem caberá a escolha que fará esta inocente mensageira que Ele me enviou.

A criança, deixando cair a cortina atrás de si, ficou imóvel um instante, espantada com a meia escuridão que reinava no quarto e com a imobilidade dos soldados e dos prisioneiros.

De repente, sua fisionomia iluminou-se:

— Ah! — disse ela baixinho — aquele é meu pai. Estou reconhecendo suas costas. Ele é que vai ganhar o mais bonito.

Correndo então para os prisioneiros, pôs os discos nas mãos abertas e, depois, metendo-se sob o braço do pai, toda sorridente, disse-lhe:

— Papai, papai, olhe o que você tem na mão; dê-lhe o mais bonito.

Ele deitou um olhar sobre o fatal presente, caiu de joelhos e, tomando a filhinha nos braços, desfez-se em prantos.

Os soldados, os oficiais e os prisioneiros, testemunhas desta horrível tragédia, não puderam conter as lágrimas.

(Continua na pág. 49)



Três elegantes modelos vivos de Hollywood, a serviço da elegância feminina. Ao alto, à esquerda, Lana Turner em uma delicada "toilette" de noite, realçada pelos encantos da famosa "estrela". À direita, e em baixo à esquerda, Bonita Granville em dois vestidos de passeio, cada qual mais irresistível. Finalmente, Donna Reed em traje de "soirée". (Fotos M.G.M.)





Estes quatro modelos completam o naipe dos anteriores e são: Irene Manning, ao alto à esquerda, num bonito "slack", calça branca e blusa azul com jabot do mesmo pano e renda na beira. À direita, Annie Edwards em traje próprio para a praia. Em baixo, à esquerda, Vicky Lane num conjunto de interior, muito agradável, e à direita Mary Ganly exibe um "maillot" de sensação.

(Fotos M.G.M. e Warner).





Código número dois

(Continuação da pág. 45)

— Peça-lhe que venha.
May estava triunfante.
— Sabia que me haveria de chamar.
Bland desculpou-se de não a ter procurado mais cedo.
— Eu me esqueci de você, May. Não a vi mais desde que você me mandou aquele telegrama.
Ela assentiu.
— Schiller morreu, não é?
— Como sabe?
Ela encolheu os ombros.
— Nós, lá na Censura, lemos muitas cartas... Cartas da Holanda com mensagens nas entrelinhas, escritas com leite e ácido fórmico que se tornam bem visíveis si se usa a fórmula correta. Schiller era muito inteligente. Sabia que o pai dele era um erudito suíço, um cego?
Em seguida, perguntou o que queria dela. Bland explicou, rapidamente. A moça conhecia o código número dois de ouvir falar e sabia o segredo que o rodeava, e compreendia a urgência de encontrá-lo.
— A propósito, como soube que ele era agente inimigo?
— Descobri o código dele.
Acompanhada por Grigsby e Bland, ela se dirigiu à antiga moradia de Schiller, que, com o soalho recolocado e a mobília concertada, tinha retomado seu antigo aspecto.
— O código está aqui — anunciou a moça.
Era uma sala espaçosa e acolhedora, forrada com papel marrom. Havia um frizo de madeira da mesma cor nas extremidades superior e inferior do papel, onde principiavam, respectivamente, o teto e o rodapé.
— Já retiramos o frizo: nada — falou Bland.
— Querem deixar-me sozinha um instante?
Saíram os dois homens. Mal chegaram à sala contígua, voltou May, com os olhos brilhantes de prazer.
— Um momento. Quando esperam o chileno?
— Amanhã. O apartamento estará guardado e ele não terá oportunidade de procurar.
Ela concordou com a cabeça.
— Bem, amanhã teremos visita: um cavalheiro de Valparaíso. Quando chegar, quero que me chamem...
— O que é que...
— Esperem. O tal Van Hooch, a quem foi endereçado o telegrama, chama-se, realmente, Raymond Viztelli.
— Como sabe?
— Soube agora mesmo, lendo a mensagem deixada para ele. Posso ainda acrescentar que ele vai oferecer-se para ajudar a descobrir o código, dizendo que há um compartimento na parede e que serão precisos vários dias para descobrir. E, mais, ele vai pedir-lhes que estejam presentes enquanto procura.
— Não será preciso pedir.
— May, você está muito misteriosa.
Ela sorriu e afastou-se.
Antes de sair, fez algumas perguntas ao zelador.
— Schiller decorava ele mesmo o seu apartamento, não é?
— E' verdade.
— E pagou adiantado o aluguel por muito tempo?
— Sim, senhora.
— E recomendou que não mudasse nada no apartamento até ele voltar?
— Isso mesmo.
— Ótimo! Perfeito!
Deixou o zelador boquiaberto.

Às dez horas da manhã seguinte, Bland recebeu um cartão.

"Señor X. Beltramo Silva".
E, num canto: "Valparaíso".
Bland tocou uma campainha. Entraram May e Grigsby.
— Ele está aí.
— Mande-o entrar — aconselhou a moça.
Señor Silva saudou-os com abundância de gestos. Era um homem muito alto, com a barba bem tratada e voz forte.
— Serei muito franco, sr. Bland — disse. Bland quase ri. — Durante algum tempo trabalhei para os seus inimigos. Digo-lhe isso porque quero que compreenda a minha situação. — E prosseguiu: — Na América do Sul pensava estar livre dos meus ex-patrões. Há poucas semanas recebi um telegrama que tinha sido interceptado pelas autoridades britânicas. Sabia, é claro, que, si acontecesse certo acidente, eu seria forçado a vir a Londres para procurar determinados documentos de grande valor. Tinham-me dito ainda que eu seria informado, por telegrama, do lugar onde estavam estes papéis. Chegou o telegrama. Eis-me aqui!

Gesticulava com os enormes braços, e, ao terminar essa frase, abriu-os, teatral.

— Vim, logo, procurá-lo, porque, antes de chegar aqui, decidi que não valia a pena arriscar-me, tendo somente, à minha frente, uma promessa, tentadora, é verdade, mas problemática.

May acertara.
— Por isso, vou ajudá-los na sua busca e, depois, si me permitirem, voltarei para Valparaíso.
— Compreende que a busca...
— Será feita sob a supervisão da polícia. Prefiro assim.
— Quando quer começar?
— O mais breve possível.
— Um momento — interrompeu May. — O senhor tem boa memória?
— Excelente, señorita.
— Ah!

Chegados ao apartamento, Bland perguntou:
— O senhor tem alguma idéia de como efetuar a busca?
— Sim. Creio que os documentos estão escondidos num compartimento secreto embutido na parede. Podemos levar uma semana ou mais para encontrá-lo, mas encontraremos.

Novamente May acertara.
Bland viu o triunfo espelhar-se nos olhos dela. Virou-se, então, para o homem de Valparaíso.
— Mãos à obra!
Silva não se fez de rogado.
— Começarei por esta parede. Vou procurar o esconderijo. Tenho os dedos muito sensíveis.
Estendera a mão e ia tocar a parede, quando May levantou-se e segurou-a.
— Pare!
Señor Silva voltou-se, surpreso.
— Diga-me, senhor, tem amor à vida?
O chileno encolheu os ombros.
— Naturalmente, señorita, mas confesso que não vejo o que isso tem a ver com a busca que vamos realizar. A señorita está desperdiçando tempo precioso. Deve saber a importância do que procuramos. Por que nos perturba?
May, sem responder, virou-se para Bland:
— Si este homem conhecer o código número dois, que lhe acontecerá?
— Será fuzilado.
Ela sorriu.

— Pode continuar, agora, si quizer, señor Silva. Mas começou mal. O código está mais à direita. Quer prosseguir?

Ele sacudiu a cabeça, vencido.
Bland mandou chamar alguns de seus agentes, que levaram o homem num carro. Em seguida voltou-se para May.

— E, agora, quer ter a bondade de explicar o mistério?

Ela aproximou-se da parede, perto da porta, e tocou o papel com os dedos.

— Toque — convidou.

Bland chegou os dedos ao papel da parede, desajeitado. Sentiu uma aspereza nos dedos. O papel não era liso. De repente, compreendeu.

— Braille!

A moça confirmou.

— Eu lhe disse que o pai de Schiller era cego E, evidentemente, Silva conhecia o alfabeto Braille.

Ela correu os olhos pela parede.

— Há sete linhas escritas aqui, em volta do quarto — explicou. — Schiller mesmo colou o papel de parede aos pedaços, à medida que ia fotografando o código. A primeira linha começa assim: "Pra Raymond Viztelli: Continue fingindo ajudar polícia. Seja franco, como lhe aconselhei. Diga que há um compartimento secreto e conseguirá vir aqui freqüentemente. Decore o código. Abraço significa"...

Bland segurou a mão dela e afastou-a.

— Si você quiser jantar comigo hoje à noite não continue a investigação...

Era um aviso.

Naquela mesma tarde, Bland andou rasgando papel de parede. Singular ocupação para um membro do Serviço Secreto. Mas, em todo o caso, o que fez à noite não foi surpreendente. Porque, afinal de contas, os homens são humanos — mesmo os agentes secretos — e, além de um jantar delicioso, ele tinha, perto de si, uma moça muito bonita chamada May Prince...

A família toda delicia-se com pratos feitos com a insuperável

MAIZENA DURYEA

Alem de facilitar a tarefa culinária, Maizena Duryea estimula o apetite e dá ao organismo mais energia e vitalidade. Todos ficarão encantados com a enorme variedade de pratos feitos com Maizena Duryea.

Pratos feitos com Maizena Duryea — a delícia das crianças.

À VENDA EM TODA PARTE



DESFILE DE MODELOS

1 — Vestido de shantung verde com viéses de setim verde mais escuro; botões de fantasia.

2 — Vestido juvenil para o verão, a blusa tem um motivo de cadarço vermelho; a saia de panos embutidos é arrematada em cada um com um bordado em ponta de flexa.

3 — Vestido estampado com babadinhos de orguzo.

4 — Vestido de "pois" fingindo casa co de um ado; saia talhada em forma.

5 — Costume estilo alfaiate em fazenda listada; saia lisa, reta e estreita, com uma prega fechada na frente.

ADVERTISING

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O

OLEO de VIOLETAS
de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANA PARAMES & IRMAO RUA DA ALFANDEGA 181

TONICO PODEROSO, QUE DA A PELE AS VITAMINAS NECESSARIAS A SUA BELEZA.
CATALOGO GRATIS PELO CORREIO

O DISCO DA MORTE

(Continuação da pág. 45)

No fim de alguns minutos, o oficial de guarda avançou contrafeito para seu prisioneiro, tocou-lhe no ombro, dizendo:

— Isto me dói muito, coronel, mas o dever me obriga.

— Que negócio é este? — disse a criança. — Eu é que preciso levá-lo. Fico zangada. Quer levar papai. Não deixe, mamãe está doente e eu vim buscá-lo.

Assim falando, trepou nas costas do pai e rodeou-lhe o pescoço com os braços.

— Anda, paizinho, vamos.

— Pobre filha! Não posso, é preciso que eu vá com eles.

A criança desceu e, correndo em direção do oficial, bateu com força o pézinho no chão, dizendo indignada:

— Já lhe disse que mamãe está doente, está ouvindo? Quero que deixe papai ir comigo.

E Abby, como um relâmpago, deixou o aposento, voltando logo em seguida com Cromwell pela mão.

Com a terrível aparição todos se esgarçaram. Os oficiais fizeram continência e os soldados apresentaram armas.

— Proiba-lhes, senhor, mamãe está doente, vim chamar papai e quero levá-lo.

O Lord General gritou:

— E' teu pai, meu bem?

— Naturalmente, que é meu pai; foi por isso mesmo que lhe dei o disco mais bonito, o vermelho. Gosto tanto dele...

— Que fazer, meu Deus? — exclamou Cromwell.

Abby, desolada e impaciente, apertou com mais força a mão do Lord General, dizendo: — E' preciso que o senhor o deixe ir comigo. Há pouco prometeu-me que faria tudo que eu ordenasse e, no entanto, a primeira coisa que mando o senhor nega.

A fisionomia de Cromwell iluminou-se como por encanto e, colocando a mão na cabeça da criança, disse alto:

— Agradecemos a Deus ter-me inspirado esta promessa, e agradeço, também, a ti, incomparável menina, de me teres lembrado. Oficiais — acrescentou — obedecem a sua ordem; ela fala em meu nome. O prisioneiro está perdoado. Ponham-no em liberdade.

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

EXTRACAO Nº 1110 C/Ex. Nº 1117 C/Ex.

LOCÃO Nº 1120 Nº 1121 Nº 1122

EXTRACAO Nº 1110 C/Ex. Nº 1117 C/Ex.

PO Nº 1150

BRILHANTINA Nº 1112

SABONETE Nº 1100-F Nº 1101-F Nº 1102-F Nº 1103-F

T. IARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Você Sofre De Afecções Da Pele?

Quantas vezes V. sofre de coceiras horríveis, ardores constantes, erupções de eczema e desespera por não encontrar alívio. Entretanto, numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo tratamento científico: o emprego de BELZEMA, que é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra imediatamente na pele, combatendo as eczematides, psoríasis, erupções, vermelhidões, coceiras e outras afecções da pele.

BELZEMA já aliviou as mais rebeldes erupções da pele em pouco tempo, muitas vezes em moléstias já bem antigas. BELZEMA foi aplicada, as coceiras cessaram imediatamente e a pele tornou-se limpa e nova. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras. Não é visível nem sentida, quando aplicada. Use BELZEMA hoje e veja como V. sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

BELZEMA



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

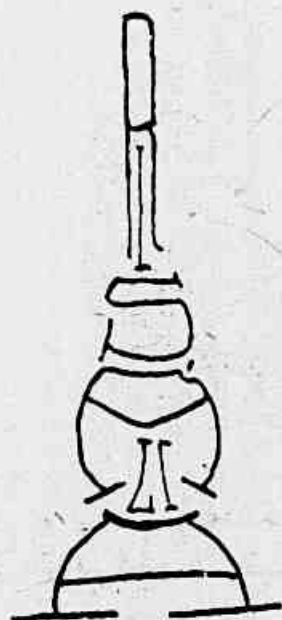


Jumborôza
O SABONETE DO SÉCULO XX

COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS

ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR A CÚTIS E COMBATER A CASPA

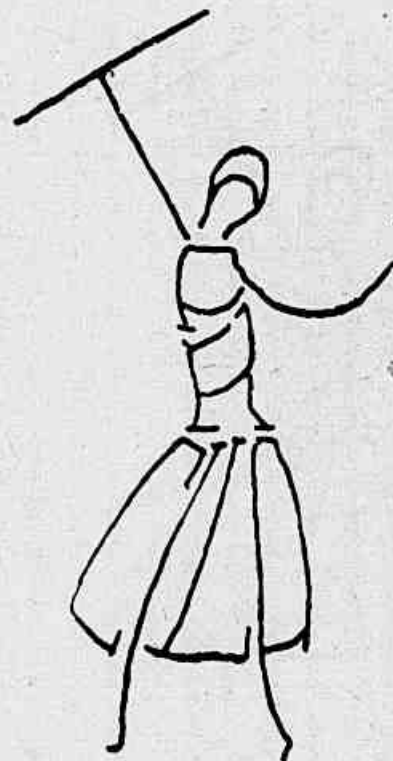
ONOMATOGRAMAS



Risália



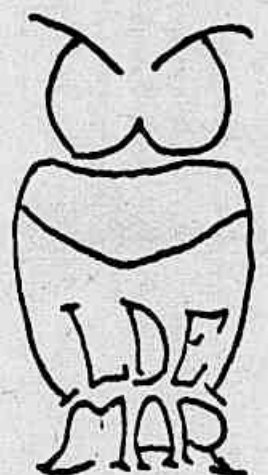
Adamastor



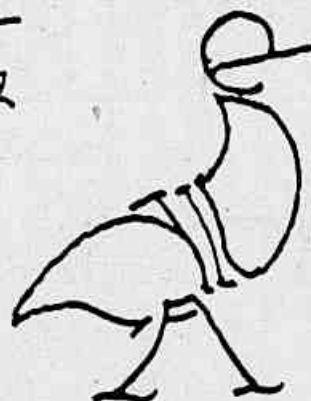
Tarcila



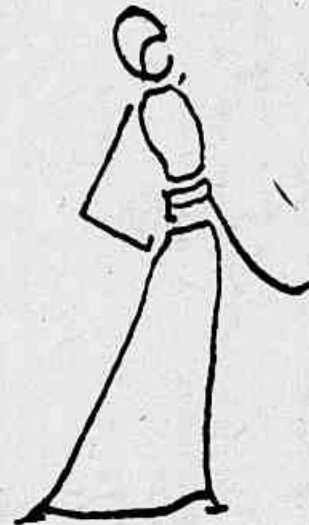
Nini



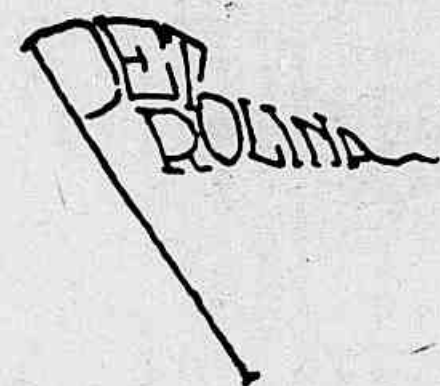
Ada



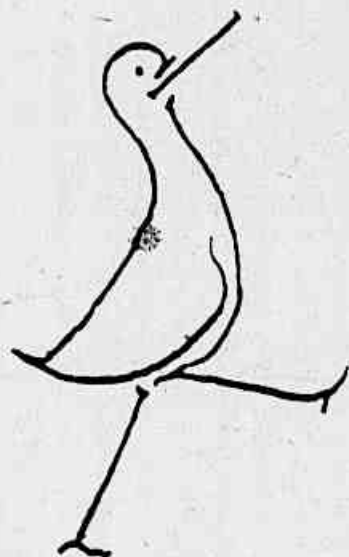
Edina



Elora



Petrólina



Lili



Marioara



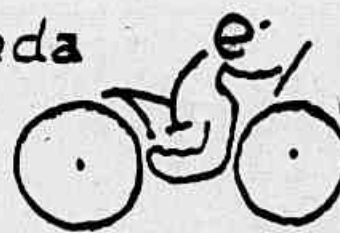
Maurícia



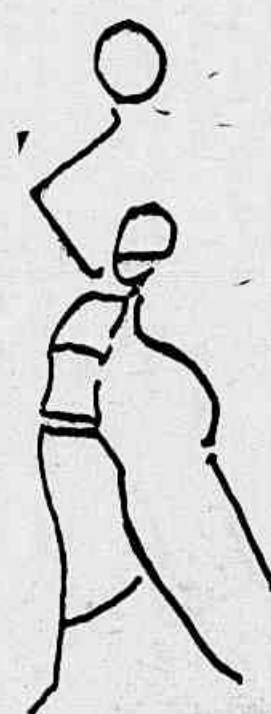
Amélia



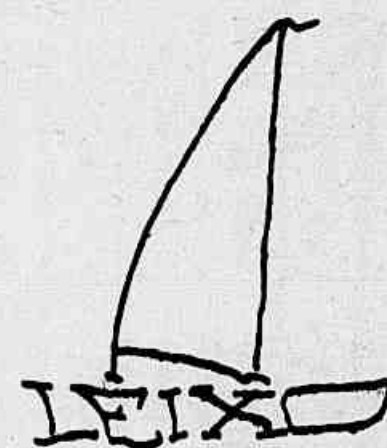
Aorminda



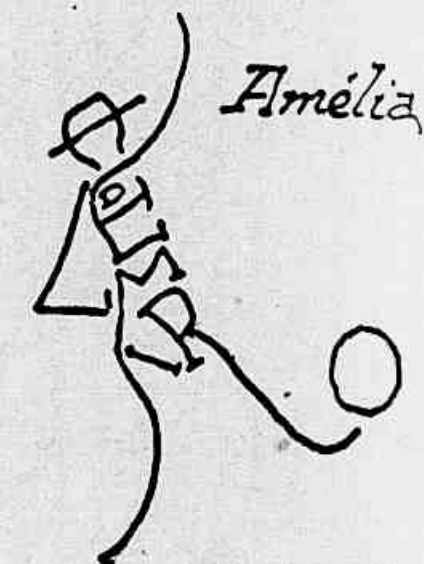
Onésio



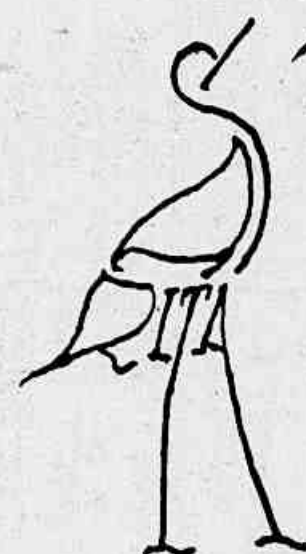
Olésia



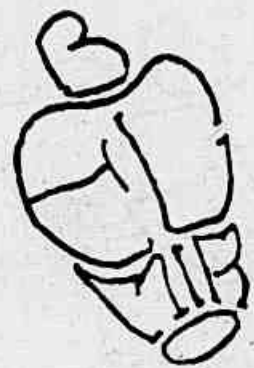
Aleixo



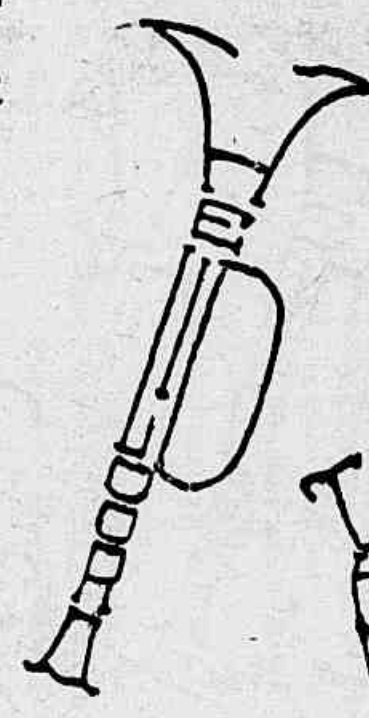
Aldemiro



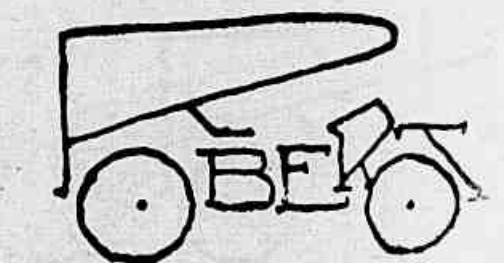
Saritz



Belmiro



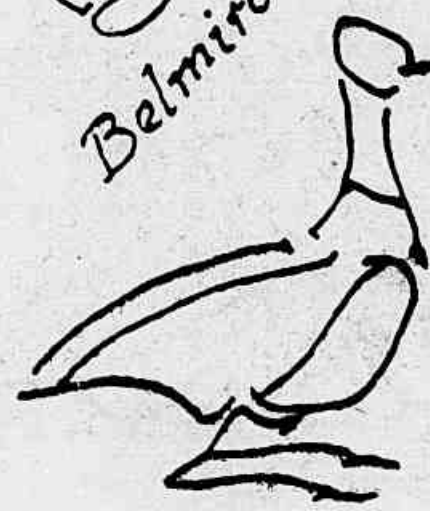
Meliodora



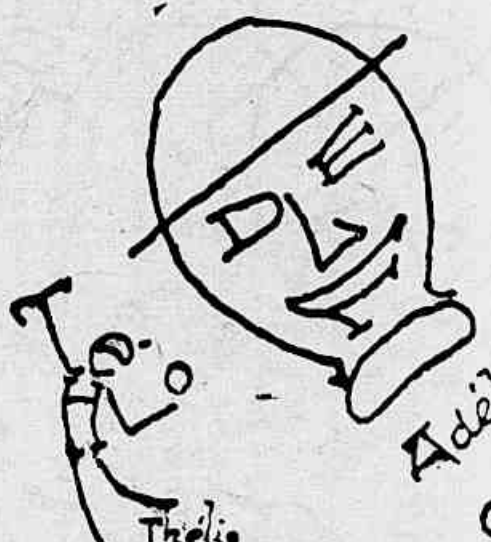
Adelfo



Sylvia



Childe



Thelio



apl de



UM EXEMPLO DE ARTE E BOM GOSTO

O jardim de inverno, longe de ser um aposento abafado, forrado de veludo escuro, o que constantemente aparece nas residências de verão dos "noveaux-riches", deve apresentar o ar alegre e fresco de um verdadeiro jardim, posto que é, de fato, um substituto do parque para os dias nebulosos e frios.

Neste magestoso "winter-terrace" do palacete residencial de um norte-americano, tudo foi idealizado e construído de maneira que desse a impressão de um verdadeiro jardim: Amplas janelas envidraçadas permitem a entrada franca da luz exterior; o mobiliário, disposto em grupos distanciados, deixa em claro um largo espaço, atapetado no centro, onde se colocaram vasos com plantas tropicais, que dão ao ambiente um ar festivo e alegre.

Este não se pode chamar verdadeiramente um modelo apropriado ao clima do nosso país. Entretanto, apresentamo-lo aos nossos leitores como um exemplo de arte e bom gosto.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

ANES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

O PONTO BRANCO
é o sinal de identidade
da SHEAFFER'S
Lifetime garantida
por toda a vida!

Jôgo "TRIUMPH TUCKAWAY" *Lifetime*
com pena "Feathertouch" de ouro de
14 ks. Modelo criada especialmente para
ser transportado com segurança, em qual-
quer posição — em bolsas de senhoras,
bolsos de homens e tûnicas militares

Jôgo STATESMAN
Lifetime com pena
"Feathertouch" de
ouro de 14 Ks.

Um presente que aproxima corações... à distância

UMA carta traz sempre consigo um pouco da alma de quem a escreve... E refletirá melhor ainda um sentimento duradouro, se for escrita com a nitidez de uma SHEAFFER'S *Lifetime* — a caneta tinteiro garantida por toda a vida! A caneta SHEAFFER'S, além da sua beleza e perfeição de joia finamente trabalhada, apresenta qualidades técnicas insuperáveis. O alimentador patenteado FLO-RITE, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "Feathertouch" — toque de pluma — feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER'S, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade de uma pluma. Dê ao ente querido que vai viajar, uma SHEAFFER'S *Lifetime* acompanhada da linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em elegantes estojos para senhoras e cavalheiros — e V. o terá sempre presente nas cartas que ele não se cansará de lhe escrever...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa, aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da quantia de Cr\$ 10,00

"CREST TRIUMPH" *Lifetime*
com pena
"Feather touch" de
ouro de 14 ks

Ensemble
para secretária.

CUBA-TINTEIRO SKRIP

usável até a
última gota.



A tinta SKRIP fabricada especialmente para as canetas SHEAFFER é de fluidez e nitidez absolutas. Resiste à ação do tempo e da água.

Grafite SHEAFFER'S "Fineline" de comprimento duplo. Fina, macia e de maior durabilidade.

SHEAFFER'S

Lifetime

Represent. exclusivos no Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.**

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 47 - 1.º ANDAR
SÃO PAULO: RUA ANCHIETA, 35 - 8.º ANDAR - SALAS 803/5

Standard S 2